

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ANDRÉ LUIZ LOPES CAMARGO

O MOVER DO CORPO SAGRADO: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR EM FACE DA RELIGIOSIDADE DE ESTUDANTES EVANGÉLICOS
NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA (ES)

Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 04/12/2018.

VITÓRIA
2018

ANDRÉ LUIZ LOPES CAMARGO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 04/12/2018.

O MOVER DO CORPO SAGRADO: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR EM FACE DA RELIGIOSIDADE DE ESTUDANTES EVANGÉLICOS
NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA (ES)

Trabalho Final de Mestrado Profissional
para obtenção do grau de Mestre em
Ciências das Religiões das Faculdade
Unida de Vitória.

Programa de Pós-Graduação.

Linha de pesquisa: Religião e Esfera
Pública

Orientador: Dr. Ronaldo Cavalcante.

Vitória - ES
2018

Camargo, André Luiz Lopes

O mover do corpo sagrado / Implicações para a educação física escolar em face da religiosidade de estudantes evangélicos no município de Vila Velha (ES) / André Luiz Lopes Camargo. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.
viii, 105 f. ; 31 cm.

Orientador: Ronaldo de Paula Cavalcante

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

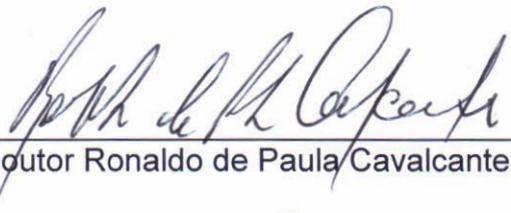
Referências bibliográficas: f. 98-105

1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Corporeidade.
 4. Educação Física. 5. Corpo e sagrado. 6. Consumismo. 7. Corpo e sagrado.
- Tese. I. André Luiz Lopes Camargo. II. Faculdade Unida de Vitória, 2018.
III. Título.

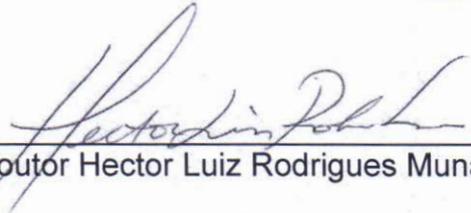
ANDRÉ LUIZ LOPES CAMARGO

O MOVER DO CORPO SAGRADO: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR EM FACE DA RELIGIOSIDADE DE ESTUDANTES EVANGÉLICOS

Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.


Doutor Ronaldo de Paula Cavalcante – UNIDA (presidente)


Doutor Julio Cezar de Paula Brotto – UNIDA


Doutor Hector Luiz Rodrigues Munaro – UESB

RESUMO

O presente trabalho busca correlacionar o estudo do corpo sob o aspecto da Religião e suas relações com a ciência da Educação sob a égide das pesquisas no campo das Ciências das Religiões. Tal temática associando a religião e o corpo, envolvendo a discussão sobre práticas corporais, constitui-se aspecto não muito debatido no meio acadêmico e na Educação Física. Entende-se que a Educação Física, pensada a partir de seus atributos pedagógicos e de valor, pode contribuir com o desenvolvimento de consciência crítica do uso do corpo por estudantes do Ensino Fundamental, oriundos de orientação religiosa evangélica pentecostal, privilegiando a capacidade de leitura consciente do mundo, onde o corpo como espacialidade permite aprendizagens da dimensão humana. Frente ao exposto, a questão problema a ser respondida ao final do presente estudo é: em que medida a Educação Física escolar pode mediar professores do Ensino Fundamental, de orientação religiosa evangélica a atribuírem valor e sentido críticos e conscientes ao uso de seus próprios corpos nas aulas de Educação Física e estabelecerem relações saudáveis entre corpo e religião por um lado e entre os usos do corpo e o compromisso religioso por outro? Vale destacar que o objetivo geral dessa pesquisa é investigar as concepções do uso do corpo que estudantes do Ensino Fundamental têm de seus próprios corpos e como lidam com essas concepções, sentidos e significados em face das aulas de Educação Física que nem sempre em suas práticas e usos pedagógicos do corpo estão pautadas e conciliadas às concepções religiosas de alunos pertencentes a grupos religiosos evangélicos. Considerando o âmbito dessa pesquisa, a justificativa para seu desenvolvimento reside na necessidade de se conhecer como a educação pode ser plena, pensada e problematizada no enfrentamento da multiplicidade de orientações valorativas. Entende-se que não há a garantia de uma vida moral através da orientação teórico-educativa, mas só a estabilização de hábitos, o que aponta para a multiplicidade de experiência. O estudo mostrou que há muitos/as alunos/as frustrados/as, infelizes com a própria condição física, no interior das escolas, privados/as de parte importante de seu lazer e, pior, da carga de conhecimento corpóreo a que tem direito. Contudo, a Educação Física pode atuar no sentido de fazer com que os/as estudantes compreendam melhor o próprio corpo, por entenderem quais os significados do corpo nos esforços de alienação e consumo nas sociedades contemporâneas. Diante do exposto, cabe investigar, a partir do entendimento dos professores de Educação Física, quais os principais conflitos e tensões emergentes na vida de estudantes do Ensino Fundamental, quando confrontados com sua auto-imagem, sua corporeidade e os conceitos de usos do corpo adquiridos e internalizados pela doutrina cristã em contraponto aos conceitos científicos e pedagógicos desenvolvidos nas aulas de Educação Física diante da pluralidade dos contextos educacionais, seculares, culturais.

Palavras-chave: Corporeidade – Consumismo – Educação Física – Religião – Sagrado.

ABSTRACT

The present work seeks to correlate the study of the body under the aspect of Religion and its relations with the science of Education under the aegis of research in the field of Sciences of Religions. Such a theme associating religion and the body, involving the discussion about corporal practices, constitutes an aspect not much debated in the academic environment and Physical Education. It is understood that Physical Education, based on its pedagogical and value attributes, can contribute to the development of a critical awareness of the use of the body by primary school students, derived from a Pentecostal evangelical religious orientation, privileging the ability to read consciously of the world, where the body as spatiality allows learning of the human dimension. In view of the foregoing, the question to be answered at the end of the present study is: to what extent can school physical education be used by primary school teachers of evangelical religious orientation to attribute critical and conscious value and sense to the use of their own bodies in physical education classes and establish healthy relationships between body and religion on the one hand and between the uses of the body and religious commitment on the other? It is worth mentioning that the general objective of this research is to investigate the conceptions of the use of the body that Primary school students have of their own bodies and how they deal with these conceptions, meanings and meanings in face of Physical Education classes that are not always in their practices and pedagogical uses of the body are guided and reconciled to the religious conceptions of students belonging to evangelical religious groups. Considering the scope of this research, the justification for its development lies in the need to know how education can be full, thought and problematized in facing the multiplicity of value orientations. It is understood that there is no guarantee of a moral life through the theoretical-educational orientation, but only the stabilization of habits, which points to the multiplicity of experience. The study showed that there are many frustrated students, unhappy with their own physical condition, inside schools, deprived of an important part of their leisure, and, worse, the burden of bodily knowledge to which they are entitled. Physical Education, however, can work to make students understand their own body better by understanding the meanings of the body in the efforts of alienation and consumption in contemporary societies. In view of the above, it is necessary to investigate, from the understanding of Physical Education teachers, the main conflicts and tensions emerging in the life of elementary students when confronted with their self-image, their corporeity and the concepts of acquired body uses and internalized by Christian doctrine as a counterpoint to the scientific and pedagogical concepts developed in Physical Education classes in the face of the plurality of educational, secular and cultural contexts.

Keywords: Corporeity – Consumerism – Physical Education – Religion – Sacred.

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

JOEMVV – Jogos Estudantis de Vila Velha.

SEMED – Secretaria Municipal de Educação.

UFU – Universidade Federal de Uberlândia.



LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por gênero.....	62
Gráfico 2 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por idade	63
Gráfico 3 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por religião	64
Gráfico 4 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por formação acadêmica.....	65
Gráfico 5 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por tempo de experiência como docentes de Educação Física	66
Gráfico 6 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por tempo de experiência como docentes de Educação Física, lotados no município de Vila Velha (ES)	67
Gráfico 7 - Avaliação dos/as professores/as sobre a postura de seus/suas alunos/as em relação ao próprio corpo.....	68
Gráfico 8 - Avaliação dos/as professores/as sobre a postura de seus/suas alunos/as em relação às questões éticas (compaixão, solidariedade, gentileza, respeito e afins)	70
Gráfico 9 - Avaliação dos/as professores/as sobre a relação entre a Educação Física e a orientação religiosa, no que diz respeito ao corpo dos/as alunos/as	72
Gráfico 10 - Avaliação dos/as professores/as sobre a relação à contribuição da Educação Física para a maior compreensão do próprio corpo, por parte dos/as alunos/as.....	75
Gráfico 11 - Avaliação dos/as professores/as sobre seus/suas alunos/as em relação ao consumismo (valorização da moda, superestima por marcas e afins)	78
Gráfico 12 - Avaliação dos/as professores/as sobre seus/suas alunos/as no que diz respeito aos/às mesmos/as estarem satisfeitos/as com o próprio corpo	81
Gráfico 13 - Avaliação dos/as professores/as em relação à influência religiosa sobre o entendimento que seus/suas alunos/as têm acerca do próprio corpo	84
Gráfico 14 - Avaliação dos/as professores/as sobre as possíveis tensões entre a influência religiosa e a vontade dos/as alunos/as em relação à visão que eles/as têm do próprio corpo	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O CORPO NA RELIGIÃO – A VISÃO DE CORPO NO CRISTIANISMO E O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA	14
1.1 O corpo na história	14
1.2 O corpo no Cristianismo: um corpo em silêncio, proibido	20
1.3 O corpo na Idade Média: desprezo e mortificação do corpo-paradoxal	23
1.4 O novo corpo: a “era moderna”	26
2 HEDONISMO E CONSUMISMO: O CORPO NA PÓS-MODERNIDADE.....	37
2.1 Os tempos hipermodernos	41
2.2 Consumismo	44
2.3 A valorização do corpo na sociedade de consumo	48
2.4 Corporeidade, Educação Física e espiritualidade	51
3 O CORPO E A RELIGIOSIDADE DE ESTUDANTES EVANGÉLICOS DE VILA VELHA, SEGUNDO OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	58
3.1 Metodologia	58
3.2 Caracterizando o município de Vila Velha (ES).....	60
3.3 Resultados e avaliação da pesquisa de campo	62
3.3.1 Caracterização básica dos/as respondentes.....	62
3.3.2 Principais resultados da pesquisa de campo	68
3.3.3 Sugestões e recomendações	88
CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE	101
ANEXO.....	105

INTRODUÇÃO

O corpo humano sempre foi objeto de estudo de várias áreas da Ciência e da Filosofia, através do tempo e da história. Atualmente, os estudos sobre o corpo têm adquirido um discurso e uma dimensão de caráter interdisciplinar. O foco nas relações entre corpo e religiosidade costuma ser apropriado pela área de Ciências Sociais, porém, encontram-se na Sociologia e na Antropologia as grandes articulações e discussões relacionadas a esse tema.

Sendo assim, o presente trabalho busca correlacionar o estudo do corpo sob o aspecto da Religião e suas relações com a ciência da Educação sob a égide das pesquisas no campo das Ciências das Religiões. Tal temática associando a religião e o corpo, envolvendo a discussão sobre práticas corporais, constitui-se um aspecto não muito debatido no meio acadêmico e na Educação Física.

Assim, no contexto deste estudo, entende-se que o corpo é o maior veículo de inserção e existência no mundo. Através dele o ser humano existe. O ser-no-mundo se constitui por um corpo e um ser no mundo e, no mundo (no ambiente) que este ser estabelece todas as suas relações e significações. O corpo é o meio geral de ter um mundo e estar nele. Aqui denomina-se o corpo como o “grande receptor e o grande comunicador”, sendo através dele que as relações são estabelecidas: ser humano – mundo – seres humanos (socialização).¹

Da mesma forma, as manifestações e as expressões religiosas, existem desde os primórdios dos tempos. O ser humano, desde a idade da pedra, gravava nas rochas cenas que representavam no escopo dos acontecimentos de sua vida ações que representassem simbolicamente algo vivido, importante e que remetesse às emoções. Desenhava, dessa forma, o ato da caça, da alimentação, vida e morte, entre outros. É possível aludir que tais imagens possuíam cunho religioso, em rituais fúnebres e de adoração em face da ação de fenômenos incógnitos da natureza; agradecendo pela vida e homenageando aqueles que se foram. Atrelada a possível religião, a atividade física já estava presente nos costumes desses indivíduos como meio de subsistência. Assim, sem as fragmentações ocasionadas pelas crenças e

¹ FERREIRA, Maria Elisa Mattos Pires. O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. *Revista Ciência e Cognição*, v. 15, n. 3, p. 47-61, 2010, p. 48.

punições comportamentais, e sem as restrições sociais emitidas por alguns órgãos religiosos como conhecemos hoje, gozavam plenamente de seus movimentos.²

Por essa perspectiva, a religião, por um lado influi diretamente na formação da personalidade, pois – sendo portadora de símbolos, ritos e gestos – molda comportamentos e significações nos seres humanos, promovendo doutrinas, moldando corpos. Por outro, a educação também exerce papel fundamental na formação dos sujeitos, criando possibilidades de apropriação crítica e criativa dos discursos da cultura formal, informal, do cotidiano, da mídia e dos recursos tecnológicos em si, produzindo, assim, subjetividades e identidades (pessoais e de grupo) a partir da realidade social.³

A partir dessa ampla e híbrida temática, considerando a configuração do atual campo religioso brasileiro e, integrando reflexões no campo da Educação Física, buscando compreender a experiência de agir e interagir com o seu próprio corpo (como espaço-mesmo de novas aprendizagens) e desse corpo com o mundo e com o outro (jogos, lutas, dança) que se experimenta nas aulas de Educação Física escolar (desde o início da escolarização), poder-se-á redimensionar a vida e a compreensão do uso do corpo numa re-significação da experiência do real e do transcendente (corpo/sagrado/santo), pois algumas religiões creem que o ser humano foi criado à imagem e semelhança do criador.⁴

Nesse sentido, entende-se que a Educação Física (como espaço-tempo de aula), pensada a partir de seus atributos pedagógicos e de valor, pode contribuir com o desenvolvimento de uma consciência crítica do uso do corpo por estudantes do Ensino Fundamental, particularmente oriundos de orientação religiosa evangélica pentecostal, privilegiando a capacidade de leitura consciente do mundo, onde o corpo como espacialidade vivida, enquanto espaço-mesmo, permite novas aprendizagens da dimensão humana.

Frente ao exposto, a questão problema a ser respondida ao final do presente estudo é: na visão dos/as professores/as, em que medida a Educação Física escolar pode mediar professores do Ensino Fundamental, de orientação religiosa evangélica a atribuírem valor e sentido críticos e conscientes ao uso de seus próprios corpos nas

² FERREIRA, 2010, p. 49.

³ BISSOLI, Michelle de Freitas. Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 4, p. 587-597, 2014, p. 588.

⁴ BETTI, Mauro; LIZ, Marlene Terezinha Facco. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 135-142, set./dez., 2003, p. 137.

aulas de Educação Física e estabelecerem relações saudáveis entre corpo e religião por um lado e entre os usos do corpo e o compromisso religioso por outro?

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar, com base na opinião dos/as professores/as, as concepções do uso do corpo que estudantes do Ensino Fundamental têm de seus próprios corpos e como lidam com essas concepções, sentidos e significados em face das aulas de Educação Física que nem sempre em suas práticas e usos pedagógicos do corpo estão pautadas e conciliadas às concepções religiosas desses alunos pertencentes a grupos religiosos evangélicos.

Considerando o âmbito dessa pesquisa, a justificativa para seu desenvolvimento reside na necessidade de se conhecer como a educação pode ser plena, pensada e problematizada no enfrentamento da multiplicidade de orientações valorativas, e não apenas uma única vertente de conhecimento e verdade. Entende-se que não há a garantia de uma vida moral através da orientação teórico-educativa, mas só a estabilização de hábitos, o que aponta para uma multiplicidade de experiências.⁵ Compreende-se também que a educação é um acontecimento temporal, que se apresenta complexo, incontrolável e necessário. Não há garantia possível da ação correta que assegure a obtenção do fim desejado, porque não há mais um modelo de natureza humana para orientar a ação, como outrora, tinha na tradição. Mesmo assim, torna-se imprescindível entender o homem em sua totalidade indissociável.

Ainda como justificativa tem-se a experiência profissional deste pesquisador, o qual é professor licenciado em Educação Física em 2002, formado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com pós-graduação em Fisiologia e em Gestão Escolar, atuando no município de Vila Velha (ES), com vínculo efetivo de professor desde o ano de 2004; cabendo ainda destacar que em 2013 assumiu o cargo de Diretor Escolar, ocupação esta que desempenha até a presente data.

Diante do exposto, cabe investigar quais os principais conflitos e tensões emergentes na vida de estudantes do Ensino Fundamental, quando confrontados com sua auto-imagem, sua corporeidade e os conceitos de usos do corpo adquiridos e internalizados pela doutrina cristã em contraponto aos conceitos científicos e pedagógicos desenvolvidos nas aulas de Educação Física diante da pluralidade dos contextos educacionais, seculares, culturais.

⁵ BETTI; LIZ, 2003, p. 138.

Toda essa busca e indagações justificam o presente estudo, o qual está estruturado da seguinte forma: após essa breve introdução, por meio da qual foram apresentadas as diretrizes gerais do trabalho, tem-se o primeiro capítulo, de cunho bibliográfico, que aborda a questão do corpo na religião, considerando a visão de corpo no cristianismo e o surgimento da Educação Física. Por sua vez, no segundo capítulo, também fundamentado em pesquisa de caráter literário, discorre acerca do hedonismo e do consumismo, bem como sobre o culto ao corpo na pós-modernidade. Por fim, o terceiro capítulo, desenvolvido a partir de trabalho prático, apresenta os resultados da pesquisa de campo, por meio da qual se buscou conhecer a opinião dos/as professores/as de Educação Física acerca das principais implicações levantadas no presente estudo.

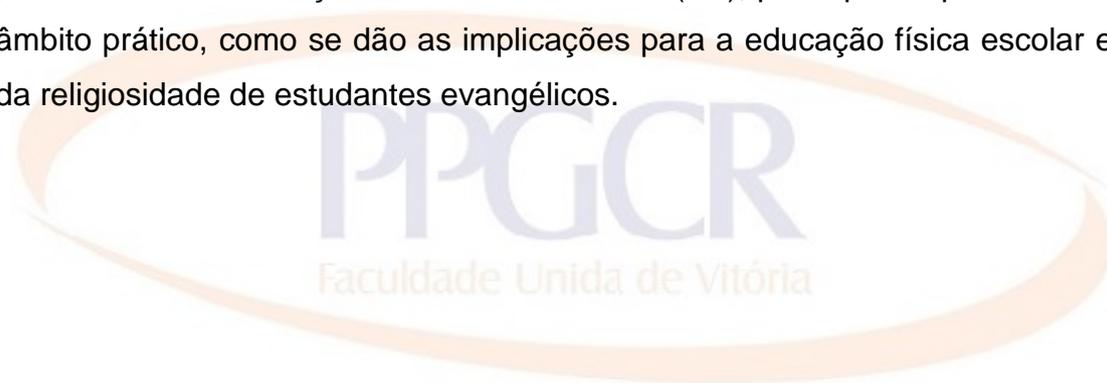
Quanto à metodologia empregada, este estudo obedeceu a alguns passos necessários para que se alcance o objetivo geral, bem como responder ao problema de pesquisa, quais sejam: pesquisa exploratória e descritiva, combinada com pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e, ainda, estudo de campo. Assim, foi necessário aproximar a pesquisa da realidade, buscando comprovar os fatos e analisar as informações advindas dos sujeitos da pesquisa, os quais foram selecionados conforme sua capacidade de fornecer dados relevantes, para que se possa responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos propostos.

Cabe também ressaltar que, no que diz respeito à metodologia utilizada se baseia, principalmente, nos pressupostos apresentados por Parra Filho (2000) e Garcia (2014). Já no que tange aos postulados teóricos, o embasamento literário tomou como base os estudos de diversos autores, dentre os quais se podem destacar Amaral (2008), que aborda o fenômeno do culto ao corpo; Dresch (2013), que estabelece o vínculo entre Educação Física e religião; além de Braga, Molina e Figueiredo, os quais descrevem as principais características e influências da representação do corpo para os adolescentes.

A amostra adotada foi a probabilística, decorrente de cálculos e caracterizada pela possibilidade de que cada elemento da população possa ser representado na amostra, a qual é do tipo “por agrupamento”, considerando-se que responderam aos questionários somente professores de Educação Física lotados na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Vila Velha (ES). Nesse sentido, destaca-se que foram distribuídos questionários para 70 professores de Educação Física, em um universo de 100, o que é suficiente para garantir significância estatística mínima. Entre

as técnicas de pesquisa disponíveis, o questionário foi adotado por se tratar de uma das formas de se aferir do fluxo de informações, tendo por objetivo a obtenção de dados e informações quantitativas e qualitativas que abrangessem aspectos estabelecidos nos objetivos específicos do trabalho.

Quanto à estrutura do presente estudo tem-se que, após esta breve introdução, por meio da qual são descritas as diretrizes gerais do trabalho, apresenta-se o primeiro capítulo, cujo objetivo central é abordar a questão do corpo na religião, com ênfase na visão específica do cristianismo, desde a antiguidade clássica até a era moderna, falando ainda sobre a educação religiosa. Em seguida, o segundo capítulo trata de hedonismo e consumismo, bem como a relação do corpo na pós-modernidade, abrangendo também corporeidade, Educação Física e espiritualidade. Por sua vez, o terceiro capítulo apresenta a pesquisa de campo realizada junto a professores de Educação Física de Vila Velha (ES), para que se pudesse aferir, em âmbito prático, como se dão as implicações para a educação física escolar em face da religiosidade de estudantes evangélicos.



1 O CORPO NA RELIGIÃO – A VISÃO DE CORPO NO CRISTIANISMO E O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Nesse primeiro capítulo será abordada a evolução histórica do corpo, bem como sua relação de silêncio e proibição a partir do Cristianismo. Em seguida, também será tratada a questão do desprezo e da mortificação do corpo-paradoxal, em face da forma como o corpo era entendido na Idade Média. Por fim, nesse mesmo capítulo também se desenvolve breve análise acerca da nova visão do corpo, surgida na chamada “era moderna”.

1.1 O corpo na história

O corpo é histórico. A história do corpo humano é também parte significativa da história da civilização e se confunde com a história social da humanidade. Assim, somente se podem contar sua história – a do corpo – a partir de seus modos e modelos de construção através de períodos históricos, no interior de cada sociedade ou de cada grupo social e suas respectivas culturas. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o. E, ao longo do tempo, esses modelos determinantes produziram a história corporal, funcionando como mecanismos modificadores de sentido e produtores da história corporal. Pois, o corpo tem uma história:

A concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana, bem como em todos os momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades históricas. Da ginástica e do esporte na Antiguidade greco-romana ao ascetismo e ao espírito cavalheiresco da Idade Média, quanta diferença! Ora, onde há mudança no tempo, há história.⁶

O fato é que, desde os primórdios da humanidade, a presença física se revelou de extrema importância, tendo sido fundamental e, também, muito requerida como atributo necessário à sobrevivência da raça humana. Assim sendo, o homem primitivo fazia uso de uma intensa gama de atividades corporais, essencialmente pelo predomínio da linguagem gestual como principal meio de expressão, além de sua interação com os demais elementos do ambiente que o rodeavam. No entendimento

⁶ GOFF, Jaques Le; TROUNG, Nicolas. *Uma história do corpo na idade média*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 10-11.

de Pelegrini, não restam dúvidas de que os fenômenos da natureza determinaram a maioria das relações sociais dos homens primitivos. Nesse contexto, entende-se que o domínio da natureza se inseriu (e se impôs) como base da organização social.⁷

Assim, com o passar do tempo, das eras, modificou-se o ambiente, o corpo e o uso do corpo, modificou-se o próprio homem. E pensando nesse corpo dinâmico, em constante movimento, constituído pela cultura e pela sociedade, será feito um percurso por determinados períodos históricos entendendo que mais importante que datas ou épocas, os traços e marcas impregnadas nos corpos humanos que se destacaram em determinados períodos revela uma melhor compreensão do tempo, do homem e do corpo pretérito, presente e futuro. Também é de fundamental importância destacar que os períodos considerados não se constituem de forma independente uns dos outros, mas vão-se desencadeando uns nos outros ao longo do tempo.⁸

Do mesmo modo, uma breve passagem pela Antiguidade greco-romana, pela *polis* grega e seus belos corpos, seguida da concepção judaico-cristã do corpo, baseada na antropologia paulina, continuando com o forte domínio da Igreja sobre o corpo na paradoxal Idade Média, desembocando-se nos tempos modernos e suas múltiplas realidades e usos dos corpos em *eterna metamorfose*, onde se buscará (re)conciliar o homem e seu corpo mediado pela educação, pelo esporte e pela espiritualidade.

Não obstante, merece destaque que, na cultura helênica, a importância corporal não era somente concebida como instrumento de sobrevivência. O esteticamente belo, a perfeição e a simetria eram consideradas atributos essenciais ao corpo. Até mesmo “as relações sociais eram construídas e consolidadas pelo corpo”.⁹

Este período da História é de suma importância para a sociedade, visto que, muito do que é feito atualmente, assim como a forma em que está sistematizado o pensamento ocidental é, inegavelmente, um legado do homem grego. Filósofos tais

⁷ PELEGRINI, Thiago. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. *Revista Urutáguá*, n. 8, 2006. Disponível em: <www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.htm>. Acesso em: 17 mar. 2018.

⁸ BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011, p. 24.

⁹ GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir, corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994, p. 18.

como Sócrates (470-399 a.C.), Platão (427-347 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.) e outros também contribuíram para a visão de corpo que fez parte desse período.¹⁰

Apesar de a Grécia Antiga possuir sua centralidade na problematização da Ética e da Política, esses filósofos se esmeravam nos debates sobre a temática *corpo* e *alma* e, a educação do homem grego. Nesse sentido, o povo grego como expoente civilizador de sua época instituiu as competições esportivas como meio da celebração das qualidades corporais.¹¹

Para a cultura helênica, a presença corporal doutrinava o exercício do poder. O êxito conquistado nos torneios esportivos exercia enorme fascínio social, chegando a determinar o resultado de guerras e disputas territoriais. Segundo Gonçalves:

Nessas sociedades eram valorizadas as qualidades corporais, tais como a força, destreza e agilidade, não somente em torneios e competições, também eram importante para a vida militar e política. Vencer uma competição significava não somente a compreensão de uma superioridade física, mas muito mais: o reconhecimento do vencedor como um elemento daquela sociedade.¹²

Aqui se deve ressaltar como se processava a educação, domínio e controle do corpo na Grécia Antiga. Segundo Cambi, a *areté*¹³ masculina e feminina encontrava nos jogos agnósticos e nas suas provas um momento de tensão formativa

¹⁰ LOBATO, Robson de Souza. “No que você está pensando?” Representações sociais de corpo de professores de Educação Física usuários do Facebook. Brasília: UnB, 2015, p. 35.

¹¹ PELEGRINI, 2006.

¹² GONÇALVES, 1994, p. 8.

¹³ *Areté*: Para a melhor compreensão do contexto cultural ao qual pertence Sócrates, é necessário elaborar um panorama da antiga civilização helênica, desde a época conhecida como “Período Micênico” até o “Século de Péricles” (Século V a.C). A civilização micênica, beligerante e escravista, é conhecida como uma cultura em cujo ápice estava a aristocracia guerreira. Por tal razão, os valores por ela plasmados e propugnados convergiam para a defesa de um ideal de indivíduo cuja finalidade de vida não deveria ser outra a não ser a busca pela *αρετη*. Tal palavra, comumente traduzida como virtude, devido à mediação da sua tradução latina, comporta, porém, uma acepção um tanto quanto distante e diferente daquela que esse termo tem popularmente assumido, principalmente no discurso religioso cristão. Com o suporte teórico de Jaeger (2003), uma reaproximação do significado primordial desse vocábulo, já que contextualizar o sentido dessa *areté* micênica constitui condição impreterível para o entendimento de uma das principais categorias que compõem a cosmovisão grega em geral e, em particular, trata-se também de um dos conceitos mais caros ao pensamento socrático. Em Homero, já se encontra uma definição de *areté* que, ainda de acordo com Jaeger (2003, p. 26), trata-se de algo que tanto designa a perfeição de seres humanos quanto a prevalência de divindades e de animais, ou seja, trata-se de um atributo que não é exclusivamente humano, mas que já pressupõe algo sobre-humano: Orientamos maior aprofundamento destes termos, conceitos e temática ampliada no texto intitulado: “Sócrates: a defesa da filosofia aplicada à educação para a vida reflexiva – algumas considerações para a auto-formação ético-política do educador”. Cf. FERREIRA, Stephânia Beatriz; FERREIRA, Dayana Vieira; BATISTA, Gustavo Araújo. Sócrates: a defesa da filosofia aplicada à educação para a vida reflexiva – algumas considerações para a auto-formação ético-política do educador. *Cadernos da FUCAMP*, v. 12, n. 10, p. 49-64, 2010, p. 50.

e de apelo a excelência que estabelecia com o corpo e com seu domínio uma precisa e harmoniosa atividade espiritual.¹⁴ Já eram, desde então, os corpos femininos submissos primeiro, ao pai, depois, ao marido. No interior do *òikos* (espaço familiar) reinava a mulher, na condição de esposa e mãe, mas sendo subalterna, dedicada aos trabalhos domésticos e à criação dos filhos. No entanto, os mitos descrevem que as *Amazonas* e as *Mênades* eram mulheres guerreiras, com corpos semelhantes ao masculino e que subvertiam o modelo patriarcal estabelecido.¹⁵

Segundo a visão platônica o corpo é visto como uma parte separada da mente. Essa visão dualista propagada por Platão (427-347 a.C.) tem as suas reverberações até os dias de hoje. Procura-se entender em que medida essa dicotomia ainda se perpetua na forma de ver o corpo.¹⁶ A partir de uma concepção fragmentada de corpo, definida para Platão (428-347 a.C.), conforme explicam Adilson Dumont e Édison Luís de Oliveira Preto:

O mundo das ideias do qual a alma se originou e se encarcerou num corpo que é o mundo real, apresentando o corpo como uma dimensão inferior, limitado, contraposto à alma (perfeita, eterna e imutável), lançando os pressupostos para a teologia cristã. Assim sendo, as atividades relacionadas ao intelecto eram consideradas nobres, reservadas à aristocracia, fomentando o chamado 'ócio prestigioso' e, relegando às classes inferiores, os trabalhos braçais.¹⁷

Os jovens gregos eram educados na escola e através das palestras sobre música, leitura, escrita e Educação Física. Assim, central era também o cuidado do corpo, para torná-lo sadio, forte e belo, realizado nos *gymnasia*.¹⁸ Dessa forma, havia na cultura grega a preocupação com o estado da alma, mas também com o aspecto do corpo.

Desse modo, Platão compreendia o corpo do homem grego como o responsável pela representação da alma, sendo esta exaltada a partir do mundo conhecido como mundo das ideias. Porém, o corpo era partícipe do meio impuro capaz de contaminar a alma.¹⁹ Para Gonçalves, Platão concebia dois mundos: o

¹⁴ CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999, p. 79-80.

¹⁵ CAMBI, 1999, p. 80.

¹⁶ RODRIGUES, Renato Gonçalves. *O corpo na história e o corpo na igreja hoje*. Brasília: UnB, 2014. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/4sncc/2013/paper/viewFile/4971/2970>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

¹⁷ DUMONT, Adilson; PRETO, Édison Luis de Oliveira. A visão filosófica do corpo. *Escritos Educacionais*, Ibirité, v. 4, n. 2, dez., 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 mar. 2018.

¹⁸ CAMBI, 1999, p. 84.

¹⁹ GONÇALVES, 1994, p. 8.

sensível que abrigava o corpo, portanto se transformava e se decompunha; o inteligível, ou seja, o mundo das ideias reais, eternas e incorpóreas. Nesse sentido:

O corpo é objeto de admiração, a expressão e a exibição de um corpo nu representavam a saúde e os Gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado. O corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. Para os gregos, cada idade tinha a sua própria beleza e o estético, o físico e o intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que um corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante.²⁰

Assim, a relação que os gregos mantinham com seus corpos era bastante diferente do que pode ser observado posteriormente na Europa durante a Idade Média. O corpo era valorizado e a sua forma e beleza eram encaradas de forma séria. Os famosos jogos olímpicos gregos eram realizados por homens nus de forma que a sua exposição era algo comum e bem visto pela sociedade.²¹

A imagem do corpo grego ainda é hoje é considerada uma referência. Na verdade, esse corpo era radicalmente idealizado, treinado, produzido em função do seu aprimoramento, o que nos indica que ele era, contrariamente a uma natureza, qualquer que ela fosse, um artifício a ser criado numa civilização que alguns helenistas chamam de civilização da não vergonha por oposição à judaico-cristã que será uma civilização da culpa. Assim, a imagem idealizada corresponderia ao conceito de cidadão, que deveria tentar realizá-la, modelando e produzindo o seu corpo a partir de exercícios e meditações. O corpo era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado.²²

A moral quanto ao corpo e ao sexo não era rigidamente organizada e autoritária, apenas estabelecia algumas normas de conduta para se evitar excessos (que significava a falta de controle do indivíduo sobre si mesmo) como a bebida, comida, sexo. Tais normas, porém, eram consideradas apenas para os cidadãos, isto é, para os homens livres, estando excluídos tanto os escravos como as mulheres. A estas cabia cumprir funções como obediência e fidelidade aos seus pais e maridos e a reprodução. Os prazeres eram do domínio do masculino e não do feminino. As leis da cidade aplicavam, inclusive, normas diferentes aos corpos masculinos e femininos.

²⁰ BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 25.

²¹ RODRIGUES, 2014.

²² BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 25.

Aos homens correspondia a permissão de andarem nus nos ginásios e nas ruas da cidade, com vestes soltas para manter o equilíbrio térmico; aos corpos femininos, impunha-se o uso de roupas em casa, considerando-se que estas seriam suficientes e para a saída à rua os seus corpos deviam ser mais cobertos.²³

O grego desconhecia o pudor físico, o corpo era uma prova da criatividade dos deuses, era para ser exibido, adestrado, treinado, perfumado, reverenciado, pronto para arrancar olhares de admiração e inveja nos demais mortais. Mas os corpos não existiam apenas para mostrar-se, eles eram também instrumentos de combate. Tudo na natureza era luta, era obstáculo a ser transposto. Tudo girava em torno da conquista de espaço, terras e riquezas, pois, para eles, a vida não era uma *graça*, diziam os deuses, mas sim, um *dom* a ser mantido.²⁴

Salienta-se que, por meio dessa forma idealizada de pensar e viver o corpo, se definem também formas de ser e de estar na sociedade. Princípios filosóficos e sociais que se assentam na *visão* como sentido primordial, no olhar, no espelho, como fundamentais para o funcionamento de uma sociedade.²⁵ É interessante notar como essa maneira de interpretar a realidade ainda hoje se mantém, a *primazia do olhar*.²⁶ Esse cuidar de si na Antiguidade Clássica, traduzido no culto e cuidado do corpo, provocou no mundo helenístico e romano um individualismo, no sentido em que as pessoas valorizavam as regras de condutas pessoais e se voltavam para os próprios interesses, tornando-se menos dependentes uns dos outros e também mais subordinadas a si mesmas. Instaura-se, então, o que Foucault denominou de culto de si.²⁷

Roma acolheu as formas artísticas gregas, mas tornou-as mais pesadas, embora sólidas com uma robustez que lhes dava duração, apesar da banalização em que caíram.²⁸ As representações artísticas adquiriram maior dramaticidade, evidenciando um contraste entre o nu e o vestido, a vida e a morte, a força e a

²³ BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 25.

²⁴ BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 25.

²⁵ BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 25.

²⁶ Ainda hoje as pessoas cuidam de seus corpos e de suas aparências pessoais, por vaidade, por interesses de estilo, fama e poder na sociedade. Há, sobretudo, no mundo ocidental o exagerado culto ao corpo belo, malhado, *fitness*, bem como, sua exibição e valorização social. BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26.

²⁷ FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 13.

²⁸ BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26.

debilidade física demonstrada pelos gladiadores, estava agora associada ao seu destino, à morte, à escuridão.²⁹

Assim, enquanto que os gregos celebravam a exposição, a força, os romanos por seu lado, não se expunham à luz. Todavia, no momento em que o domínio político do Império Romano se impôs, a construção do pensamento filosófico, e, por conseguinte, as acepções corporais instituídas por ele, foram alteradas. Fato é que, embora tenha sido atribuído ao culto do corpo um valor pagão, a arte romana manteve-se orientada pela expressão do ideal de beleza grego. Assim, com algumas modificações, as representações sobre o corpo na sociedade grega foram incorporadas pelo Império Romano.³⁰

Nos períodos posteriores, as representações do corpo adquiriram outras dimensões, subjugando-o a temas que potencializavam as questões místicas e religiosas.³¹ No próximo tópico, outra linha será analisada a ótica cristã sobre o corpo, visto que, de alguma forma, até hoje esse corpo cristão encontra-se subjugado à doutrina. Daí porque se passará, agora, a abordar o corpo a partir da ótica cristã.

1.2 O corpo no Cristianismo: um corpo em silêncio, proibido

Com o advento do cristianismo assiste-se a uma nova percepção do corpo. O corpo passa da expressão da beleza para fonte de pecado, passa a ser *proibido*. O cristianismo e a teologia cristã por muito tempo foram reticentes na interpretação, crítica e transformação das imagens veiculadas do corpo. Uma das razões será porque o cristianismo possui uma história própria e de difícil relação com o corpo. Durante muito tempo foi central a espiritualização e o controle de tudo o que é material. Foi um morador do deserto, Santo Agostinho, o bispo de Hipona, a Tunísia de hoje, quem lançou o mais pesado manto da vergonha sobre a nudez do paganismo.³²

Perante o deus cristão, o deus que tudo vê, pois estava em toda a parte, os homens e as mulheres deviam ocultar o corpo. Nem entre os casais, na intimidade, ele deveria ser inteiramente desvelado. O pecado rondava tudo.³³ Assim, a conversão do corpo helênico, moldado nos padrões de beleza greco-romanos, no corpo judaico-

²⁹ PELEGRINI, 2006.

³⁰ PELEGRINI, 2006.

³¹ PELEGRINI, 2006.

³² BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26.

³³ BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26.

cristão, obedeceu a um longo processo de transformação que durou mais de quatro séculos, do século I ao IV século d.C. O historiador Peter Brow realizou um mapeamento desta transformação utilizando como formulação o que ele denominou de *princípio da renúncia sexual perene* e que se constitui dos postulados da *continência*, o *celibato* e a *virgindade perene* – que se desenvolveu nos circuitos cristãos dos primeiros séculos.³⁴

O cristianismo reprime constantemente o corpo. O Papa Gregório Magno afirmou que “corpo é a abominável vestimenta da alma”. Por outro lado, é glorificado, nomeadamente através do corpo sofredor de Cristo. A dor física teria um valor espiritual. Cristo sofreu, foi torturado e morto. Essa era a lição difundida nas rodas dos cristãos primitivos. Aprender a lidar bem com as dores do corpo seria mais importante do que saber lidar com os prazeres deste mundo.³⁵

No centro da mensagem cristã está o corpo do Cristo. Para o cristianismo, o corpo do salvador é a ponte entre o humano e o divino. Jesus, o filho, habita o mundo e nesse percurso humano seu corpo retrata ao mesmo tempo a dor, o sofrimento, o sacrifício em nome da salvação dos pecados e, ao mesmo tempo, a ascensão, a elevação ao plano divino. No seu percurso terreno, principalmente na “paixão”, há uma construção simbólica na presença e no uso do corpo como um fator essencial na estruturação da religião e o cristianismo se instituiu a partir desse corpo, o corpo do filho, tornado humano e que retorna ao céu para ficar ao lado do seu Pai, fora dessa dimensão terrena.³⁶

Segundo Brow, “o corpo no cristianismo no século I é marcado por dois fatores: a esperança escatológica dos primeiros cristãos e a teologia do Apóstolo Paulo”.³⁷ Depois do evento Cristo, sua vida e obra, morte e ascensão, os cristãos aguardavam sua segunda vinda. Postulado isso, mantinham a esperança messiânica da vinda do reino de Deus. Ficavam em segundo plano seus bens, suas famílias, trabalhos, lazer e tudo o mais. Viviam apenas focados em viverem as virtudes cristãs

³⁴ BROWN, Peter. *Corpo e sociedade, o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 218.

³⁵ BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26.

³⁶ BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26.

³⁷ BROWN, 1990, p. 219.

e aguardarem com grande expectativa da *parussia*³⁸: a volta triunfante de Jesus Cristo ainda naqueles dias.³⁹

Outro aspecto que marcou o imaginário cristão reporta-se à teologia paulina sobre o corpo. Paulo apresenta o corpo como um objeto paradoxal. Se por um lado o corpo é alçado à condição de templo do Espírito Santo, por outro, é marcado pela *carne*, a natureza adâmica decaída. Esse dualismo Paulino moldou o pensamento da patrística e reverbera até hoje nas imagens que o protestantismo cunhou sobre este tema.⁴⁰ Assim postula o Apóstolo Paulo: “Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na minha carne. Pois o querer o bem está ao meu alcance, não, porém o praticá-lo. Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?” (Romanos, 7:18, 25).⁴¹

Evidencia-se assim, a separação do corpo e da alma, prevalecendo à força da segunda sobre o primeiro. O cristianismo resume a atitude de recusa; cabia ao homem descobrir-se como mais do que o seu corpo, descobrir-se como alma que deve lutar contra os desejos para escapar da morte e conquistar a eternidade e a salvação.⁴²

Não será errado afirmar que nessas culturas, assim como em muitas religiões orientais, por oposição à tradição ocidental, produz-se uma cultura para o corpo. Tal como nos mostram os trabalhos de Michel Foucault, a experiência religiosa de uma época e a sua história social reenviam a um centro uma espécie de código sutil, que restringe certas formas de experienciar, estimula outras e transforma, em sentido amplo, o contexto social, modificando não apenas a tensão ou diferença entre público e o privado, mas também a relação com a natureza e desta com a cultura.⁴³

Frente ao exposto, passa-se agora a abordar a questão do corpo na Idade Média, quando foi tratado com considerável desprezo, em função da demasiada ênfase dada à religião e à visão teocêntrica.

³⁸ pa.ru.si.aperu'zie. Nome feminino. 1. RELIGIÃO no cristianismo primitivo, regresso de Cristo, aguardado como próximo. 2. RELIGIÃO proximidade de um segundo advento do Messias, em glória, de acordo com a crença dos cristãos primitivos. Parusia. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 2000, p. 2105.

³⁹ BROWN, 1990, p. 219.

⁴⁰ BROWN, 1990, p. 222.

⁴¹ BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revisada e atualizada. São Paulo: Amazon, 2014, 698.

⁴² VAZ, Alexandre Fernandez. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ et al. (Org.). *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física*. Florianópolis: UFSC, 2006.

⁴³ BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26.

1.3 O corpo na Idade Média: desprezo e mortificação do corpo-paradoxal

No livro *A história do corpo na Idade Média* de Jacques Le Goff e Nicolas Truong, os autores tomam como ponto de partida para o estudo da Idade Média no Ocidente aquilo que de mais concreto há na história do homem: seu corpo. Essa história do corpo é, ainda, parte integrante e fundamental da história das mentalidades, tema caro aos historiadores franceses vinculados ao legado dos *Annales*, tal como o próprio Jaques Le Goff.

O corpo é atravessado, durante toda Idade Média, por uma tensão e um paradoxo. O paradoxo consiste no duplo posicionamento do cristianismo em relação ao corpo. Por um lado, 'o corpo é desprezado, condenado, humilhado'; por outro lado, 'o corpo é glorificado no cristianismo medieval'.⁴⁴

O período histórico conhecido como a Idade Média se estende do século V ao XV. Marcado pelo declínio do Império Romano do Ocidente, estende-se até o início do Renascimento e das Grandes Navegações. A Idade Média foi, sem dúvida, um dos períodos em que a sociedade europeia viveu mais estritamente a falta de mobilidade social, pois, havia uma distinção muito clara entre nobres e camponeses, além do clero.⁴⁵

Na Idade Média, o corpo serviu, mais uma vez, como instrumento de consolidação das relações sociais. A característica essencialmente agrária da sociedade feudal justificava o poder da presença corporal sobre a vida quotidiana. Características físicas como a altura, a cor da pele e peso corporal, associadas ao vínculo que o indivíduo mantinha com a terra, eram determinantes na distribuição das funções sociais. O homem medieval era extremamente contido, seus impulsos individuais eram proibidos. A presença da instituição religiosa restringia qualquer manifestação mais criativa.⁴⁶

A moral cristã tolhia qualquer tipo de prática corporal que visasse o culto do corpo. O cristianismo dominou durante toda Idade Média, influenciando, portanto as noções e vivências de corpo da época. A união da Igreja e Monarquia trouxe maior

⁴⁴ GOFF, Jaques Le; TROUNG, Nicolas. *A civilização do ocidente medieval*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 11-12.

⁴⁵ SOUZA, Maria Oliveira de; SILVA, Franciele Marcelino da; OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. *O corpo na idade média: entre representações e sexualidade*. Aracaju: IHGS, 2014.

⁴⁶ PELEGRINI, 2006.

rigidez dos valores morais e uma nova concepção do corpo. Este, o corpo, ao estar relacionado com o terreno, o material, seria a prisão da alma. Por um lado, torna-se culpado, perverso, necessitado de ser dominado e purificado através da punição.⁴⁷

Por outro, o corpo no cristianismo sempre teve uma característica de fé; é o corpo crucificado, glorificado e que é comungado por todos os cristãos. Nesse período, as técnicas coercitivas sobre o corpo, como castigos e execuções públicas, as condenações pelo *Tribunal do Santo Ofício*, como por exemplo, à Inquisição oficializada pelo Papa Gregório IX, e o autoflagelo marcaram a Idade Média. Não obstante, outro ponto alto da percepção do corpo no final da Idade Média foram os *processos de bruxaria*⁴⁸ – séculos XV a meados do século XVIII – que condenavam mulheres por prática de bruxaria, engano e sedução dos homens a serviço do demônio.⁴⁹

Em suma, durante a Idade Média, a Igreja Católica determinou os papéis sociais dos gêneros a partir do controle sobre o corpo feminino. Havia a ideia, propagada pelo clero, de que a mulher levaria o homem ao pecado e à fornicação, pois ela estaria sempre comandada pelos desejos da carne, e não pelo racional e espiritual. Estabeleceu-se uma dualidade entre o homem (razão e mente) e mulher (corpo e desejo). Essa disposição de gêneros coincide com a forma em que a sociedade estava estruturada, o antagonismo entre carne e espírito. O corpo, os prazeres da carne e tudo relacionado a ele, segundo a teoria da Igreja, era a fonte de maldição.⁵⁰

Em contradição a essa ideia de corpo e de seu uso, também na Idade Média aparece a figura literária do *cavaleiro andante* e do amor cortês,⁵¹ refletindo desse

⁴⁷ PELEGRINI, 2006.

⁴⁸ A ideia central era que o demônio procurava fazer mal aos homens para se apropriar de suas almas. Esse domínio era feito essencialmente através do corpo, da sedução e da sexualidade. As mulheres eram primeiramente possuídas (por serem mais fracas) e, através delas e de sua sexualidade o demônio se apropriava primeiro do corpo e depois da alma do homem. Assim, as mulheres eram consideradas *agentes do demônio* (feiticeiras). Cf. RIBEIRO, Felipe Augusto; RANGEL, João Guilherme Lisboa. Da heresia à caça às bruxas no final da idade média ocidental. *Revista História*, São Paulo, n. 176, p. 1-10, fev., 2017, p. 3.

⁴⁹ Em 1486, com as bênçãos do Papa Inocêncio VIII, Heirich Kramer e James Sprenger escreveram aquele que seria o livro de referência dos Inquisidores e torturadores dos séculos seguintes: *O Malleus Maleficarum* – O Martelo das Feiticeiras – ensinava como reconhecer uma bruxa e, principalmente, técnicas de tortura que deviam ser aplicadas para se obter as confissões. O livro consolidava definitivamente o desprezo pela figura da mulher. RIBEIRO; RANGEL, 2017, p. 6.

⁵⁰ TEDESCHI, Losandro Antonio; SILVA, André Candido Da. *A sexualidade reprimida: uma análise do feminino na perspectiva de Jacques Le Goff* (XII). Marília: UNESP, 2011, p. 274-282.

⁵¹ Amor cortês medieval – O amor cortês surgiu na Baixa Idade Média, por volta do século XII, e caracterizou-se pela idealização da pessoa amada e pelo ideal de cortesia. Além disso, havia na

modo, uma visão muito diferente do corpo e de suas relações. Portanto, é importante esclarecer que as representações sobre o corpo e as representações morais e sociais das pessoas na Idade Média, dependiam exclusivamente da classe social a que pertenciam. A partir desse contexto tem-se uma época formada por uma sociedade feudal, dividida por nobres, clero e servos, onde a partir desse contexto representativo, o corpo era apenas fonte de luta, procriação e instrumento de trabalho para as classes mais baixas. No entanto, ao longo da sociedade ocidental o corpo foi transformado e fragmentado de acordo com os objetivos de poder, de tortura e de beleza, na organização política da sociedade.⁵²

Na perspectiva medieval, o corpo é representado de maneira ambivalente, antagônica e dual, no caso das mulheres. O corpo era entendido e representado enquanto exaltação, humilhação e veneração da condição humana; além do que, dentro dessa concepção de ambivalência e dualidade, encontra-se uma visão dupla do corpo que se prende essencialmente na forma como se encara o corpo feminino.⁵³ E ainda, neste período, a concepção dualística do homem (ser humano) foi retomada e reacendeu a visão do corpo corrupto e pecaminoso, considerada empecilho ao desenvolvimento da alma. Até nas artes plásticas, ficava evidente a projeção do corpo coberto, aparentemente exaurido de preocupações estéticas. Assim, não se duvidava que a pessoa fosse formada por um corpo e por uma alma, portanto partilhada, dividida entre carne e o espírito.⁵⁴

atmosfera do amor cortês o “jogo amoroso”, que se instalava a partir do momento em que um terceiro cavaleiro passava a cortejar a dama casada, alimentando o orgulho desta e despertando os ciúmes do esposo. Foi nesse contexto que surgiu o ideal da cortesia. Fazer a corte implicava a submissão e fidelidade incondicional à mulher amada por parte do cavaleiro medieval. As honras da cavalaria e o prestígio ganho pelo cavaleiro habilitavam-no a prostrar-se diante da dama desejada. Alguns historiadores observaram que nesse gesto havia também certa reprodução simbólica das relações sociais do sistema feudal que se davam entre senhores e vassallos. RIBEIRO e RANGEL, 2017, p. 7.

⁵² SOUZA; SILVA; OLIVEIRA, 2014.

⁵³ De fato, na Idade Média não há dúvida de que nela, a mulher seja considerada de condição inferior. Embora as noções de corpo estejam ligadas ao mundo material e espiritual, a versão feudal, ligada aos princípios cristãos, considera o corpo pecaminoso e o sexo como algo sujo e somente permitido para a procriação. Essa é uma visão reducionista de sexualidade e uma visão bastante negativa do corpo, daí a persistência de algumas mulheres em viver uma vida religiosa e em tentar transcender o corpo material (isto é, se impor ou em muitos casos, lhes ser imposto a vida celibatária quando solteiras (as virgens) ou viúvas, oriundas de classe social abastada. Contrariamente, já as mulheres empobrecidas, oriundas das classes baixas, e que não conseguiam arrumar um casamento, muitas vezes eram impelidas, inclusive por suas próprias famílias a buscarem sustento nas casas de banho e nas tabernas (casas de prazeres proibidos, de práticas da luxúria e de prostituição). GOFF; TROUNG, 2006, p. 20.

⁵⁴ PELEGRINI, 2006.

A tensão dessa dualidade e paradoxo do homem medieval, por sua vez, refere-se àquilo que Goff e Truong caracterizam como uma “dinâmica do Ocidente”: a *quaresma e o carnaval*. O corpo é atraído ora para o jejum, ora para a gula; ora para a renúncia, ora para o prazer. É nesta oposição entre quaresma e carnaval que a vida cotidiana medieval oscila.⁵⁵

Pode-se afirmar que o contexto histórico, político, social, econômico, cultural e religioso da Idade Média impulsionou as mudanças ocorridas na forma de se lidar com o corpo ao longo dos séculos. A Igreja, com o seu modo de agir e manipular conseguiu durante muito tempo dar uma visão para o corpo como algo pecaminoso, submetendo os fiéis a dolorosos castigos e sacrifícios ao próprio corpo, caso contrariassem as ordens e leis da Santa Igreja.⁵⁶

Assim, é necessário que se entenda, de forma bastante clara, quais eram as concepções de corpo que prevaleciam durante a Idade Média, porque, como afirmam Goff e Truong: “muitas de nossas mentalidades e de nossos comportamentos foram concebidos na Idade Média. Isso é válido também para as atitudes em relação ao corpo”.⁵⁷

Tendo abordado a questão do corpo na Idade Média, a seguir se falará sobre o corpo na chamada era moderna.

1.4 O novo corpo: a era moderna

No Renascimento os avanços científicos e técnicos produziram, nos indivíduos do período moderno, um apreço sobre o uso da razão científica como única forma de conhecimento. As ações humanas passaram a ser guiadas pelo método científico, e começa a haver uma maior preocupação com a liberdade do ser humano – e outra concepção de corpo é consequência disso. O corpo, agora sob um olhar “cientificista”, serviu de objeto de estudo e experiências. Passa-se do teocentrismo ao antropocentrismo. A disciplina e o controle corporais eram preceitos básicos. Todas as atividades físicas eram prescritas por um sistema de regras rígidas, visando à saúde corpórea.⁵⁸

⁵⁵ GOFF; TROUNG, 2006, p. 25.

⁵⁶ SOUZA; SILVA; OLIVEIRA, 2014.

⁵⁷ GOFF; TROUNG, 2006, p. 29.

⁵⁸ PELEGRINI, 2006.

Esse novo olhar do homem sobre o mundo é o olhar de uma consciência secularizada, isto é, dessacralizada, de onde se procura retirar o componente religioso. O corpo passa a ser objeto da ciência. Segundo Michel Onfray:

Não surpreende constatar que a descoberta da estrutura do corpo é contemporânea das descobertas da América e da revolução dos planetas. Vesálio e Copérnico publicam seu livro principal no mesmo ano. Esquadrinhando assim as estrelas do sistema solar ou os segredos contidos na carne, o filósofo se fazia rival dos deuses. Examinar corpos é uma empreitada demiúrgica: o cadáver encerra a verdade que não se encontrará na Bíblia.⁵⁹

Agora, com o declínio dos sacerdotes que condenavam a vida na terra, vê-se a redenção do corpo e suas relações que ressurgem num neo-paganismo onde a carne intensa, ativa, mesmo carregando cicatrizes do estigma, volta a ser soberana e quer mostrar-se. A obtenção do corpo sadio dominava o indivíduo: a prática física domava a vontade, contribuindo para tornar o praticante subserviente ao Estado. O dualismo corpo-alma norteava a concepção corporal do período, demonstrando a que influencia das concepções da antiguidade clássica ainda permaneciam presentes. Descartes parece, definitivamente, ter instalado a divisão corpo-mente; o homem era constituído por duas substâncias: uma pensante, a alma, a razão e outra, material, o corpo, como algo completamente distinto da alma. Mesmo se já se pensasse o ser humano como constituído por um corpo físico e outra parte subjetiva, a partir de Descartes essa divisão foi realmente instituída e o físico passou a estar a serviço da razão.⁶⁰

O Renascimento italiano ocupa um lugar decisivo na mudança da imagem do homem e do lugar que ele ocupa no mundo. Corpo e alma ganham um novo estatuto e a noção de humanidade cada vez mais se afasta da concepção medieval. A valorização do indivíduo e da subjetividade desloca o lugar da certeza, da verdade e dos valores, criando oposição à tradição, às instituições e à autoridade externa.⁶¹

O humanismo é um dos aspectos fundamentais do Renascimento, nele se reconhece o valor do homem em sua totalidade e o fragmento de Protágoras (século V a.C.): o homem como a medida de todas as coisas marca de forma decisiva essa

⁵⁹ ONFRAY, Michel. *A arte de ter prazer*. Por um materialismo hedonista. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 26.

⁶⁰ PELEGRINI, 2006.

⁶¹ PELEGRINI, 2006.

ruptura entre o medieval e o moderno. O corpo, definitivamente, é dessacralizado, estudado, literalmente dissecado e tornado objeto da ciência.⁶²

Desta forma, o Humanismo rompe com a visão teocêntrica e a concepção teológica medieval, cultuando o interesse pelo homem valorizado em si mesmo. O homem passa a ser visto como um microcosmo que reproduz em si a harmonia do cosmos.⁶³

Segundo Florence Braunstein e Jean François Pépin, do século XV até meados do século XVII, a Europa ocidental se esforça para desenvolver uma compreensão do corpo e da sexualidade que seja compatível, ao mesmo tempo, com a ordem social, o respeito à religião e o crescimento da população. Trata-se de um período que concilia a valorização do corpo humano, a instituição dos casamentos e uma preocupação de ordem demográfica, criando-se uma compreensão radicalmente nova no que diz respeito ao corpo e a sexualidade.⁶⁴

Essa visão dessacralizada da vida cotidiana, da sexualidade e das normas sociais revela um contínuo afastamento do controle religioso acerca do corpo e um deslocamento no sentido de uma valorização de outras dimensões da vida. Segundo Braunsteine Pépin, na Europa, do fim da Idade Média ao Antigo Regime, a percepção médica, moral, social e religiosa do corpo é estruturada em torno das reações às funções biológicas, aos impulsos físicos e aos desejos subjetivos.⁶⁵

Ou seja, há deslocamento do sagrado ao humano, do divino ao biológico. O conhecimento biológico e médico acerca do corpo é objeto de pesquisas regulares desde a Antiguidade. Os médicos bem formados, do Oriente ou do Ocidente medieval, praticam a medicina tendo como referência os textos gregos. No entanto, ao fim da Idade Média, a insatisfação com certas doutrinas, a vontade de ir além das doutrinas antigas, de descobrir novas verdades e de produzir um novo conhecimento a partir da observação ativa faz com que surjam conhecimentos biomédicos inteiramente renovados. Após o Renascimento, a medicina se estabelece a partir de bases mais

⁶² VALVERDE, Antônio José Romera. O homem do renascimento. *Relatório de Pesquisa*, n. 4, EAESP/FGV/NPP, Núcleo de Pesquisa e Publicações, 2000, p. 11.

⁶³ MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 38.

⁶⁴ BRAUNSTEIN, Florence; PÉPIN, Jean François. *O lugar do corpo na cultura ocidental*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p. 17.

⁶⁵ BRAUNSTEIN; PÉPIN, 1999, p. 17.

sólidas, em particular, a partir da revolução científica que apresenta evidentes sucessos nos campos da física, das ciências mecânicas e da química.⁶⁶

O conhecimento científico, a matemática, enfim, o ideal renascentista era: o corpo investigado, descrito e analisado, o corpo anatômico e biomecânico. Assim, a redescoberta do corpo, nessa época, aparece inclusive e principalmente nas obras de arte, como as pinturas de Da Vinci e Michelangelo, valorizando-se, deste modo, o trabalho artesão, juntamente com o pensamento científico e o estudo do corpo. Assim, o movimento mecânico – reações nervosas e fluxo sanguíneo – deu origem a uma compreensão secular do corpo, contestando a antiga noção de que a fonte de energia era a alma.⁶⁷

Com o crescimento e aperfeiçoamento da produção agrícola e dos meios de transporte da sociedade feudal, assim como o acréscimo da produtividade agrícola aliado à expansão comercial, promovem-se algumas condições necessárias para o desenvolvimento da indústria moderna. Estas modificações, aliadas a mudanças sociais, desembocaram no surgimento do sistema capitalista.⁶⁸ A forma de produção do sistema capitalista, a partir do século XVII, causou uma mudança drástica nas relações com os trabalhadores. Com o início da Revolução Industrial a divisão técnica do trabalho acabou por reduzir o trabalho a uma simples ação fisiológica, desprovida de criatividade – o trabalho em série.⁶⁹

Nessa lógica de produção capitalista o corpo mostrou-se tanto oprimido, como manipulável. Era percebido como uma “máquina” de acúmulo de capital. Deste modo, os movimentos corporais passaram a ser regidos por uma nova forma de poder: o poder disciplinar. Essa nova forma de poder instalou-se nas principais instituições sociais, com objetivo em submeter o corpo, de exercer um controle sobre ele, atuando de forma coercitiva sobre o espaço, o tempo e a articulação dos movimentos corporais.⁷⁰ Gonçalves se utiliza da descrição de Foucault em sua obra “Microfísica do Poder”, para descrever esse mecanismo e sua atuação:

⁶⁶ FERREIRA, Francisco Romão. *Os sentidos do corpo: cirurgias estéticas, discurso médico e saúde pública*. Rio de Janeiro: ENSP, 2006, p. 20.

⁶⁷ GAYA, Adroaldo. Será o corpo humano obsoleto? *Revista Sociologias*, Porto Alegre, v. 7, n. 13, jan./jun., 2005, p. 327.

⁶⁸ GAYA, 2005, p. 328.

⁶⁹ GONÇALVES, 1994, p. 20.

⁷⁰ PELEGRINI, 2006.

Foucault mostrou como essa forma específica de poder, que surgiu a partir do século XVII, agia nas mais diversas instituições sociais – escolas, hospitais, prisões, fábricas, quartéis..., com o objetivo de submeter o corpo, de exercer um controle sobre ele, atuando de forma coercitiva sobre o espaço, o tempo e a articulação dos movimentos corporais.⁷¹

Com a expansão do capitalismo, no século XIX, propaga-se a forma de produção industrial. A padronização dos gestos e movimentos instaurou-se nas manifestações corporais. As novas tecnologias de produção em massa desempenharam processos de homogeneização de hábitos que se estenderam a outras esferas sociais, entre elas, a educação do corpo, que passou a identificar-se não só com as técnicas, mas também com os interesses da produção. Dessa forma, as necessidades de manipulação e domínio do corpo, paralelamente, concorreram para a delimitação do homem como ser moldável e passível de exploração.⁷²

Os homens e seus corpos eram vistos apenas na perspectiva do ganho econômico. O poder disciplinar, ao mesmo tempo em que promovia a utilização máxima da força de trabalho, domesticava e impossibilitava a resistência político-social do trabalhador. Assim, o ser humano é colocado ao serviço da economia e da produção, gerando um corpo produtor que, portanto, precisa ter saúde para melhor produzir e precisa adaptar-se aos padrões de beleza para melhor consumir.⁷³ A seguir, passa-se a abordar a questão do corpo pelo prisma da educação religiosa e seu descompasso em relação à Educação Física.

As imposições sobre o corpo, hoje, mudaram de forma. Os sentidos atribuídos aos usos do corpo modificaram-se na mesma medida em que a religião se transformou. Assim, se as crenças variam, os modos de ver e de pensar o mundo, também vão se diferenciando em decorrência de tais variações e deslocamentos. Como se viu, há muitas mudanças na esfera religiosa através do tempo e as mudanças de compreensão e concepção do corpo e suas gestualidades. Por trás de cada gesto, do feudalismo à época atual, pode-se observar um tipo de educação que teve vínculo com a esfera religiosa. Inclui-se aqui também o ambiente escolar.⁷⁴

⁷¹ FOUCAULT *Apud* GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir, corporeidade e educação*. Campinas: Papyrus, 1994, p. 24.

⁷² HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções [1789-1848]*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 205.

⁷³ ROSÁRIO, Nísia Martins do. *Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose*. Rio de Janeiro: UFF, 2006.

⁷⁴ RIGONI, Ana Carolina Capelinni. O corpo e a educação religiosa. *Revista Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 227-243, jan./jun., 2016, p. 135.

Mesmo na contemporaneidade, as religiões exercem poder normativo sobre os corpos, que são educados e marcados por práticas religiosas diversas. A diferença é que se antes a Igreja possuía o monopólio das regras sobre os usos do corpo⁷⁵ e da alma, hoje ela disputa esse domínio com outras áreas do saber. É nesse sentido atribui-se importância a esse debate para a área da Educação Física. Afinal, esses profissionais, assim como psicólogos, esteticistas, nutrólogos, e outros ainda, elaboram discursos que ditam normas de se portar em relação aos aspectos corporais. Com isso é possível que não somente a natureza se dessacralizou, mas todo e qualquer objeto, inclusive o corpo humano.⁷⁶

Quanto à educação do corpo no âmbito do protestantismo e pentecostalismo, Boanerges Ribeiro e Antônio Gouvêa de Mendonça observaram que o protestantismo brasileiro, em suas origens históricas, vem de duas matrizes: o protestantismo de imigração formado por alemães e ingleses de confissão Luterana e Anglicana, radicados especialmente nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina; b) o protestantismo de matriz puritana, de missões, de natureza conversionista que abrange os presbiterianos, metodistas, congregacionais, batistas etc.⁷⁷ Os autores ainda consideram como constituintes do protestantismo brasileiro aquelas denominações formadas pelo chamado protestantismo histórico: luteranos, presbiterianos, anglicanos, congregacionais etc. É necessário considerar, todavia, que a partir do primeiro quartel do século XX este protestantismo ganha novos atores com o advento do pentecostalismo, a versão moderna e emocional do protestantismo. Já o neo-pentecostalismo, surge na segunda metade do século XX como dissidência do primeiro. O autor adverte para que se leve em consideração o termo protestantismo brasileiro como bastante elástico para abarcar os pentecostais e neo-pentecostais, posto que considere que todos são oriundos do mesmo útero gerador: o protestantismo puritano norte-americano.⁷⁸

⁷⁵ O termo “uso do corpo” faz referência ao sentido dado por Marcel Mauss (2003), para o qual o corpo é o primeiro instrumento do homem. Mas, ao contrário da compreensão utilitarista a que o termo “uso do corpo” possa remeter, o importante no conceito do autor é que estes diferentes usos podem (e devem) ser atribuídos a diferentes significados conforme o contexto sociocultural em que estão inseridos. MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 73, p. 45-66, dez., 2005, p. 46.

⁷⁶ FENSTERSELFER, Paulo Evaldo. *A Educação Física na crise da modernidade*. Ijuí: Unijuí, 2001, p. 10.

⁷⁷ RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil (1822-1888)*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1973, p. 22.

⁷⁸ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo:

Esse protestantismo de raiz missionária norte americana é hegemônico na constituição do protestantismo brasileiro. E em solo pátrio produziu uma religião formal, legalista, tristonha, depressiva, cuja maior característica é a importação de paradigmas comportamentais do modelo cultural dos Estados Unidos.⁷⁹ O caminho da vida (“*The wayoflife*”) torna-se o legado ideal a ser atingido pelo crente (como é reconhecido o protestante no Brasil) e produz, por decorrência, os comportamentos estereotipados, como por exemplo, a ética da via negativa, isto é, quando o crente é conhecido exatamente pela lista de coisas que ele não faz: não bebe, não fuma, não joga, não dança, não vai ao cinema e etc. E o ódio e a rejeição, quase absoluta, a todas as expressões da cultura brasileira, como observado por Antônio Mendonça e Prócoro Velasques Filho. É a condenação de toda expressão corporal nos cultos e fora destes e, particularmente, o anátema daqueles aspectos ligados ao corpo e a sexualidade brasileira como a sensualidade, o erotismo e o chamado “xodó”.⁸⁰

Por certo, cada denominação protestante como um todo tem ainda suas especificações de catecismos ou regras de *normas e de conduta* que guiam e norteiam a vida ou o caminho do crente adepto e membro desta ou daquela denominação. Não se entrará nesse pormenor devido a sua alta complexidade e especificidades. No entanto, à medida que a pesquisa de campo for sendo apresentada e discutida em capítulo próprio, no momento em que aparecer algum aspecto específico desta ou daquela denominação, o pesquisador apontará e debaterá cada caso que for relevante para a pesquisa.

No que tange à educação do corpo no âmbito da Educação Física escolar e do desporto, pode-se dizer que o corpo é aquilo que nos liga ao mundo, através dos cinco sentidos e a forma com que o ser humano lida com esse corpo determina muitas posturas adotadas, principalmente, quando se fala em práticas corporais, exercícios físicos e, conseqüentemente, em relação à Educação Física escolar vinculada ao elemento religião.⁸¹

Como observado em relação a outros eventos de saúde, uma hipótese que vem sendo discutida é de que a religião pode ser um fator associado à prática de

ASTE, 1995, p. 50.

⁷⁹ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 32.

⁸⁰ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 32.

⁸¹ MAUSS, Mareei. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 17.

atividades físicas e comportamentos sedentários porque fatores religiosos podem exercer influência no desenvolvimento de atitudes, crenças e valores das pessoas, mesmo entre as mais jovens.⁸² Quando uma pessoa se vincula a uma denominação religiosa, ela está aderindo, também, a um conjunto de símbolos, comportamentos e práticas sociais que podem modular o seu estilo de vida e, por conseguinte, afetar sua saúde. Apesar de algumas doutrinas religiosas conduzirem os seus praticantes a adotarem condutas de risco à saúde, de um modo geral, os estudos sugerem existir uma relação positiva, ainda que mínima, entre a religiosidade e as práticas de saúde. Há evidências de que a prática religiosa está positivamente associada ao bem-estar físico e mental.⁸³

Além disso, nota-se que, em muitos casos, a falta de uma prática religiosa efetiva está associada à adoção de diversas condutas de risco à saúde, tais como tabagismo, etilismo, uso de drogas ilícitas e comportamento sexual de risco. Em relação às atividades físicas e comportamentos sedentários, estudos com adultos evidenciaram que indicadores de religiosidade (participação em eventos religiosos, compromisso religioso, apoio social divino) são fatores associados a maiores níveis de atividade física. Estudos com adolescentes são escassos, mas é possível levantar a hipótese de que a religiosidade esteja associada a atividades físicas em pessoas jovens.⁸⁴

A partir desse estudo, o corpo tem se apresentado como um dos mais complexos e instigantes fenômenos e possibilita a compreensão da realidade na qual se está inserido. Neste tocante estão as relações homem-homem, homem-natureza e homem-sociedade que se configuram em elementos-chaves para que se entenda a forma como a escola educa o corpo. No corpo, no movimento humano e em todo o universo das práticas e técnicas corporais estão intrínsecos valores sociais, culturais, políticos e econômicos do momento histórico que perpassa a trajetória do homem em sociedade.⁸⁵

Como espaço privilegiado para a formação humana e aquisição de conhecimentos sistematizados, a escola desenvolveu a noção de educação do corpo

⁸² MÉLO *et al.* Associação entre religiosidade, atividade física e comportamento sedentário em adolescentes. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, Pelotas, vol. 17, n. 5, p. 359-369, out., 2012, p. 360.

⁸³ MÉLO *et al.*, 2012, p. 360.

⁸⁴ MÉLO *et al.*, 2012, p. 360.

⁸⁵ LAZZAROTTI FILHO; BANDEIRA; JORGE, 2018, p. 147.

como elemento estratégico de sua intervenção educativa, trazendo uma predominância de concepção de corpo restrita aos aspectos biológicos, sinalizando a hegemonia do conceito cartesiano, além da exacerbada preocupação com a saúde e a aparência, visando ao alcance da boa forma. É neste contexto também que se desenvolve a educação intelectual separada de uma educação corporal, justapondo-as. Assim, a educação corporal vai pautar-se pela ideia, culturalmente cristalizada, de superioridade da esfera mental ou intelectual – a razão como identificadora da dimensão essencial e definidora do ser humano. O corpo deve servir. O sujeito é sempre a razão, ele (o corpo) é sempre objeto; a emancipação é identificada com a racionalidade da qual o corpo estava por definição, excluído.⁸⁶

Dessa forma, a razão torna-se essência do homem e o corpo mero objeto a ser conhecido e investigado. Outro elemento estratégico refere-se aos mecanismos de controle através de técnicas disciplinares, visando a contenção de gestos e atitudes, educando o corpo de acordo com valores socialmente aceitos. O corpo é, em primeiro momento, o objeto e a vítima preferencial da civilização, cuja história pode ser lida nos anais do crescente processo de controle daquele, e pelo desenvolvimento de técnicas que medeiam este domínio.⁸⁷

A escola, enquanto instituição social responsável pela produção e sistematização do conhecimento historicamente produzido pelo homem, configura-se fértil espaço para se refletir a educação do corpo e conseqüentemente os mecanismos utilizados pela classe dominante para se manter no poder. Como parte importante do processo de disseminação cultural, a escola ensina e reproduz grande parte das técnicas corporais de determinado momento histórico, várias delas privilegiadas nas aulas de Educação Física. As técnicas disciplinares estão relacionadas à arquitetura da escola, ao planejamento dos espaços de deslocamento, às proibições e interditos. Nesse quadro, estar atento à dinâmica dos castigos é um exercício muito importante. Há uma série de castigos nos ambientes educacionais, muitos deles relacionados a dores e privações corporais (flexões, voltas na pista de corridas, entre outros).⁸⁸

⁸⁶ BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Caderno do Cedes*, ano XIX, n. 48, ago., p. 65-70, 1999, p. 69.

⁸⁷ VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. In: SOARES, C. L. (Org.). *Cadernos Cedes*, Campinas, ano 19, v. 19, n. 48, p. 89-108, ago., 1999, p. 91.

⁸⁸ VAZ, 1999, p. 95.

Essas técnicas se materializam no âmbito escolar com o intuito de docilizar o corpo através do controle de ações, adestramento de gestos, manipulação de desejos, a fim de mantê-lo submisso à ordem vigente, não manifestando qualquer atitude que fuja dos padrões de comportamento denominados corretos na sociedade. Com isso, o corpo se configura palco de contradições que refletem as condições concretas de existência e também numa possibilidade de enfrentamento e luta contra as regras dominantes na sociedade.⁸⁹

Durante a observação das aulas, percebe-se uma divisão espontânea de meninos e meninas, que se sentavam em lugares extremos da sala e somente alguns se misturavam com colegas de outro sexo. No âmbito dessa pesquisa, pode-se observar também que, a educação do corpo através do esporte escolar é um dos principais vetores presentes na escola. De um lado, o esporte escolar aparece como conteúdo hegemônico presente nas aulas de Educação Física; de outro, aparece nos projetos extracurriculares mantidos pela Secretaria Municipal de Educação de Vila Velha. Estas duas principais manifestações do esporte escolar culminam com os Jogos Estudantis de Vila Velha (JOEMVV).⁹⁰

Reconhecidos também como importantes fatores da educação do corpo, observam-se os projetos desenvolvidos por alguns professores de Educação Física (sejam jogos intercalasse, danças infantis, ensaios, desfiles e competições, entre outros) que dão treinamento e condicionamento aos corpos juvenis no âmbito escolar constituindo-se numa etapa introdutória ou inicial ao esporte (processo de iniciação, sensibilização e disciplinamento) como via de Educação Física para um futuro desenvolvimento de atletas e esportistas no âmbito da vida privada, fora da escola no município.⁹¹

Porém, reconhece-se também que, a indústria cultural cumpre seu papel de legitimar o sistema capitalista quando fixa para a sociedade a imagem de que qualquer jovem pode se tornar profissional, pois as oportunidades são iguais para todos, basta treinarem e buscarem seus sonhos.

⁸⁹ BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. *Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares*. Curitiba: PUC-PR, 2011, p. 2395.

⁹⁰ MELLO, André da Silva; FERREIRA NETO, Amarílio; VOTRE, Sebastião Josué. Intervenção da Educação Física em projetos sociais: uma experiência de cidadania e esporte em Vila Velha (ES). *Revista Brasileira de Ciências e Esporte*, Campinas, v. 31, n. 1, p. 75-91, set., 2009, p. 78.

⁹¹ MELLO; FERREIRA NETO; VOTRE, 2009, p. 79.

No entanto, quando um número muito grande de instâncias formadoras de consciência ideologicamente falsa age sobre uma mesma instituição, no caso o esporte, os agentes (no caso os praticantes) podem ser iludidos sobre seus próprios interesses verdadeiros.⁹² Sendo assim, o objetivo desse estudo é analisar a associação de religiosidade (filiação e prática religiosa) com o nível de participação (ou não, isto é, considerando alguns interditos e descompassos) em aulas de Educação Física entre adolescentes estudantes do Ensino Fundamental no município de Vila Velha (ES).

Assim, o objetivo deste estudo foi analisar a associação de indicadores de religiosidade, afiliação e prática religiosa, unida às concepções de corpo e de seus usos com a participação (ou não) em aulas de Educação Física entre adolescentes estudantes do Ensino Fundamental e ainda, quais os interditos (discursos e conhecimentos) que justificam essas escolhas, atitudes e posturas desses adolescentes e jovens de orientação religiosa cristã protestante e pentecostal.

Assim, na tentativa de ampliar o entendimento acerca da educação do corpo na escola, busca-se articular os desdobramentos deste objeto mais especialmente na disciplina de Educação Física. Para isso, quem observa as aulas de outros colegas professores de Educação Física em algumas escolas pesquisadas com o intuito de perceber e registrar como se dão as relações de alunos com a Educação Física e as relações e movimentos dos corpos nesse componente curricular nesse espaço-tempo da aula do Ensino Fundamental diurno.⁹³

A hipótese tem o sentido de evidenciar que existe associação entre os indicadores de religiosidade (adesão ou rejeição de participação nas aulas por motivo de viés religioso) e as aulas de Educação Física. Isso será possível na análise e na discussão dos dados da pesquisa de campo que será apresentada no capítulo terceiro.

⁹² KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2001, p. 27.

⁹³ LAZZAROTTI FILHO, Ari; BANDEIRA, Lílian Brandão; JORGE, Antônio Chadud. A educação do corpo em ambientes educacionais. *Revista Pensar a Prática*, v. 8, n. 2, p. 141-161, jul./dez., 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/111/1571>>. Acesso em: 20 mar. 2018, p. 146.

2 HEDONISMO E CONSUMISMO: O CORPO NA PÓS-MODERNIDADE

Pelo que aponta a literatura consultada, tem sido um traço comum entre os pensadores contemporâneos refletir acerca da sociedade em toda a sua imensa complexidade. Desde vários pontos de vista como, por exemplo, o antropológico, o científico, o sociológico e o filosófico, se buscam compreender o tempo atual a fim de gerar um único conceito que dê conta dos fenômenos sociais e suas implicações. François Lyotard trabalha com o conceito-chave de pós-modernidade fazendo uma análise profunda das condições do saber, apontando a sua natureza conectada ao núcleo de uma mudança que se dá tanto em meio cultural quanto histórico. Assim sendo, afirma que a hipótese de trabalho é a de que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-moderna.⁹⁴ Zygmunt Bauman, por outro lado, refere-se a uma modernidade líquida, período da história em que os preceitos mais duros, sólidos e sedimentados da modernidade se derreteram.⁹⁵

De todo modo, embora esses pensadores contemporâneos façam uso de conceitos diferentes para discorrer sobre os fenômenos da contemporaneidade, um fio une todos eles, a mudança: o conceito de pós-modernidade faz parte do pensamento social porque alerta a todos em relação a algumas mudanças sociais e/ou culturais importantes que já estão acontecendo desde o final de século XX.⁹⁶ Essa mudança é, no entanto, muitas vezes encarada como uma simples destruição de algo anterior para a entrada em uma nova formatação. Como exemplo, considera-se a concepção de Fredric Jameson, quando afirmava que a pós-modernidade tem sido frequentemente caracterizada (por várias pessoas) como o fim de algo. Jameson, ainda complementando seu argumento, ressaltando que é preciso registrar o retorno na pós-modernidade de uma série de coisas antigas, das quais se pensava já estar livre definitivamente. Esse retorno, vale dizer, é encarado por Lipovetsky como uma exacerbação de alguns princípios modernos.⁹⁷

Lipovetsky diz que a sociedade contemporânea é a experimentação das ideias da modernidade em seu grau mais avançado. Geralmente a modernidade é

⁹⁴ CRUZ, Daniel Nery da. *Lipovetsky e a hipermodernidade: dilemas e perspectivas para a moderna noção de sujeito e a ética*. São Leopoldo: UVRS, 2013, p. 17.

⁹⁵ CRUZ, 2013, p. 17.

⁹⁶ CRUZ, 2013, p. 17.

⁹⁷ CRUZ, 2013, p. 17.

conceituada como oposição e superação da tradição dando lugar a uma sociedade baseada na ideia de progresso científico, técnico e industrial e de valorização do novo, do indivíduo e da razão como critério de validade e de certeza. A pós-modernidade, ao contrário, não pode ser simplesmente compreendida em termos de destruição do que foi instituído no passado, ou seja, não significa o fim da modernidade, mas uma versão exacerbada de algumas de suas características, como o desenvolvimento técnico e a valorização do individualismo.⁹⁸

Por essa razão, tem-se que Lipovetsky prefere usar o termo hiper-modernidade para se referir a esse processo. O prefixo hiper faz menção a uma exacerbção dos valores da modernidade; é a cultura do excesso determinada e marcada pelo efêmero em que o sujeito, em ritmo frenético, busca a satisfação dos seus desejos.⁹⁹ Conforme explica Paula Souza de Oliveira e Adelize Oliveira dos Santos:

A sociedade contemporânea ainda é definida como uma sociedade de consumo e, mais ainda, nela, o hedonismo, filosofia que considera o prazer como um bem, aparece como meta a ser alcançada e o consumo é um dos principais meios para tal, alimentando, assim, a continuidade do sistema capitalista e dando sentido à vida pós-moderna. Segundo pesquisadores e ambientalistas, os altos níveis de produção e consumo estão exaurindo os recursos naturais do planeta, causando efeitos devastadores para o equilíbrio do meio ambiente.¹⁰⁰

Ao final do século XX e início do século XXI, a superexposição de modelos corporais nos meios de comunicação contribuiu, fundamentalmente, para a divulgação de uma ótica corpórea estereotipada e determinada pelas relações de mercado. A mídia contemporânea vincula somente corpos que se encaixam em um padrão estético aceitável, mediado pelos interesses da indústria de consumo. Modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, em todos os formatos de mídia, num jogo de sedução e imagens.¹⁰¹

Trata-se de vincular à representação da beleza estética ideias de saúde, magreza e atitude, configurando-se como objeto de desejo um corpo bonito, jovem,

⁹⁸ CRUZ, 2013, p. 18.

⁹⁹ CRUZ, 2013, p. 18.

¹⁰⁰ OLIVEIRA, Paula Souza de; SANTOS, Adelize Oliveira dos. *Consumo hedonista: impasses e contradições do consumidor pós-moderno para um planeta sustentável*. Salvador: IFBA, 2012, p. 2.

¹⁰¹ BRAGA, Patrícia Déa; MOLINA, Maria Del Carmen Bisi; FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de. Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, UFES, v. 15, n. 1, 2010, p. 88.

malhado, com ideias de vencedor e rodeado pelo consumo. Esse conjunto de fatores acabou por criar no imaginário social uma associação entre o corpo ideal e o sucesso.¹⁰² Segundo o entendimento de Le Breton:

O corpo é o vetor semântico pelo qual a relação do indivíduo com o mundo é construída, o que ocorre por meio do contexto cultural e social em que o indivíduo se insere. Dentre essas relações, encontramos atividades perceptivas, mas também expressão de sentimentos, cerimoniais de ritos e de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor e com o sofrimento. O corpo produz sentidos continuamente e, assim, insere-se ativamente no interior de dado espaço social e cultural. 'Antes de qualquer coisa, a existência é corporal'.¹⁰³

Dessa forma, conforme explicam Kalya Maroun e Valdo Vieira, o que poderia ser denominado genericamente de 'corpo ocidental' se encontra em plena transformação na pós-modernidade. Não se trata mais de aceitar o corpo como ele é, mas sim de corrigi-lo, transformá-lo e reconstruí-lo em caráter permanente. Um forte imaginário contemporâneo busca nos corpos, assim como em outros objetos (como é o caso do automóvel ou do telefone celular, por exemplo), uma possível verdade sobre si mesmo que a sociedade parece não conseguir mais proporcionar. Assim sendo, na falta de realizar-se em sua própria existência, procuram realizar-se por meio de seus corpos e de seus objetos de consumo.¹⁰⁴

Para Célia Martins da Costa, a pós-modernidade oferece informações sobre tudo, porém tais informações fragmentadas se dão em curto espaço de tempo para a quantidade excessiva de conteúdo a ser absorvido, provocando a não assimilação por parte dos indivíduos. No entanto, os que recebem as mensagens as qualificam como verdades absolutas. O homem pós-moderno acredita ser bem informado pelos meios de comunicação; acredita possuir caráter ativo na sociedade, quando na realidade é passivo, tendo em vista que aceita todas as informações sem as questionar, conferir, verificar ou analisá-las. Dessa forma, o corpo e o intelecto recebem informações com o intuito de persuasão. O corpo recebe informação que visam a modificação de sua forma original. Assim, em sua forma original, o indivíduo natural é mostrado sem brilho, sem graça e feio, enquanto que este mesmo indivíduo posteriormente é mostrado com transformações tem caráter de beleza, alegria, satisfação e brilho, projetando no

¹⁰² BRAGA; MOLINA; FIGUEIREDO, 2010, p. 88.

¹⁰³ LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 7.

¹⁰⁴ MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 173-174.

observador a vontade de se modificar também.¹⁰⁵ Em complemento a isso Maroun e Vieira afirmam que:

A década de 60 do século XX foi um marco na relação do indivíduo com os outros e com o mundo. Ampliam-se consideravelmente essas relações por meio do feminismo, da revolução sexual, da expressão corporal, do 'body-art' e da emergência de novas terapias, proclamando a ambição de associar-se somente ao corpo. Um novo imaginário luxuriante toma conta de grande parte da sociedade, e nenhuma esfera das relações sociais sai ilesa das reivindicações que se desenvolvem com relação à condição corporal. Passa a existir o distanciamento do próprio corpo e dos próprios desejos rumo a uma busca insaciável cuja imagem corporal e cujo desejo são impostos compulsivamente por interesses financeiros. Quando o real do próprio corpo se faz visível, este parece ser desconsiderado, precisando ser transformado pela plástica, lipoaspiração, tatuagem, 'piercing', exercícios físicos vigorosos, remédios e anabolizantes, para que o indivíduo forje uma relação de reapropriação de si e de seu corpo, ainda que o faça segundo o modelo da propriedade de bens, modelo tragicamente incompatível com qualquer intimidade. Temos, então, a clássica anedota: '- Este seio é mesmo seu?' '- Claro que sim, eu o comprej'.¹⁰⁶

No século XX, a partir da segunda metade da década de sessenta, configurou-se a chamada revolução de veraneio, a qual impôs novo conceito de férias de verão, em que a exposição dos corpos passou a ocupar espaço central. A expansão publicitária foi responsável pela difusão de hábitos relativos aos cuidados com o corpo e às práticas de higiene, beleza e esportivas, preconizadas por médicos e moralistas burgueses desde o início do século. As imagens das atrizes de cinema com sorriso branco e cabelos brilhantes vendendo creme dental e xampu anunciavam novas práticas, difundindo uma nova maneira de lidar com o corpo e um novo conceito de higiene. Ainda nos anos 1950, revistas voltadas para o público feminino, traziam estrelas do cinema europeu e norte-americano, vencedoras de concurso de miss ou de beleza para aconselhar outras mulheres sobre os cuidados com a beleza.¹⁰⁷ Com isso:

A preocupação com o corpo se intensificou, tendo sido crucial na formulação de novo ideal físico fortemente influenciado pela indústria cinematográfica. A partir de então, o culto ao corpo ganhou dimensão social inédita: industrialização e mercantilização, difusão generalizada das normas e imagens; profissionalização do ideal estético com a abertura de novas

¹⁰⁵ COSTA, Célia Martins da. *A estética do corpo: um problema pós-moderno*. São Paulo: Mackenzie, 2010, p. 8.

¹⁰⁶ LE BRETON, 2006, p. 7.

¹⁰⁷ SAUERBRONN, João Felipe Rammelt; TONINI, Karla Andrea Dulce; LODI, Marluce Dantas de Freitas. Consumo do corpo e corpo para o consumo – um estudo sobre os significados de consumo associados ao corpo feminino em peças publicitárias de suplementos alimentares. *READ – Revista de Administração da EA/UFRGS*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 1-25, jan./abr., 2011, p. 4.

carreiras; a significativa elevação dos cuidados com o rosto e com o corpo fez nascer a ideia de um novo momento da história da beleza feminina e, em menor grau, masculina. A mídia adquiriu imenso poder de influência sobre os indivíduos, generalizando a paixão sobre a moda, expandindo o consumo de produtos de beleza e conferindo à aparência pessoal uma dimensão essencial da identidade para um contingente cada vez maior de indivíduos.¹⁰⁸

Tem-se assim que, de acordo com a visão de Jairo Antônio da Paixão e Maria de Fátima Lopes, sob a égide do capitalismo, sistema econômico no qual o corpo é tomado como um bem de consumo, legitimaram-se as alterações corporais, tornando-as aceitáveis e acessíveis, viabilizando aos indivíduos a construção das próprias identidades corporais.¹⁰⁹

No próximo item, passa-se a abordar a questão do corpo em tempos hipermodernos.

2.1 Os tempos hipermodernos

O moderno e o pós-moderno se entrelaçam como momentos históricos da humanidade, sem, contudo, haver consenso entre os doutrinadores não apenas sobre a designação de pós-moderno, como também acerca do fim de um e o início do outro. Boaventura de Souza Santos destaca que a designação, supostamente, inadequada de pós-moderno se tornou tão popular nessa transição, que o termo é autêntico na sua inadequação, ressaltando a característica de dissensão desse estágio histórico.¹¹⁰

Eduardo Carlos Bianca Bittar, referindo-se ao marco do pós-modernismo, destaca que ele não se originou em data certa, do dia para a noite, mas veio se produzindo como consciência ao longo do século XX, com cada fracasso, cada engodo, cada engano, cada destruição, cada abalo da modernidade, constituída por um conjunto de fracassos e mentiras. A modernidade pregou o desenvolvimento, a qualquer preço, como chave segura para o bem-estar da humanidade.¹¹¹ A era moderna é a era da produção e, por consequência, do consumismo, como ideia de

¹⁰⁸ SAUERBRONN; TONINI; LODI, 2011, p. 4.

¹⁰⁹ PAIXÃO, Jairo Antônio da; LOPES, Maria de Fátima. Alterações corporais como fenômeno estético e identitário entre universitárias. *Revista Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 101, p. 267-276, abr./jun., 2014, p. 268.

¹¹⁰ SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 49.

¹¹¹ BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. *O direito na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 93.

liberdade. O mercado é que deve ser a mola propulsora do progresso da civilização. Os princípios morais são substituídos pelas leis de mercado, as quais ditam as regras de como viver, o que consumir e se informar. Tudo gira em prol da satisfação pessoal e de interesses egoístas. Existe uma cultura voltada para o supérfluo; e não há solidariedade. Ninguém se preocupa com o outro. O sistema econômico, no qual o mercado dita as regras, longe de ser liberdade, escraviza.¹¹²

Não há visão social. Existe apenas o eu preocupado com o ter. É o consumismo ditando as regras de como viver e estar na sociedade. Erich Fromm, entre o ter ou o ser, afirmar que:

Consumir é uma forma de ter e talvez a mais importante de todas na atual sociedade industrial da abundância. Consumir tem características ambíguas: liberta a ansiedade, dado que aquilo que se tem não nos pode ser retirado; mas ao mesmo tempo exige que se consuma cada vez mais, porque tudo o que se consumiu depressa perde o seu caráter satisfatório. Os modernos consumidores podem identificar-se pela seguinte fórmula: Eu sou igual ao que tenho e ao que consumo.¹¹³

Fromm faz uma crítica ao estado atual de consciência do homem. Segundo esse autor, o homem encontra-se alienado em decorrência da grande escravização oriunda da era das máquinas. As máquinas desumanizam o homem e fazem com que ele não perceba os valores realmente importantes de sua existência. Nesse sentido, o título Ter e Ser é já uma análise da velha questão existencial, agora vivenciada e adaptada à sociedade de consumo, onde o ter (possuir) define o ser (ente). Onde quem nada tem, nada é.¹¹⁴

É importante ressaltar que Fromm não está criticando o ser humano, acusando-o de ser materialista por vontade própria. Ao contrário, considera normal o estágio atual da consciência humana, deslumbrada com a dinâmica progressista da tecnologia, onde, em pouco mais de cem anos o homem pode construir todos os confortos que não havia conseguido em mais de dois mil anos, tomando como princípio do saber a Antiguidade Clássica, onde se iniciaram as grandes discussões filosóficas, a matemática, a física, a metafísica, a música e a astronomia.¹¹⁵

¹¹² BITTAR, 2005, p. 93.

¹¹³ FROMM, Erich. *Ter ou ser*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987, p. 45.

¹¹⁴ FROMM, 1987, p. 45.

¹¹⁵ FROMM, 1987, p. 46.

Contudo, Fromm afirma que o homem, apesar de fascinado diante da ciência, já compreendeu a ilusão contida na afirmação de que a tecnologia poderia levá-lo a um estado de felicidade e liberdade totais, baseados na abundância material. Então, é preciso preparar o espírito humano para uma revolução: que se dará a nível interior, na consciência do homem.¹¹⁶

Para Marcelino, a modernidade retirou a figura de deus do centro do universo, colocando a razão em seu lugar, com todos os valores ditados pela vida terrena. O modernismo fez do homem frágil um ser central dotado da própria divindade. O homem moderno promete mundo ideal, organizado e racional, que são elementos necessários para se atingir a felicidade.¹¹⁷ E Marcelino ainda afirma que:

A sociedade moderna deveria estar sob o controle absoluto do Estado, os instintos e a vida cotidiana deveriam ser domados pelos mecanismos estatais de modo a controlar homens e mulheres para a boa ordem da civilização. Estradas planas e bem iluminadas eram necessárias para que o capital pudesse desfilir livremente rumo ao progresso, este, o novo dogma da era moderna.¹¹⁸

A moral, a ética e a ciência têm ordem determinista e universal, o discurso que não se enquadrava no método lógico-formal não poderia ter lugar no palco científico. A era moderna foi marcada, sobretudo, pela crença na razão e no progresso, pela inversão do transcendental para o terreno. Ainda conforme o entendimento de Marcelino, o ser humano caminha sem direção porque o absoluto não existe, cada um faz a sua verdade. O relativismo destrói conceitos tradicionais (família, casamento, honestidade, moral e demais virtudes que deveriam ser cultivadas pelo homem). O liberalismo, como fundamento do modernismo, é consequência do relativismo cultural e moral, em que não há paradigmas a serem seguidos. Cada um constrói aquilo que entende como certo, havendo uma liberdade total, vez que o tradicional oprime e denega a individualidade das pessoas.¹¹⁹

Por sua vez, Gilles Lipovetsky também teoriza a respeito da pós-modernidade. No entendimento deste autor, a pós-modernidade deu espaço ao estado cultural que ele chama de hipermodernidade. Nesse novo estado, a ordem social e econômica,

¹¹⁶ FROMM, 1987, p. 47.

¹¹⁷ MARCELINO, Pedro Renato Lúcio. A pós-modernidade e o consumismo. Contribuição discente parte 1. *Revista Acadêmica de Direitos Fundamentais*, Osasco, v. 3, n. 3, p. 23-32, out., 2009, p. 25.

¹¹⁸ MARCELINO, p. 25.

¹¹⁹ MARCELINO, 2009, p. 25.

juntas com a cultura, são pautadas em senso de consumo de massa, substituindo o referencial na produção em massa e em hegemonia do que o autor chama de sociedade-moda, que toma o lugar da sociedade dotada de rigor disciplinar.¹²⁰

2.2 Consumismo

O consumismo, segundo Ferreira, é o sistema que favorece o consumo exagerado. É o ato de comprar produtos ou serviços sem a mínima necessidade e consciência, revelando-se em verdadeira obsessão à aquisição. Trata-se de gesto compulsivo e descontrolado, alimentado pelo marketing e publicidade levada a efeito pelas empresas que comercializam tais produtos e serviços. A sociedade pós-moderna, devido ao desenfreado consumismo que a caracteriza, é rotulada como a sociedade de consumo, na qual as pessoas compram o que podem e até o que não podem, buscando suprir a indiferença social, a escassez financeira, a baixa auto-estima, suas frustrações e angústias, como ainda outros fatores de ordem emocional.¹²¹

A vivência da perda associa-se à proliferação de apelos ao consumo e ao sucesso, fazendo com que as pessoas, mesmo angustiadas, perplexas e inseguras, estejam mais interessadas em escolher entre as diversas marcas de produtos e as mais infinitas ofertas, do que com sua condição de Ser e Estar no mundo. O mundo cheio de possibilidades complementa Bauman, assemelha-se a uma mesa de bufê repleta de tantas delícias, que nem o mais delicado comensal poderia esperar experimentar todas.¹²²

Os comensais são consumidores e a mais difícil e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a de fazer escolhas, de dispensar algumas opções inexploradas e estabelecer prioridades. Por ironia, a infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de opções. Adquirem-se, compulsivamente, toda espécie de produtos supérfluos, comprados por impulso, a partir da influência da propaganda veiculada nos meios de comunicação, num incessante incentivo ao consumo. Consumir representa o elixir contra as incertezas

¹²⁰ MARCELINO, 2009, p. 26.

¹²¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

¹²² MARCELINO, 2009, p. 28.

agudas e o sentimento de incômoda insegurança. Propagou-se um comportamento geral de comprar, não apenas produtos e serviços, mas também as habilidades necessárias ao sustento, o tipo de imagem que se deseja, os métodos de convencimento dos possíveis empregadores etc.¹²³

Segundo as explicações de Valadares *et al*, há três perspectivas básicas a respeito da cultura do consumo. A primeira considera que a expansão da produção de mercadorias do sistema capitalista deu origem a imenso acúmulo de cultura material na forma de bens de consumo e locais de compra, facilitando a manipulação ideológica e o controle sedutor do consumo. Com isso, os bens assumiram uma gama de associações e ilusões culturais, sendo a publicidade um instrumento sagaz no aproveitamento de tais possibilidades. Sob esse prisma, entende-se que a sociedade de consumo passa a recusar o que é real, deixando de consumir um objeto para consumir uma ideia que vem junto com ele.¹²⁴

Em segundo lugar, tem-se o ponto de vista sociológico, que assume a satisfação derivada de bens relacionada ao acesso à estrutura social, em que a satisfação e o *status* dependem de exibição e manutenção de diferenças em contexto econômico. O foco são as diferentes formas como as pessoas usam bens para criar vínculos ou estabelecer distinções sociais. Destaca-se o aspecto duplamente simbólico dos bens de consumo, que se evidencia tanto no *design* e no imaginário envolvido nos processos de produção e marketing, quanto nas associações simbólicas dos bens, usadas para enfatizar estilos de vida distintos, demarcando as relações sociais. Em outras palavras, embora os bens possam derrubar barreiras sociais, também podem agir em sentido inverso, restringindo, controlando o processo de troca.¹²⁵

Em terceiro lugar, destacam-se os prazeres emocionais do consumo, os sonhos e os desejos que se tornam artefatos simbólicos para a propagação da cultura do consumo, além dos espaços de consumo que provocam diversos tipos de estímulos físicos e prazeres estéticos. Nessa dimensão a questão do culto ao corpo e os prazeres estéticos são impulsionados pelos profissionais que trabalham na geração de demandas para as mercadorias. Nessa visão, a sociedade se define pela moda,

¹²³ MARCELINO, 2009, p. 28.

¹²⁴ VALADARES *et al*. O "cidadão hedonista": diálogos sobre consumo e cidadania na sociedade contemporânea. *Caderno EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 970-983, out./dez., 2016, p. 970.

¹²⁵ VALADARES *et al*, 2016, p. 971.

posto que a moda reordena a produção e o consumo de massa sob a lei da obsolescência, da sedução e da diversificação, aquela que faz passar o econômico para a órbita da forma de moda.¹²⁶

A vida organizada em torno do consumo deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis. Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência universal das compras – é a condição essencial de toda liberdade individual; acima de tudo da liberdade de ser diferente, de ter identidade. Os shoppings são verdadeiros templos nesta era do consumismo, onde as pessoas estão juntas às outras, num lugar fechado e com máxima segurança, mas não convivem e nem compartilham as diferentes experiências. A liberdade, claramente ilusória, acaba reduzida entre um ou outro produto por parte do indivíduo.¹²⁷

Vê-se, também, que a pós-modernidade restringiu cada vez mais as relações sociais. Não se conhece sequer os vizinhos. A vida ficou mais fácil; porém, recolhida em um mundinho. O mundo, a cada dia que passa, tem mais grades, cercas elétricas, muros (como o muro ainda em construção na fronteira do México com os Estados Unidos da América), condomínios fechados, evitando-se de sobremaneira e, cada dia mais, o contato físico com outras pessoas. Cada indivíduo vive em seu mundo e com os seus iguais, sem nenhum interesse acerca do que se passa do outro lado.¹²⁸

Assim, o discurso que se ouve, em defesa das diferenças e da pluralidade, tem por fundamento a homogeneidade (modelo de democracia ocidental, capitalista e do homem branco), que mascara as injustiças, as desigualdades sociais e o racismo. É a sociedade do espetáculo, da superficialidade, em que prevalecem o individualismo e grupos restritos. Além das péssimas consequências individuais ao *oneômano* (aquele que possui distúrbio caracterizado pela compulsão de gastar dinheiro), também o meio ambiente sofre com este mal do século, pois o aumento desenfreado do consumo incentiva o supérfluo, o desperdício e, com isso, uma grande quantidade de lixo. Muitas pessoas consomem certos produtos, certas roupas, para se fazerem aceitas em determinado grupo, seja ele de ideologias diversas ou de pura futilidade

¹²⁶ VALADARES *et al*, 2016, p. 972.

¹²⁷ MARCELINO, 2009, p. 29.

¹²⁸ MARCELINO, 2009, p. 29.

modista, demonstrando que o produto consumido vale mais do que aquilo que se pensa.¹²⁹

Diante do exposto, entende-se que o materialismo foi incrementado pela mídia e pela propaganda. A questão do ter foi acrescida da expressão até quando. Ter agora, além de possuir, significa poder trocar, exercer a rotatividade. Onde o carro do ano passado, ainda totalmente inteiro (como se diz na gíria dos comerciantes de veículos e mecânicos) é substituído por outro mais atual, mesmo que as diferenças não sejam significativas.¹³⁰

Seguindo-se essa linha de raciocínio, perde-se a identidade individual, para viver uma identidade plural e coletiva, na qual o indivíduo passa a representar e se confundir com aquele produto que consome. Shoppings, lojas de departamentos, brechós, lojas de eletrodomésticos, de brinquedos, roupas, carros e grandes construtoras, são os oásis do consumismo exacerbado, como disse Bauman, pois, os grandes *shoppings centers*, essas obras de âmbito faraônico dos tempos modernos e hipermodernos, seus arquétipos de caráter consumistas e lucrativos, acabam por persuadir o cidadão a consumir, a ser, ter, viver, ser aceito, estar, sem morrer, a imortalidade dos faraós Egípcios que só o dinheiro e o *status quo* podem comprar.¹³¹

Frente ao exposto, Valadares *et al* afirma que o conceito de *habitus* também se faz relevante, pois designa a existência de conjuntos estáveis e princípios classificatórios socialmente identificáveis, cuja função é atuar como demarcadores de fronteiras entre grupos; visto que as classes constroem simbolicamente um *habitus* que promove a distinção entre os indivíduos. Dessa forma, o *habitus* se constitui esquema de princípios que geram e organizam práticas e representações, classificando o mundo e estruturando a ação.¹³² Daí porque, no entendimento de Featherstone:

A fase atual, de oferta excessiva de bens simbólicos nas sociedades ocidentais contemporâneas, e as tendências para a desclassificação e desordem cultural (que alguns rotulam de pós-modernismo) estão, portanto, pondo em evidência as questões culturais e têm implicações mais amplas em nossa conceituação do relacionamento entre cultura, economia e sociedade. Esses fenômenos têm resultado ainda num interesse cada vez maior por conceituar questões de desejo, prazer, as satisfações emocionais e estéticas

¹²⁹ MARCELINO, 2009, p. 29.

¹³⁰ FROMM, 1987, p. 48.

¹³¹ MARCELINO, 2009, p. 29.

¹³² VALADARES *et al*, 2016, p. 971.

derivadas das experiências de consumo, não simplesmente em termos de alguma lógica de manipulação psicológica.¹³³

Criam-se então novos monstros, múmias contemporâneas – *socialites* com rostos plastificados por dentro e por fora em sua maior parte. Consoma-se de tudo, pois. Afinal, como bem resume Zygmunt Bauman, “a única coisa que não figura nas listas de compras é a opção de não comprar”¹³⁴. O consumismo contemporâneo não se vincula a nenhuma necessidade, mas ao desejo, ao querer por querer, insaciavelmente doentio. E, quando o faz, é de forma precária porque não dispõe de dinheiro, que é o meio de troca neste regime. Quem não dispõe de dinheiro, mal consegue sobreviver. Em contrapartida, os poucos que o detêm, podem até deixar de comer para manter a forma, enquanto os demais, os excluídos, não dispõem de alimento ou de formas para poder comer.¹³⁵

Esse triste cenário trata-se de um fiel retrato da sociedade de consumo, que, ao não abrigar igualmente a todos, costuma gerar frustrações por desejos não atendidos, provocando, em algumas pessoas, apatia e conformismo, mas, em outras, o desalento condutor às drogas e à violência, pois se não podem pertencer à sociedade, muitos excluídos também não se sentem obrigados a seguir suas regras.

Frente ao exposto, passa-se agora a abordar a questão da valorização do corpo na sociedade de consumo.

2.3 A valorização do corpo na sociedade de consumo

Nunca se falou tanto em corpo como neste século. Nas academias de ginástica e de dança o corpo é modelado para parecer sempre jovem, atlético, favorecendo a estética e, por vezes, a saúde. Porém, esses corpos elegantes, musculosos e vigorosos nem sempre se relacionam bem com outros corpos, com outras pessoas e com tudo que o mundo contemporâneo proporciona.

Vive-se em uma sociedade de consumo, onde a valorização do corpo como objeto narcísico tem sido explorado pelas grandes indústrias em geral. A vaidade

¹³³ FEATHERSTON, Mike. *Cultura e consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1990, p. 31-32.

¹³⁴ MARCELINO, 2009, p. 29.

¹³⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 53-54.

(feminina e masculina) tem sido a grande alavanca para o setor de cosméticos, entretanto a mídia trabalha diariamente a ideia de que é preciso ter barrigas, pernas, bundas e até seios como algumas mulheres expostas por essa mesma mídia. De forma direta, eles impõem o que é ser belo, e o que é ser feio. Frustram milhares de brasileiras e de brasileiros que não se encaixam nesse padrão. Os homens também estão sendo atingidos nesse novo fenômeno e estão frequentando, cada vez mais, academias, clínicas de estéticas e consumindo medicamentos de forma inadequada. As mulheres, por seu turno, estão cada vez mais recorrendo a cirurgias de implante de silicone.¹³⁶

Uma nova cultura do consumo se estabelece a partir da imagem do corpo bonito, sexualmente disponível e associado ao hedonismo, ao lazer e à exibição, enfatizando a importância da aparência e do visual. Essas imagens de corpo são divulgadas pelos meios de comunicação de massa e mídia eletrônica, exigindo toda uma rotina de exercícios e dietas, cosméticos, terapias, entre outras preocupações com a imagem e a auto-expressão, uma exposição sem limites do corpo (*corpo-outdoor*).¹³⁷

Featherstone *et al* analisam essa emergência da cultura do consumo a partir de dois pilares básicos, a saber: a manutenção e a aparência. A aparência relaciona-se com imagens de corpo, a preocupação com o visual. A manutenção relaciona-se com as rotinas de adequação aos valores e padrões de consumo divulgados pelas próprias imagens. Aparência e manutenção são categorias que se retroalimentam, na lógica fantasiosa do consumo.¹³⁸

Para a cultura de consumo, o corpo é veículo de prazer, estando associado a imagens idealizadas de juventude, saúde, aptidão e beleza, que favorecem a expansão da indústria da moda, cosméticos, academias de ginástica e afins. A manutenção, terminologia que indica a popularização da metáfora do corpo-máquina, demanda a monitoração do atual estado da performance corporal, envolvendo a medicina preventiva, a educação para a saúde e o *fitness*. Surge também

¹³⁶ LOURENÇO, Ana Carolina Silva; ARTEMENKO, Natália Pereira; BRAGAGLIA, Ana Paula. *A "objetificação" feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos*. Vila Velha (ES), 2014, p. 10.

¹³⁷ NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física*. Natal: UFRN, 2000, p. 1.

¹³⁸ FEATHERSTON, Mike; HEPWORTH, Mike; TURNER, Bryan Stanley. *The body: social process and cultural theory*. London: Sage, 1996, p. 14.

preocupação com o valor calórico dos alimentos, com os diferentes tipos de atividade física, a intensa divulgação de manuais de auto-ajuda, de dietas de todos os tipos, enfim, o disciplinamento do corpo e de sua submissão à cultura de consumo. A percepção do corpo é dominada pelas imagens da cultura de consumo, refletindo na percepção da vida social e das relações humanas de um modo geral.¹³⁹ Sobre isso, cabe aqui destacar as observações de Rigoni:

Tornam-se evidentes os saberes que disciplinam os corpos sob a justificativa da busca pelo 'corpo ideal', naturalizado na vida cotidiana. Em grande parte, essa ação disciplinadora é promovida pelo discurso midiático. Alguns exemplos podem ser as mulheres usadas como modelo no lançamento de marcas de vestuário, calçados e lingerie. Podemos citar, ainda, os programas de televisão, como os 'reality shows', que parecem fornecer o 'padrão corporal adequado' a toda a população.¹⁴⁰

Analisando as transformações que a sociedade de consumo opera sobre o homem moderno, Baudrillard reflete sobre este aspecto da realidade. O autor refere-se ao valor como sendo o esquema atual da cultura. O valor irradia-se em todas as direções. Havendo uma dispersão dele, uma desterritorialização, onde nada mais pode ser ordenado.¹⁴¹

Vive-se em um mundo de imagens, atravessando fronteiras *online*, um processo avançado de desterritorialização das coisas, ideias e pessoas, o anúncio da cultura global. No entanto, a perda do entorno gera desculturalização. A cultura é fundamental para a preservação da identidade, das referências. A instantaneidade da informação globalizada e das telecomunicações aproxima os lugares, possibilita acesso imediato aos acontecimentos, mas é sempre uma realidade virtual, que não pode substituir a materialidade e a afetividade do entorno e do encontro.¹⁴²

Na pós-modernidade, Baudrillard reflete sobre o corpo na era virtual, o aspecto, de dispersão do corpo e dos valores. É o corpo simulacro, matéria das próteses. O corpo é *transexual, transestético, transcultural* e, nesse *transtudo*, o que resta? A presença do corpo não é mais condição de existência, havendo uma modificação das formas de interação humana, sem o toque, sem a imagem, sem o

¹³⁹ FEATHERSTON; HEPWORTH; TURNER, 1996, p. 14.

¹⁴⁰ RIGONI, 2016, p. 133.

¹⁴¹ BAUDRILLARD, Jean. *A Transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1992, p. 30.

¹⁴² SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 75.

cheiro, sem as experiências sensoriais. “Ser torna-se uma performance efêmera, sem futuro, um maneirismo desencantado num mundo sem maneiras”.¹⁴³

Diante disso, passa-se então a falar a respeito de corporeidade, Educação Física e espiritualidade.

2.4 Corporeidade, Educação Física e espiritualidade

Corpo e alma são conceitos exigidos pela ideologia social. De acordo com Maria Cristina Pratis Hernández, o corpo humano tem sido maltratado pelas tradições sociais, econômicas e religiosas. Isso porque se vive em constante guerra entre os desejos do corpo e as exigências sociais de uma presumível boa educação. O culto à perfeição física fez com que corpos alterados artificialmente sejam expostos como beleza, por meio de uma estética que foge à lógica e à ética.¹⁴⁴ Assim, nas palavras de Marina Guzzo, nos dias atuais, cada vez mais o corpo torna-se uma combinação de próteses, enxertos, metais e outros tantos artefatos que modificam sua estrutura química, física, estética e, sobretudo, a linguagem.¹⁴⁵ Vale dizer, com base nas afirmações de Durand, que:

A linguagem corporal, tão rica e tão intensa, também é um enunciado, um pensamento, uma anunciação, um manancial de representações de imagens simbólicas que revelam uma cultura por meio do corpo em movimento. Essa linguagem remete ao imaginário do corpo. A gestualidade, as formas de expressão no meio sociocultural, quer por palavras ou pela linguagem corporal, forma um mosaico que é atravessado por razão e emoção, realidade e fantasia, objetividade e subjetividade, servindo de receptáculo de nossas pulsões e de nossas fruições. Essas riquezas fluidas estão intrinsecamente ligadas às imagens, ao simbolismo e aos arquétipos, ou seja, ao imaginário. Este, por sua vez, corresponde ao conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens.¹⁴⁶

Por sua vez, no entendimento de Rigoni e Prodócimo, o corpo não expressa somente a mudança individual provocada pela fé.¹⁴⁷ No princípio havia tão somente a

¹⁴³ BAUDRILLARD, 1992, p. 30-31.

¹⁴⁴ HERNÁNDEZ, Maria Cristina Pratis. *A corporeidade da educação religiosa*. Curitiba: PUC-PR, 2011, p. 385-386.

¹⁴⁵ GUZZO, Marina. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. *Revista Brasileira de Ciências e Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, set., 2005, p. 146.

¹⁴⁶ DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004, p. 41.

¹⁴⁷ RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. *Revista Brasileira de Ciência e Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1,

ideia que depois se corporificou. Para satisfazer as necessidades do corpo o homem criou a cultura, ao mesmo tempo, em que agia sobre a natureza. De modo que tais produções criativas afetaram o meio ambiente. Alguns pensadores, como Foucault, não aceitando tal exclusão da natureza, penetraram no mundo do conhecimento, onde os corpos se transformaram em um elemento que fala através de signos, de encontros de corpos.¹⁴⁸ Diante disso, Terezinha Petrucia da Nóbrega alega que:

Percebe-se que o sensível está posto na filosofia moderna e no ideário pedagógico do Iluminismo, mas assume, com relação ao conhecimento, um papel inferior ou acessório. As paixões estão relacionadas aos sentidos, aos desejos e às necessidades do corpo. Já a ideia de civilização se relaciona ao princípio de dominar a natureza, sendo o corpo humano também natureza, elemento da 'physis', o princípio civilizador aplica-se aos processos corporais, à materialidade do corpo.¹⁴⁹

A corporeidade, a sensibilidade, os desejos, a dinâmica de relação com os outros, o nascer, o viver, o sofrer, o morrer do humano transformaram-se em conteúdo objetivo, sintetizado e representado num sentido puramente racional ou na busca do sentido do humano. Portanto no encontro com o outro ocorre uma relação metafísica, ao mesmo tempo, que mantém a separação e a identidade dos corpos, de per si.¹⁵⁰ Conforme afirma Nóbrega:

Essa compreensão de corporeidade poderá incendiar a paixão de ensinar e aprender como princípio educativo, visível nos gestos, no tom de voz, na palavra, no olhar, no silêncio, na impaciência e na quietude, no riso e no choro, no medo e na ousadia, no abraço, na proximidade e na distância. A agenda do corpo na educação e no currículo deverá necessariamente alterar espaços e temporalidades, considerando o ato educativo um acontecimento que se processa nos corpos existencializados e é atravessado pelos desejos e pelas necessidades do corpo e que, seguramente, não é propriedade de nenhuma disciplina curricular, mas que pode oferecer-se, não sem resistência, como projeto de inusitadas colaborações nesse espaço e tempo da educação que compreendemos como currículo.¹⁵¹

Segundo as explicações de Silva *et al*, corporeidade é a expressão que a Filosofia usa para definir a percepção do ser humano como indivisível, sem a divisão corpo e mente. A corporeidade humana depende da percepção que se tem do próprio

jan./mar., 2013, p. 233.

¹⁴⁸ HERNÁNDEZ, 2011, p. 386.

¹⁴⁹ NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 599-615, mai./ago., 2005, p. 603.

¹⁵⁰ HERNÁNDEZ, 2011, p. 386-387.

¹⁵¹ NÓBREGA, 2005, p. 613.

corpo, não apenas do físico, mas também dos valores mental e intelectual. Sendo assim, a corporeidade diz respeito ao diálogo entre corpo, mente espiritualidade e sua relação com o mundo.¹⁵² Na visão de Mariano Weizenmann:

Espiritualidade do esporte é, pois, o sentido benéfico para a vida, quer por sua prática, quer acompanhando e incentivando os que o praticam. A mística esportiva transcende o simples exercício do esporte. Ela dá à prática um sentido que ultrapassa o fazer. Torna o esporte realizador, prazeroso, integrador. A mística sensibiliza o esportista para o cuidado de si mesmo. Leva ao respeito à família e aos colegas, aos admiradores e adversários, ao clube e aos profissionais. Reverencia a justiça na observância das normas e no trato e uso dos proventos de sua profissão.¹⁵³

Na visão de Prado, a escola se constitui espaço ambíguo, o qual reproduz as ideias dominantes, ao mesmo tempo em que luta pelas transformações sociais, efetivando-se pelo controle do corpo, visando eliminar movimentos involuntários e participação espontânea. Nesse sentido, o ensino é preparação para o futuro, desconsiderando que o indivíduo vive no tempo presente, nem sempre valorizando experiências sensoriais e desconsiderando a criatividade. Daí, a necessidade de espaços escolares que permitam diferentes percepções, sensações e experiências, especialmente, quando se tratam dos primeiros anos de escolaridade da criança.¹⁵⁴

Sendo o homem socialmente criador dos movimentos do corpo, essa criação passa por arquétipos, por mitos, porque os mitos também ajudam o corpo a organizar e incorporar a experiência. Assim, Keleman entende que o homem é submetido corporalmente às condições do próprio mundo cultural em que vive. Tal criação é singular, representando a visão de mundo de cada indivíduo em sintonia com sua consciência e capacidade imaginativa.¹⁵⁵

Como bem lembra Ferreira, existem também muitos comportamentos que dizem respeito às práticas corporais. A Educação Física é um exemplo, sendo disciplina que compõe o currículo escolar obrigatório, ela está presente no cotidiano das aulas. Ferreira afirma que, no Brasil, a prática de atividades físicas relacionadas

¹⁵² SILVA, Adriani Cristina de Maria da; HOCHAMNN, Alex Sandro; PICCININI, Larise. Corporeidade: um corpo próprio nas aulas de Educação Física. *Revista Científica Emerção*, v. 1, n. 1, p. 95-106, mai., 2015, p. 97.

¹⁵³ WEIZENMANN, Mariano. Nossa espiritualidade: a espiritualidade do esporte. *Informativo Nossa Voz*, São Paulo, ano 9, n. 70, jun., 2014, p. 6.

¹⁵⁴ PRADO, Antonio Carlos Moraes. O corpo lúdico. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 197-199, set., 2006, p. 197.

¹⁵⁵ KELEMAN, Stanley. *Mito e corpo: uma conversa com Joseph Campbell*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2001, p. 18.

às tradições religiosas é antiga, tendo surgido ainda no século XVI, quando os padres Jesuítas instalaram suas escolas. Os objetivos de praticarem atividades físicas e dos jogos propostos era o consumo de energia e o disciplinamento do corpo.¹⁵⁶

Atualmente, a maioria dos programas de Educação Física se baseia no modelo desenvolvimentista. Tal modelo sugere que a Educação Física, através do uso de atividades físicas cuidadosamente estruturadas, contribui para o desenvolvimento da pessoa, incluindo a aquisição e o refinamento de habilidades motoras, o desenvolvimento e a manutenção da aptidão física, a obtenção de conhecimento sobre as atividades físicas, a promoção de atitudes positivas para a aprendizagem e a participação para toda a vida. Seres humanos são criaturas que se movem. A exploração de como e porque o homem se move, os efeitos de seus movimentos sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca, a apreciação da beleza e significado do movimento e suas inter-relações com outras áreas, constituem um domínio global que tem outros domínios, entre eles o cognitivo e o afetivo. Pouca ou nenhuma disciplina tem um campo de estudo tão vasto.¹⁵⁷

Conforme explicam Rigoni e Daolio, a Educação Física tem como objetivo proporcionar o maior número de experiências possíveis das/nas práticas corporais, bem como contribuir com o aprendizado das formas de cuidados corporais, a partir das noções de saúde, beleza e qualidade de vida. De modo análogo, o Ensino Religioso também adota conteúdos e ensinamentos que aparecem por meio de noções sobre o corpo, cuidados com o corpo, práticas permitidas e práticas desaconselháveis. Assim sendo, é preciso considerar que tais conteúdos e ensinamentos, promovidos tanto pela Educação Física quanto pelo Ensino Religioso, que motivam comportamentos esperados pela sociedade. Então, embora por meio de ensinamentos bem distintos, os cuidados com o corpo estão presentes nessas duas disciplinas.¹⁵⁸

A verdadeira relação de alteridade é ética. Pois o rosto do outro e a sua estrutura corporal, que ocupa um espaço único na natureza, apresentam-se como apelo de responsabilidade para com ele. Mas é próprio do ser humano desejar o

¹⁵⁶ FERREIRA, Lucas Vinícius de Oliveira. *Educação Física, esporte e religião: interferências e relações*. Belo Horizonte: UFMG, 2010, p. 32.

¹⁵⁷ FERREIRA, 2010, p. 20-21.

¹⁵⁸ RIGONI, Ana Carolina Capellini; DAOLIO, Jocimar. Educação Física e religião: tensões entre a educação para o lazer e a busca do prazer. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, jun., 2016, p. 373-374.

infinito, referir-se à transcendência na finitude da subjetividade, que existe com suas fraquezas e limites no espaço e no tempo da história.¹⁵⁹ No entanto, uma relação de valor inegavelmente comum entre Esporte e Religião e que pode ser muito bem trabalhada e estimulada nas aulas de Educação Física, é a superação, pois a motivação que move um atleta a suas práticas esportivas, a possibilidade de superar a si e a outros, de alcançar marcas e recordes.¹⁶⁰

De acordo com Dresch, a Educação Física pode estar assumindo, cada vez mais, um olhar e uma prática religadora em relação ao ser humano. Inicialmente o autor visa reforçar a ideia de que, quando as pessoas buscam a atividade física orientada, elas querem mais do que apenas garantir as condições mínimas de sobrevivência, indo ao encontro de melhores condições de saúde, bem-estar, realização pessoal, auto-estima, bem como de sentido e felicidade. Sendo assim, quando se faz referência à Educação Física no contexto escolar e na sociedade, deve-se levar em conta um conjunto de fatores importantes, tais como: saberes técnicos, valores e o pensamento das pessoas, entre outros.¹⁶¹

Daí porque, na visão de Ferreira é possível perceber a aproximação entre o atleta (esporte) e monge (Religião) por meio do valor descrito: superação. Pelo prisma religioso quanto mais sacrifício viver, mais perto estará de sua entidade divina e o esportista quanto mais se esforçar, treinar e superar-se mais super humano se sente. Ambos encontram um grau de satisfação indescritível através de suas lutas em prol da superação. O esporte pode trazer um estado de elevação também indescritível bem como a religião em suas práticas.¹⁶² O que explica a afirmação de Ryan:

As qualidades humanas que sustentam as atividades atléticas são as mesmas que sustentam as atividades da vida espiritual. Disciplina, dedicação, entusiasmo e perseverança são algumas dessas qualidades humanas tão evidentes em nosso esporte. Outros exemplos de constante intercâmbio entre atividades corporais e benefícios espirituais: os esportes movimentam nossas faculdades mentais de atenção, observação, análise, ordem, julgamento e avaliação. Precisa-se de todas essas habilidades bem aguçadas caso se queira viver e discernir os valores espirituais em uma sociedade secular que parece pouco inclinada a reconhecer a presença dos elementos divinos no mundo.¹⁶³

¹⁵⁹ HERNÁNDEZ, 2011, p. 387.

¹⁶⁰ FERREIRA, 2010, p. 34.

¹⁶¹ DRESCH, Daniele Zeppe. *Educação Física e religião em diálogos: razões para a (não) prática de Educação Física nas escolas*. Santa Rosa: UNIJUÍ, 2013, p. 26.

¹⁶² FERREIRA, 2010, p. 34.

¹⁶³ RYAN, T. Para uma espiritualidade dos esportes. *Revista Concilium*, Petrópolis, Vozes, n. 225, 1989, p. 117-118.

No entanto, o homem não se vê tão natural. E sempre ele mantém uma esperança de vir conhecer mais um pouco do mistério do mundo. É o conhecimento do que ainda-não-é, mas que está aberto para o devir futuro.¹⁶⁴ Sobre isso, Marcela Amaral observa que:

A modernidade trouxe uma pluralidade de dúvidas que estão associadas às escolhas dos indivíduos. Mas ao contrário do que poderíamos imaginar a individualidade moderna não deixa o indivíduo livre para suas escolhas. Diferentes elementos vão, invariavelmente, pressionar e influenciar as ações dos indivíduos para que estes venham a incorporar *habitus*, estilos de vida e construir suas identidades. A escolha pode estar então submetida às oportunidades da vida, ao discurso midiático, à busca pelo sucesso profissional, mas também à corporeidade.¹⁶⁵

Silva, Hochamnn e Piccinini acreditam que a existência corporal deve ser interpretada no contexto sociocultural no qual se encontra inserida, pois é assim que as representações sobre o corpo são construídas, socializadas e vivenciadas coletiva e individualmente. Assim, pode-se afirmar que toda construção cultural que se aprende nos âmbitos contexto familiar, comunitário, escolar, midiático entre outros, estará representado na presença corporal, ou seja, na corporeidade.¹⁶⁶

Como se vê, o corpo humano, que tem sido tratado de formas diferentes pelas tradições sociais, econômicas e religiosas, encontra-se agora em um mundo de conhecimentos humanizados que se confrontam em uma luta pelo conhecimento e domínio da natureza. E para atingir o máximo do conhecimento fala-se em educação. Porém, a educação passa pela ética e esperança, visto que a educação desenvolve compreensão de mundo como algo em aberto, em uma relação com os demais, que pode ser um ser humano ou o resto da natureza ao redor.¹⁶⁷

Tendo sido apresentado, até então, um apanhado teórico acerca do corpo na religião, a partir da visão de corpo no cristianismo e o surgimento da Educação Física; bem como sobre o hedonismo e consumismo: o corpo na pós-modernidade, passa agora, no próximo capítulo, à pesquisa de campo, por meio da qual se avalia a questão

¹⁶⁴ HERNÁNDEZ, 2011, p. 389.

¹⁶⁵ AMARAL, Marcela. *O fenômeno do culto ao corpo moderno e a magreza como símbolo de beleza: estudo sobre o movimento "pró-Ana" no Brasil*. Lisboa: UNL, 2008, p. 10.

¹⁶⁶ SILVA, Adriani Cristina de Maria da; HOCHAMNN, Alex Sandro; PICCININI, Larise. Corporeidade: um corpo próprio nas aulas de Educação Física. *Revista Científica Emersão*, v. 1, n. 1, p. 95-106, mai., 2015, p. 98.

¹⁶⁷ HERNÁNDEZ, 2011, p. 389.

do corpo e a religiosidade de estudantes evangélicos de Vila Velha (ES), segundo os professores de Educação Física.



3 OCORPO E A RELIGIOSIDADE DE ESTUDANTES EVANGÉLICOS DE VILA VELHA, SEGUNDO OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Passa-se agora a expor a pesquisa de campo, por meio da qual se avalia a questão do corpo e a religiosidade de estudantes evangélicos de Vila Velha (ES), segundo os professores de Educação Física. Para tanto, além de expor detalhadamente a metodologia utilizada neste trabalho, apresenta-se ainda a caracterização do município pesquisado. Feito isso, analisam-se os resultados da pesquisa de campo, bem como as sugestões e recomendações inerentes aos problemas identificados.

3.1 Metodologia

Do ponto de vista metodológico, a realização deste estudo obedeceu a alguns passos necessários para que se alcance o objetivo geral, bem como responder ao problema de pesquisa. Para tanto, foram adotados os seguintes passos:

a) pesquisa exploratória e descritiva: no entendimento de Sylvia Vergara esse tipo de pesquisa é a investigação explicativa, que tem como principal objetivo tornar algo inteligível, justificando os motivos, a qual visou, portanto, esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno.¹⁶⁸

b) pesquisa bibliográfica: para que se construa essa pesquisa, é necessário realizar levantamento bibliográfico, conforme explica Ruiz:

A pesquisa teórica tem por objetivo ampliar generalizações, definir leis mais amplas, estruturar sistemas e modelos teóricos, relacionar e enfaixar hipóteses numa visão mais unitária do universo e gerar novas hipóteses por força de dedução lógica. Além disso, supõe grande capacidade de reflexão.¹⁶⁹

c) pesquisa documental: para Gil tal pesquisa se assemelha ao levantamento bibliográfico, diferenciando-se apenas nas fontes e origens, sendo documentos oficiais construídos pelos órgãos competentes.¹⁷⁰ Como exemplo, tem-se a Lei Federal n. 9.394/96, que regulamenta e dá outras providências sobre o

¹⁶⁸ VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000, p. 47.

¹⁶⁹ RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. São Paulo: Atlas, 1996, p. 50.

¹⁷⁰ GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999, p. 41.

funcionamento, a estrutura e as metas do sistema educacional brasileiro em suas vertentes pública e privada.

d) estudo de campo: de acordo com Fonseca:

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante etc.). Sendo assim. Não se limita o estudo às abordagens teóricas.¹⁷¹

Assim, fez-se necessário tentar aproximar a pesquisa da realidade, buscando comprovar os fatos e analisar as informações advindas dos sujeitos da pesquisa, os quais foram selecionados conforme sua capacidade de fornecer dados relevantes, para que se possa responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos propostos.

Ainda conforme o entendimento de Lakatos tem-se que, no que diz respeito ao universo da pesquisa, este foi composto por professores de Educação Física lotados na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Vila Velha (ES).¹⁷²

A amostra adotada foi a probabilística, decorrente de cálculos estatísticos e caracterizada pela possibilidade de que cada elemento da população possa ser representado na amostra, a qual é do tipo “por agrupamento”, considerando-se que responderam aos questionários semi-estruturados¹⁷³ (em anexo) somente professores de Educação Física lotados na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Vila Velha (ES), em total de 70 respondentes. Nesse sentido, ressalta-se que foram distribuídos questionários para 70 professores de Educação Física, em um universo de 100, o que garante significância estatística mínima.¹⁷⁴

Quanto à coleta de dados, o presente estudo é classificado, segundo as explicações de André, como pesquisa de levantamento de dados, por meio da qual pequenas e grandes populações são estudadas através de amostras pequenas, obtendo-se informações sobre os fatores que mais interessam à caracterização da percepção dos respondentes.¹⁷⁵

¹⁷¹ FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002, p. 49.

¹⁷² LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001, p. 51.

¹⁷³ ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2006, p. 27.

¹⁷⁴ LAKATOS, 2001, p. 51.

¹⁷⁵ ANDRÉ, 2006, p. 28.

Sendo assim, cabe aqui ressaltar que, entre as técnicas de pesquisa apresentadas por Octavian e outros, o questionário semi-estruturado foi adotado por se tratar de uma das formas de se aferir o fluxo de informações, tendo por objetivo a obtenção de dados e informações quantitativas e qualitativas que abrangessem aspectos estabelecidos nos objetivos específicos do trabalho.¹⁷⁶

Fundamentada em tais conceitos, a coleta de dados se fez via questionários semi-estruturados, que combinam respostas fechadas com extensões abertas para essas mesmas respostas (modelo em anexo), constituídos de perguntas simples e respostas no sistema de múltipla escolha; distribuídos aleatoriamente entre os sujeitos que constituíram a amostra – professores de Educação Física lotados na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Vila Velha (ES).

Por fim, no que concerne ao tratamento dos dados da pesquisa o método de procedimento utilizado foi o estatístico que, de acordo com os ensinamentos de Parra Filho e Santos, diz respeito à redução de fenômenos sociológicos, políticos e econômicos a termos quantitativos e à manipulação estatística, permitindo que se comprovem as relações dos fenômenos entre si, bem como possibilitando a obtenção de generalizações acerca de sua natureza, ocorrência ou significado.¹⁷⁷

A aplicação prática da pesquisa deu-se em agosto de 2018, sendo os questionários entregues e recolhidos, no mesmo dia, pelo pesquisador.

3.2 Caracterização do município de Vila Velha (ES)

Vila Velha (ES) é a mais antiga do Estado do Espírito Santo, criada em 23 de maio de 1535. Porém, ao longo dos séculos Vila Velha ficou à sombra da capital Vitória. Sobreviveu aos primeiros anos, quando a maior parte de sua população foi para a capital. Em 1828, quase três séculos depois de povoada, tinha apenas 1.250 habitantes, enquanto Vitória contava já com 12.704 moradores. Também naquela

¹⁷⁶ OCTAVIAN, Rosiu Ovidiu Petra; PAULESCU, Doina; MUNIZ, Adir Jaime de Oliveira. *Monografia – cursos de administração, ciências contábeis, ciências econômicas e turismo*. Brasília: UniCEUB, 2003, p. 27.

¹⁷⁷ PARRA FILHO, Domingos; SANTOS, João Almeida. *Apresentação de trabalhos científicos: monografia, TCC, teses e dissertações*. São Paulo: Futura, 2000, p. 39.

época, pequenos municípios, como Nova Almeida e Itapemirim, possuíam respectivamente 1.734 e 1.835 habitantes, sendo maiores do que Vila Velha (ES).¹⁷⁸

Englobando 91 bairros, atualmente o município de Vila Velha tem seu território delimitado com a divisão geográfica de sua área urbana em cinco regiões administrativas, quais sejam: Centro, Grande Ibes Grande Aribiri, Grande Cobilândia e Grande Jucu, conforme a Lei n. 4.707/08, aprovada pela câmara municipal e sancionada pelo prefeito Max filho em setembro de 2008.¹⁷⁹

Ressalta-se que a delimitação dos novos bairros levou em consideração as características históricas, culturais e sociais de cada comunidade, respeitando os limites do perímetro urbano, os eixos viários das rodovias e ferrovias, bem como as imposições de caráter geográfico. De acordo com o censo demográfico, em 2010 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Vila Velha (ES) possuía 430.000 habitantes, distribuídos por uma área de 211 km², sendo ligada à Vitória pela Terceira Ponte, Estrada Jerônimo Monteiro e a Avenida Carlos Lindenberg.¹⁸⁰

Atualmente Vila Velha (ES) se caracteriza como sendo um município de grande desenvolvimento econômico, sobressaindo-se na produção de chocolates, refrigerantes, calçados infantis e sorvetes. O município possui diversas agências bancárias e um grande pólo de confecções, além de várias opções para os turistas.

Por fim, cabe ressaltar que, atualmente, no Ensino Fundamental de Vila Velha (ES) são atendidos mais de 40 mil alunos, nas 61 unidades municipais de Ensino Fundamental da rede de ensino. Desse total, 34 de 6.º ao 9.º Ano, sendo assim distribuídas: a) Região 1 – sete escolas; b) Região 2 – quatro escolas; c) Região 3 – oito escolas; d) Região 4 – seis escolas; e) Região 5 – nove escolas. Com projetos pedagógicos que visam promover ensino de qualidade, essas escolas levam para as salas de aula iniciativas dinâmicas, lúdicas e criativas, garantindo o cumprimento do conteúdo pedagógico aliado a práticas diferenciadas de aprendizagem.¹⁸¹

¹⁷⁸ GARCIA, Daniele Goldner. *Configuração urbana do município de Vila Velha/ES: reflexões sobre os espaços livres e áreas ambientalmente fragilizadas*. Vitória: UFES, 2014, p. 3-14.

¹⁷⁹ GARCIA, 2014, p. 3-14.

¹⁸⁰ GARCIA, 2014, p. 3-14.

¹⁸¹ BARCELLOS, 2012, p. 5-9.

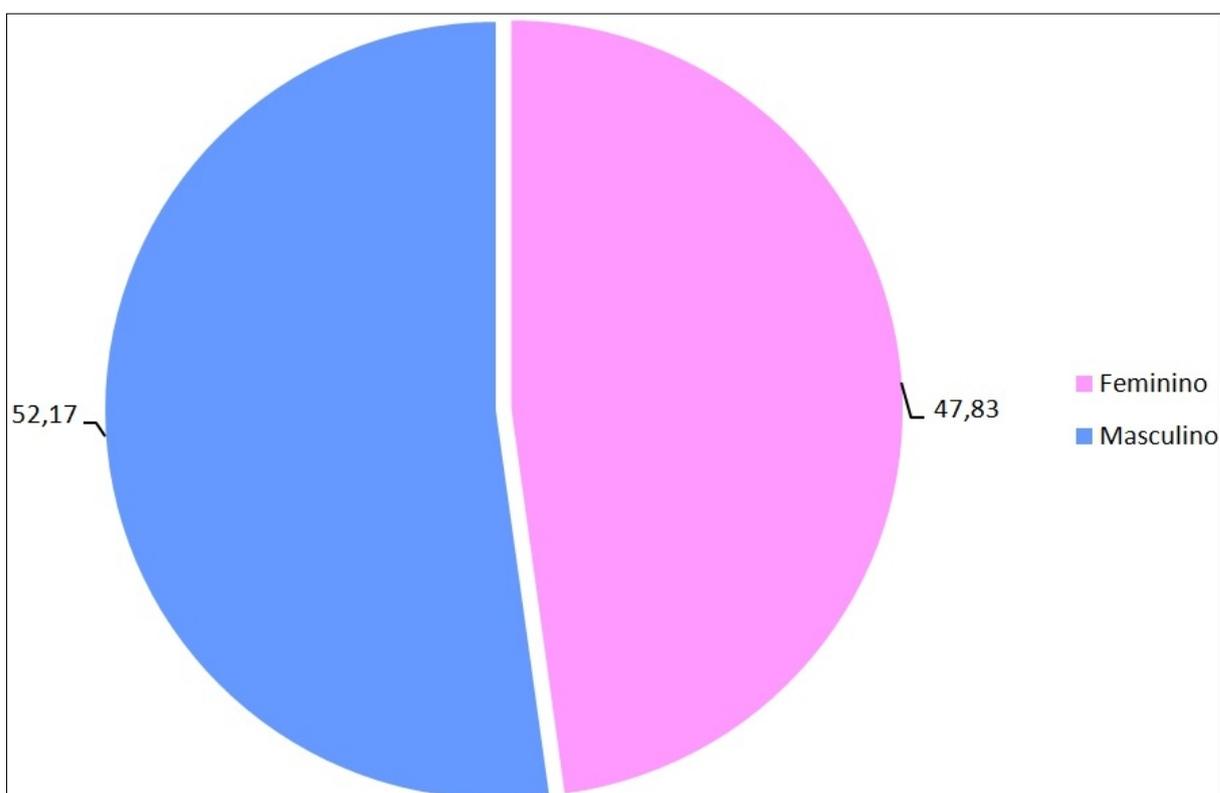
3.3 Resultados e avaliação da pesquisa de campo

Tendo sido expostas as diretrizes metodológicas deste trabalho, bem como caracterização do município pesquisado, passa-se agora a apresentar a caracterização básica do público-alvo respondente.

3.3.1 *Caracterização básica dos/as respondentes*

Passa-se agora a expor o perfil dos professores/as respondentes, iniciando-se com a questão de gênero, conforme exposto no Gráfico 1, abaixo.

Gráfico 1 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por gênero¹⁸²

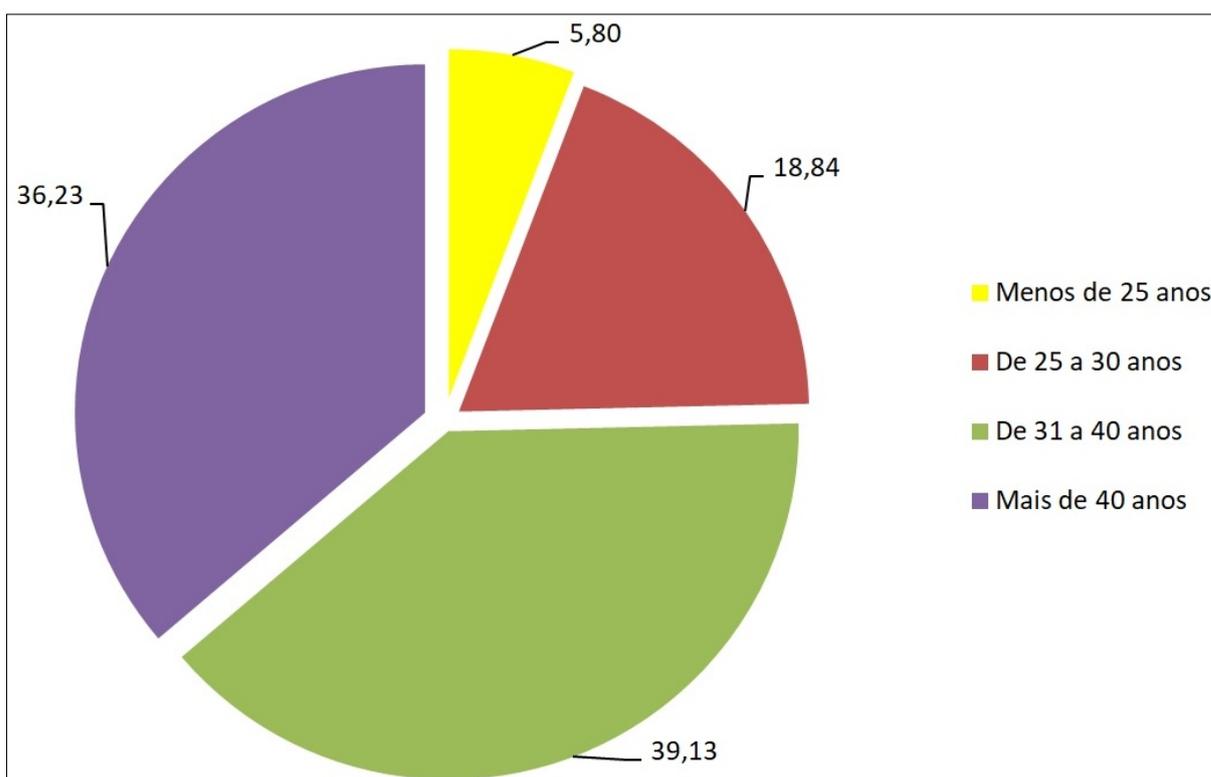


Ao todo, 70 professores/as responderam aos questionários, o que representa 70,41% do total de professores/as de Educação Física lotados no município de Vila Velha (ES), o que confere consistente percentual de representatividade do volume de respondentes em relação ao universo pesquisado. Desses 70 respondentes, 52,17%

¹⁸² Gráfico elaborado pelo autor.

são do sexo masculino e 47,83% são do sexo feminino, o que demonstra considerável equilíbrio em se tratando da questão de gênero, o que, a princípio, diminui as chances de haver alguma forma de favorecimento nas respostas do questionário principal, em função do sexo de cada professor/a respondente.

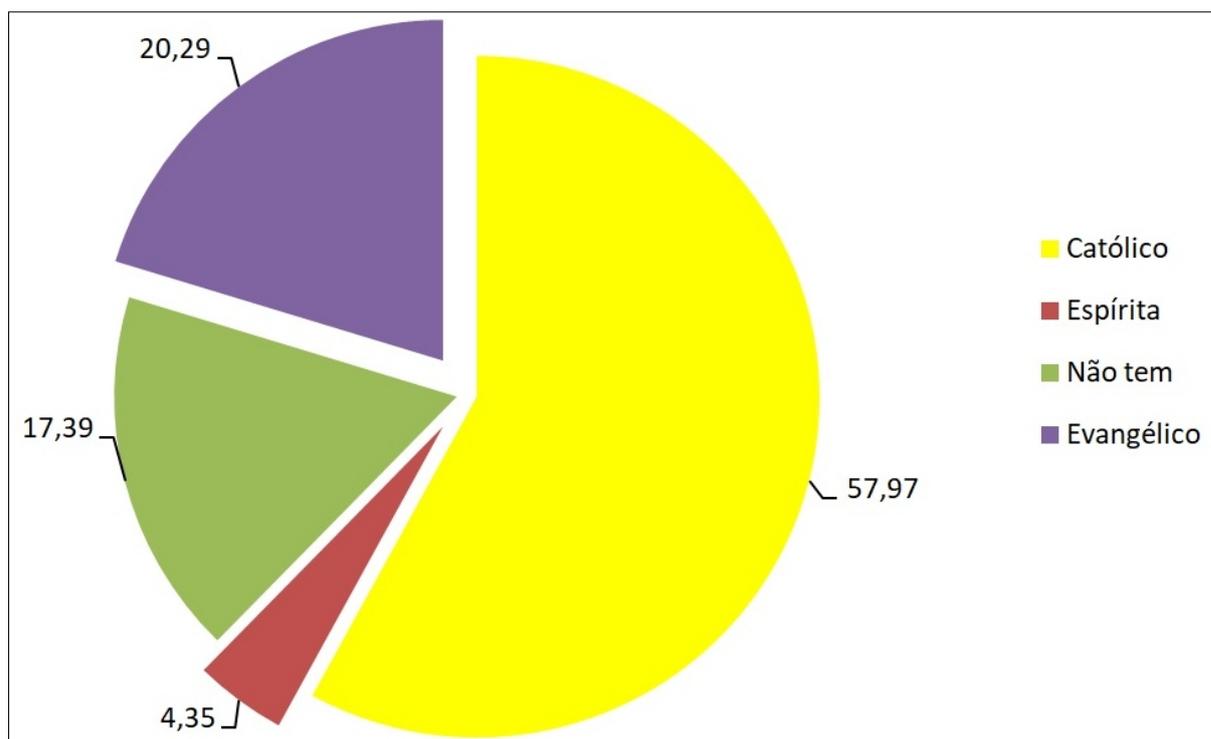
Gráfico 2 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por idade¹⁸³



No que diz respeito à idade dos/as respondentes, o Gráfico 2, acima exposto, aponta que 39,13% se encontram na faixa etária entre 31 e 40 anos; 36,23% estão na faixa etária acima de 40 anos. Por sua vez, 18,84% se encontram na faixa etária entre 25 e 30 anos; ao passo que os 5,80% restantes pertencem à faixa etária abaixo de 25 anos.

A combinação da análise dos resultados dos gráficos 1 e 2 indica que se trata de um grupo de respondentes formado por professores/as com considerável carga de experiência de vida, o que confere maior valor às suas respostas, principalmente quando se combinam também esses gráficos às demais análises que se referem ao perfil dos/as respondentes, conforme se verá mais adiante.

¹⁸³ Gráfico elaborado pelo autor.

Gráfico 3 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por religião¹⁸⁴

O Gráfico 3, acima, apresenta o perfil dos/as professores/as no tocante à religião. Note-se que 57,97% dos/as respondentes afirmam ser católicos/as; ao passo que 20,29% disseram ser evangélicos/as. No entanto, um fator que merece destaque é o volume de professores/as que admitiram não ter religião: 17,39%. Por fim, apenas 4,35% foram os/as professores/as que se declararam seguidores da religião espírita.

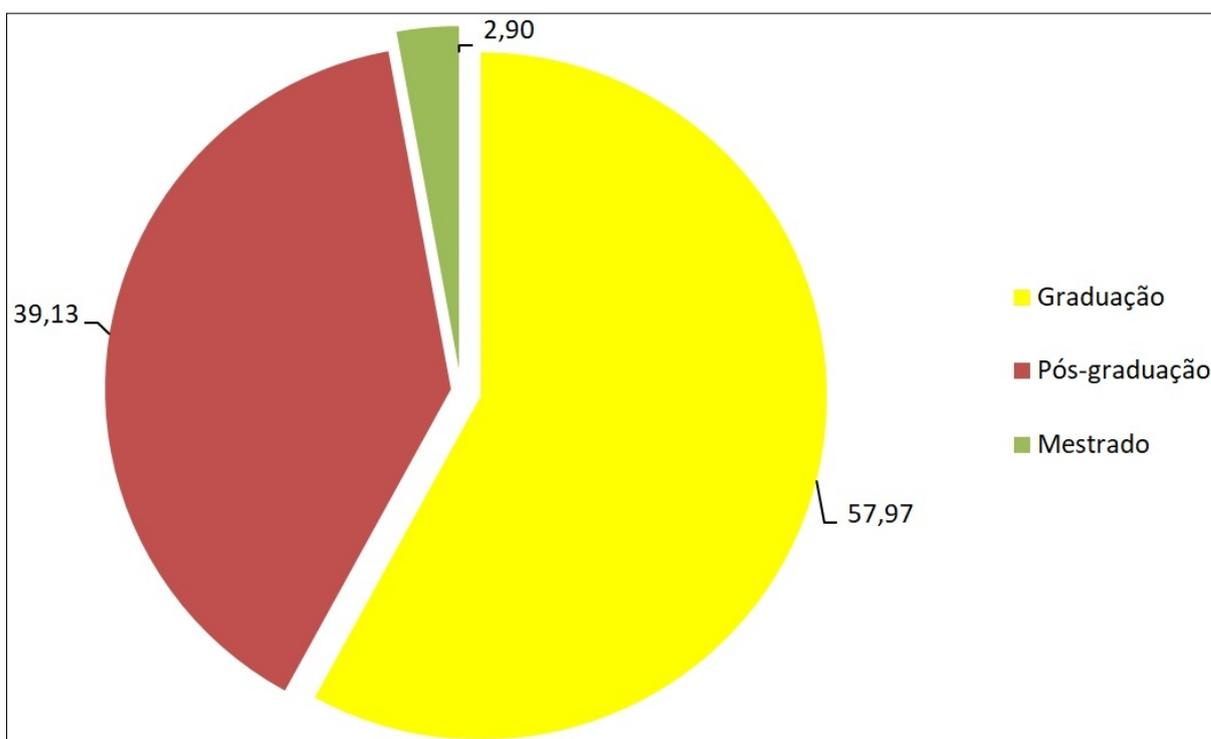
Aqui cabe destacar que, por se tratar de pergunta aberta, havia, nessa parte dos questionários, referente ao perfil dos/as respondentes, a liberdade de escrever o que quisessem. Porém, não houve menção a outras religiões, além das opções que aparecem no Gráfico 3.

Isso bem reflete o município de Vila Velha (ES), onde as religiões de cunho cristão são as mais prevalentes entre os moradores. Mesmo porque, a própria história desta cidade tem estreita relação com a história do cristianismo no Brasil, especialmente em sua vertente católica. Contudo, nas últimas décadas vivenciou-se franca expansão do cristianismo evangélico, o que fez surgir igrejas nos mais variados pontos da cidade.

¹⁸⁴ Gráfico elaborado pelo autor.

Outra importante constatação feita a partir da aplicação dos questionários refere-se à formação dos/as professores/as respondentes, conforme revelado por meio do Gráfico 4, exposto logo a seguir. Como se vê, 57,97% possuem graduação superior; 39,13% afirmaram possuir pós-graduação (a maioria, em Educação Física); ao passo que os 2,90% restantes disseram possuir mestrado.

Gráfico 4 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por formação acadêmica¹⁸⁵



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 04/12/2018.

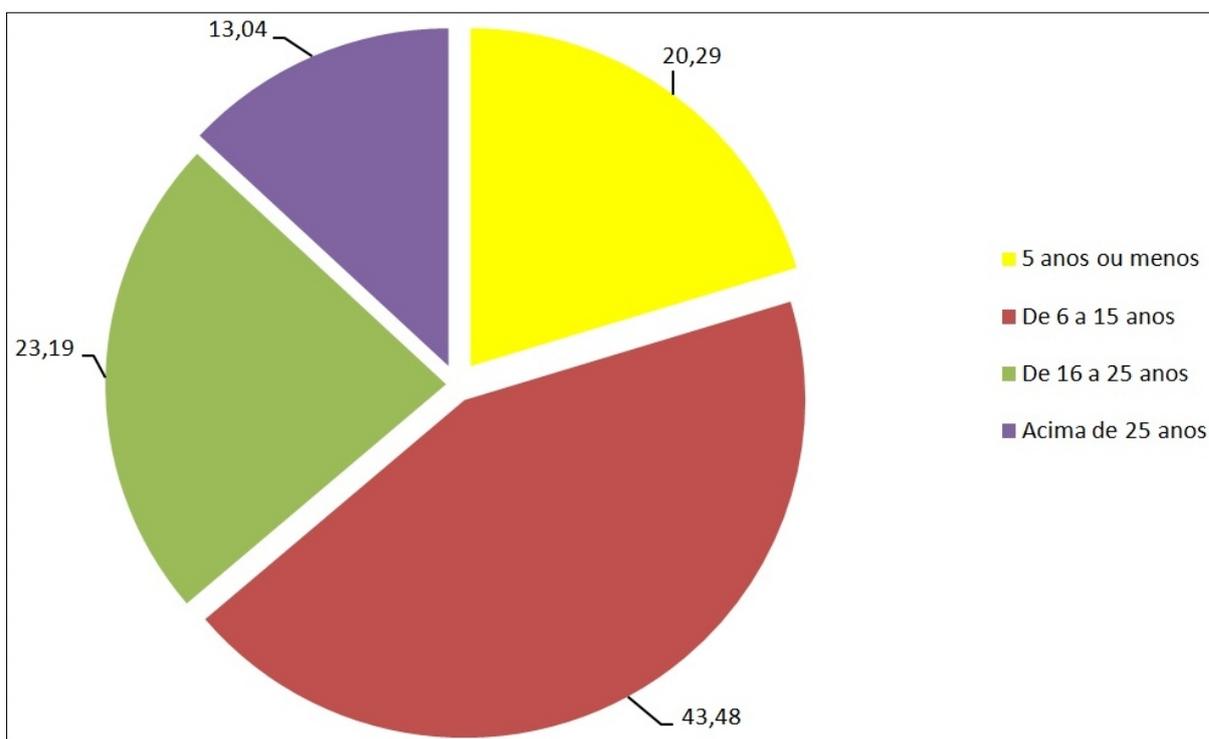
Aqui novamente se faz necessário promover rápido cruzamento das informações levantadas via aplicação de questionários. Note-se que, combinando os resultados apresentados pelo Gráfico 2 com os resultados decorrentes do Gráfico 4, tem-se mais um fator que comprova a vasta experiência do grupo de professores/as respondentes, o que não se revela tão somente em face da idade dos/as mesmos/as, mas principalmente pelo conhecimento técnico adquirido, conferindo ainda mais valor aos resultados apresentados nessa pesquisa.

Não obstante, o Gráfico 5, exibido na página seguinte, inerente ao tempo de experiência que os/as professores/as respondentes têm como docentes da disciplina Educação Física, mostra que, 43,47% ministram aulas de Educação Física em tempo

¹⁸⁵ Gráfico elaborado pelo autor.

entre 6 e 15 anos. Por sua vez, 23,19% são professores/as de Educação Física por tempo que varia de 16 a 25 anos. Do mesmo modo, 20,29% dos/as respondentes trabalham como professores/as de Educação Física por 5 anos ou menos. Por fim, 13,04% afirmaram que lecionam Educação Física já há mais de 25 anos.

Gráfico 5 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por tempo de experiência como docentes de Educação Física¹⁸⁶



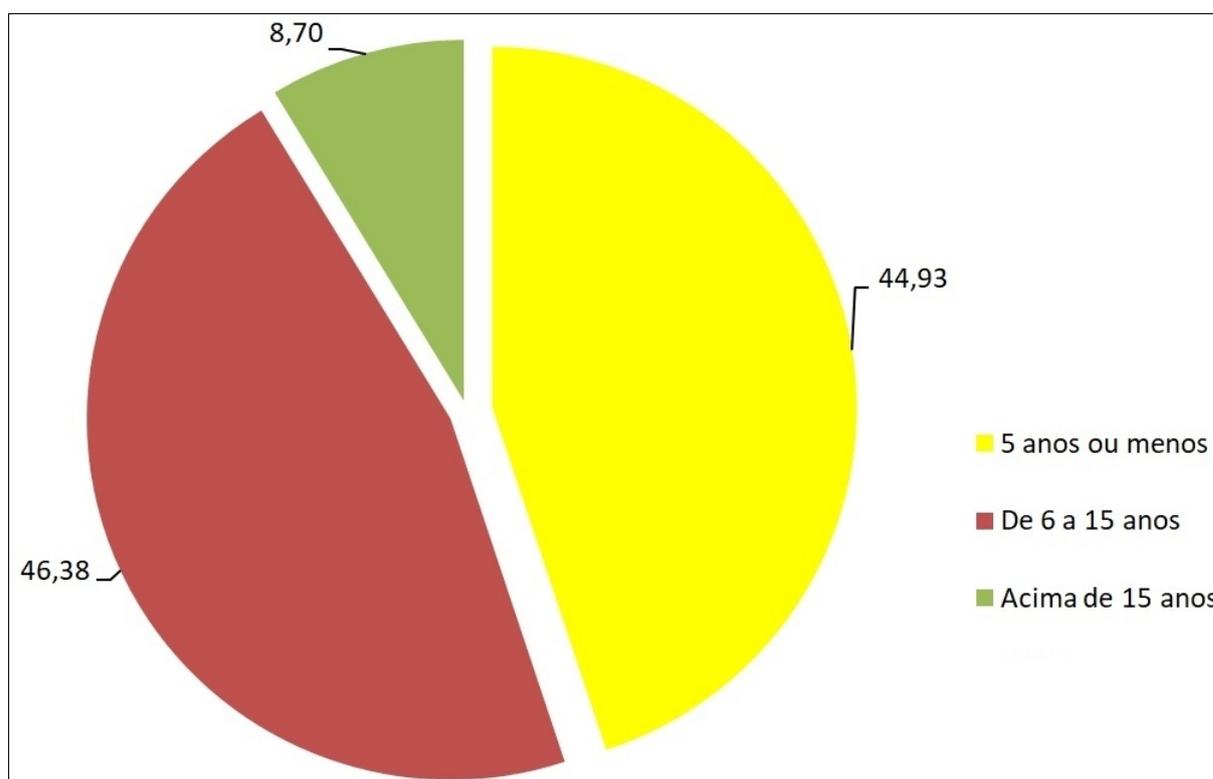
Combinando-se mais uma vez as respostas obtidas por meio da aplicação dos questionários, tem-se a confirmação da vasta experiência desse grupo de professores/as. Cruzando-se as informações do Gráfico 5 com as dos gráficos anteriormente apresentados, fica claro que se tratam de educadores/as, de maioria adepta do cristianismo (católico ou evangélico), dotados de ampla experiência de vida, com excelente formação acadêmica e considerável experiência como docentes na disciplina Educação Física, o que habilita esse conjunto de professores/as respondentes a opinarem nas demais questões centrais dessa pesquisa.

Encerrando a análise do perfil dos/as professores/as respondentes tem-se ainda o Gráfico 6, abaixo exposto, que trata do tempo de experiência como docentes de Educação Física, lotados no município de Vila Velha (ES), o qual revela que, dentre

¹⁸⁶ Gráfico elaborado pelo autor.

os/as pesquisados/as, 46,38% exercem a mencionada profissão, no referido município capixaba, por período de tempo que varia de 6 a 15 anos. Não obstante, 44,93% dos/as professores/as pesquisados/as lecionam Educação Física em Vila Velha (ES) há 5 anos ou menos. Por fim, apenas 8,70% dos/as respondentes lecionam Educação Física em Vila Velha (ES) em tempo superior a 15 anos.

Gráfico 6 - Perfil dos/as professores/as respondentes, por tempo de experiência como docentes de Educação Física, lotados no município de Vila Velha (ES)¹⁸⁷



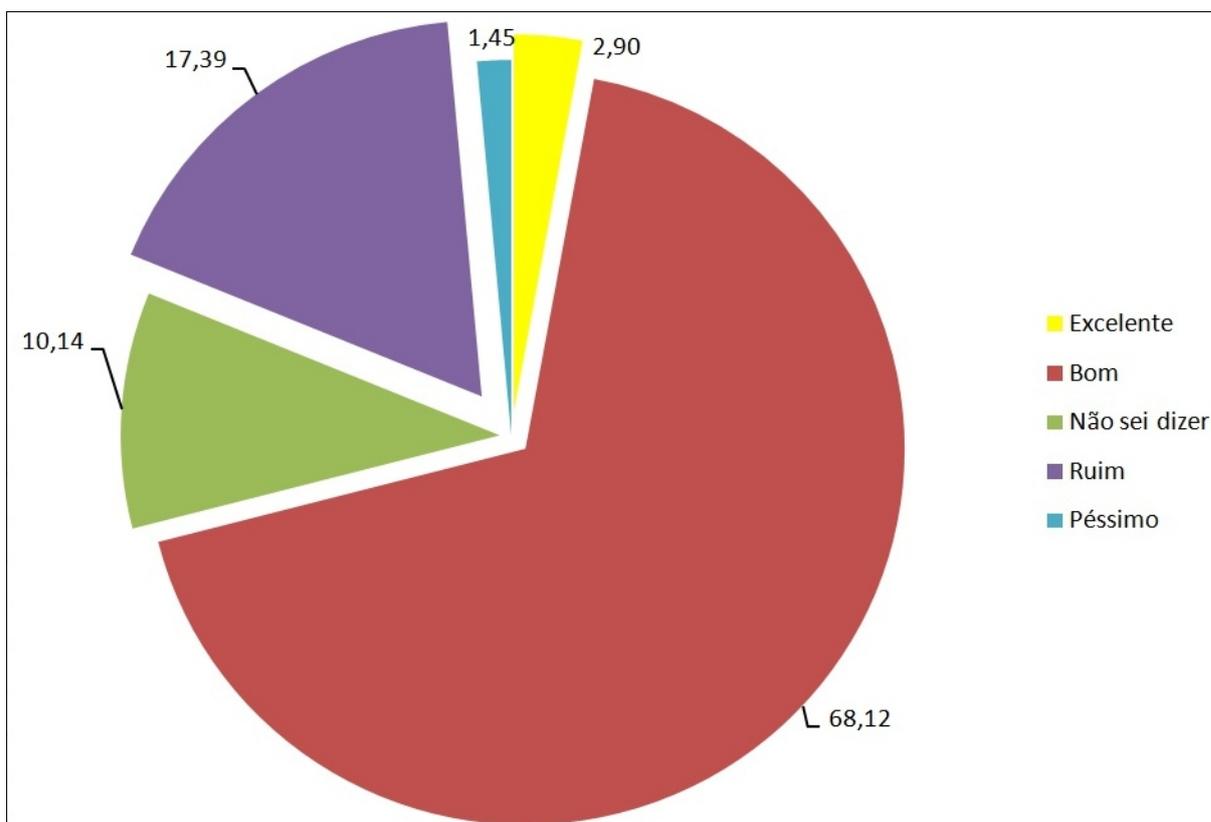
Esses resultados não deixam dúvidas quanto à já comentada experiência dos/as professores/as respondentes. O Gráfico 6 vem somente confirmar esse grau de experiência, afirmando que tal experiência se traduz também no que diz respeito, exclusivamente, lotados no município de Vila Velha (ES).

¹⁸⁷ Gráfico elaborado pelo autor.

3.3.2 Principais resultados da pesquisa de campo

Tendo sido apresentado, no subitem anterior, o perfil dos/as professores respondentes, passa-se agora a mostrar a opinião dos mesmos em relação às questões centrais do presente estudo.

Gráfico 7 - Avaliação dos/as professores/as sobre a postura de seus/suas alunos/as em relação ao próprio corpo¹⁸⁸



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 04/12/2018.

O Gráfico 7, acima apresentado, que trata da avaliação dos/as professores/as sobre a postura de seus/suas alunos/as em relação ao próprio corpo, mostra que a maioria, 68,12%, consideram boa tal postura. Outros 2,9% dos/as respondentes consideram que essa postura seja excelente. Há, ainda, 10,14% que nada têm a dizer sobre essa questão. Porém, 17,39% dos/as respondentes consideram que tal postura é ruim. Por fim, somente 1,45% dos/as respondentes afirma que tal postura é péssima.

Analisando-se as respostas abertas é possível perceber como os professores justificam suas opiniões:

¹⁸⁸ Gráfico elaborado pelo autor.

Alunos com rico repertório motor, devido à quantidade de atividades desenvolvidas na escola, além das possibilidades vividas fora da escola.

Em sua maioria, os alunos/as participam das atividades. Quando chegam à adolescência os padrões religiosos e da sociedade, junto com as mudanças hormonais, fazem com que limitem a executar determinadas atividades.

O corpo, em suas diversas manifestações – ética, estética, religiosa, entre outras – parece estar bem evidenciado para boa parte dos/as estudantes.

Geralmente, na adolescência há um cuidado material com o corpo, principalmente no que se refere às atividades corporais sistemáticas.

Alunos/as do 6.º ano se relacionam bem com as aulas e com o corpo. A maioria não se incomoda e nem se sente incomodada com o corpo.

Gostam do próprio corpo. Porém, com críticas simples.

Alguns são muito cuidadosos com seu corpo. Já outros, não ligam para o próprio corpo.

Muitos alunos estão acomodados devido à tecnologia.

Muitos não têm higiene.

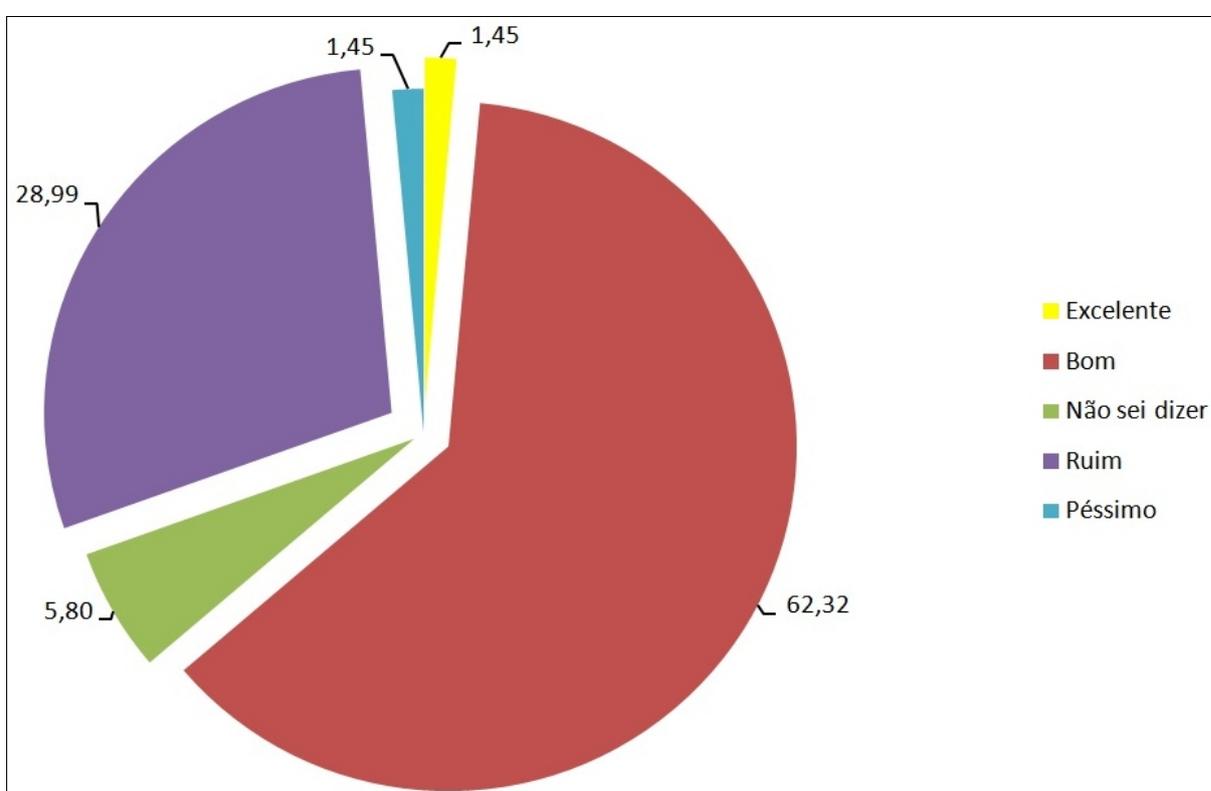
Como se vê, de acordo com os/as respondentes, em sua maioria os/as alunos/as apresentam boa postura de seus/suas alunos/as em relação ao próprio corpo. Isso vai ao encontro das palavras de Carmo Júnior, quando afirma que a educação é algo muito abrangente e que o aspecto físico não se limita ao organismo humano. Assim sendo, educar o físico parece limitar o conceito de Educação Física por aquilo que essa disciplina representa. Portanto, diante de um referencial cultural, na qual a própria pedagogia oferece conhecimentos seguros sobre a prática, não parece coerente educar o físico sem educar também o ser humano na sua totalidade. Tal condição de educação talvez seja o passo inicial para a compreensão da corporeidade como estrutura e da motricidade como linguagem. Essa conduta implica superar o dualismo, procurando a unidade na totalidade do corpo humano; sobretudo, considerando-se as outras linguagens que constituem a vida prática cotidiana. Essa perspectiva oferece uma visão ampla que o prisma meramente biológico do corpo parece não contemplar.¹⁸⁹

O Gráfico 8, exposto logo a seguir, trata da avaliação dos/as professores/as sobre a postura de seus/suas alunos/as em relação às questões éticas (compaixão, solidariedade, gentileza, respeito e afins). Sobre isso, o mencionado gráfico revela que, pelo ângulo positivo, a maioria, 62,32%, dos/as respondentes consideram boa a

¹⁸⁹ CARMO JÚNIOR, Wilson do. Educação Física e a cultura da prática. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 361-371, abr./jun., 2011, p. 362.

postura de seus/suas alunos/as. Outros 1,45% dos/as respondentes entende como sendo excelente a postura de seus/suas alunos/as. Contudo, 5,8% dos/as respondentes nada tinham a dizer sobre a questão. Pelo prisma negativo, 28,99% dos/as professores/as respondentes afirmam que a postura de seus/suas alunos/as é ruim. Havendo, ainda, 1,45% que considerara péssima a postura de seus/suas alunos/as.

Gráfico 8 - Avaliação dos/as professores/as sobre a postura de seus/suas alunos/as em relação às questões éticas (compaixão, solidariedade, gentileza, respeito e afins)¹⁹⁰



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 04/12/2018.

Novamente torna-se importante mostrar aqui algumas das principais respostas abertas, para que se possa melhor interpretar o Gráfico 8, de modo a compreender as razões que levaram cada respondente a postura de seus/suas alunos/as em relação às questões éticas (compaixão, solidariedade, gentileza, respeito e afins). Veja-se:

São impulsivos. Não toleram o erro do outro.

¹⁹⁰ Gráfico elaborado pelo autor.

Boa parcela dos/as alunos/as demonstra atitudes de respeito, solidariedade, gentileza, entre outras.

A maioria dos meus/minhas alunos/as demonstra respeito e solidariedade. Claro, tem uma minoria que não demonstra o mesmo.

De modo geral é bom. Porém, existem algumas exceções, onde a intervenção deve ser feita e reforçada várias vezes.

Devido aos padrões socioeconômicos dos/as alunos/as, há uma certa instabilidade familiar que afeta o comportamento dos/as mesmos/as.

Infelizmente, necessitam de intervenções frequentes quando se tratam de questões éticas.

Muita falta de educação.

Os/as alunos/as, em geral, são impacientes com seus/suas colegas – criticam. Não são gentis.

Dependendo da faixa etária, ainda existe os sentimentos de compaixão, solidariedade, gentileza e respeito. Já na adolescência, as atitudes modificam e o sentimento predominante é o individualismo.

Alunos de 6.º e 7.º anos querem aparecer e fazem qualquer coisa para serem elogiados. Não respeitam muito os colegas.

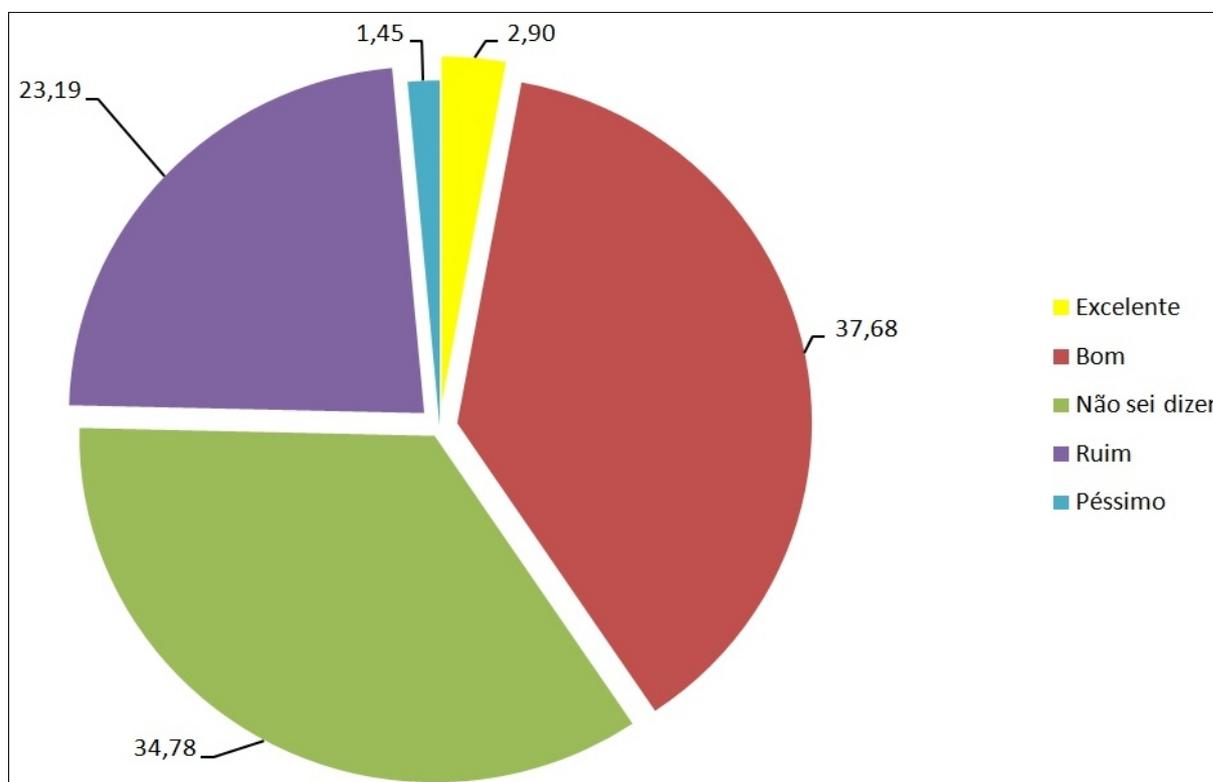
No geral, infelizmente, o quadro é negativo. O desrespeito sobressai. Falta educação familiar.

As respostas acima mostram o quanto a Educação é complexa, não cabendo ser função somente da escola. Afinal, como afirma Gonçalves-Silva *et al*, vive-se atualmente um novo movimento no campo educacional, no qual a junção entre corpo e mente é tensionada por outra compreensão do sujeito como alguém que aprende por meio de suas vivências e experiências cotidianas. Dessa forma, busca-se uma formação completa, avançando, progressivamente, em direção a uma visão bem mais ampla dos sujeitos, onde a Educação não pode ser restrita à educação intelectual, mas deve avançar em direção a um aprendizado significativo, de modo a fazer com que as crianças adquiram hábitos morais e sociais que as ajudem a se tornarem mais sensíveis, para que possam construir um mundo melhor.¹⁹¹

Apresenta-se a seguir o Gráfico 9, cujo objetivo é mostrar a opinião dos/as professores/as sobre a relação entre a Educação Física e a orientação religiosa, no que diz respeito ao corpo dos/as alunos/as, revelando que 37,68% dos/as respondentes consideram boa a mencionada relação. Contudo, 2,9% entendem que essa relação é excelente. No entanto, 34,78% dos respondentes não possuem opinião formada a esse respeito. Já para 23,19% tal relação é ruim. E, por fim, 1,45% considera como sendo péssima mesma relação.

¹⁹¹ GONÇALVES-SILVA *et al*. Reflexões sobre corporeidade no contexto da educação integral. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p.185-209, jan./mar., 2016, p. 188.

Gráfico 9 - Avaliação dos/as professores/as sobre a relação entre a Educação Física e a orientação religiosa, no que diz respeito ao corpo dos/as alunos/as¹⁹²



Faculdade Unida de Vitória

Buscando apoio na bibliografia, de forma combinada com a análise das respostas abertas, pode-se tentar entender também a relação entre a Educação Física e a orientação religiosa, no que diz respeito ao corpo dos/as alunos/as, na visão dos/as professores respondentes, os quais mostram que, em muitos casos, ignorando os benefícios para o corpo e para a mente, a orientação religiosa se torna um empecilho à prática da Educação Física. Dessa forma, passa-se agora a apresentar alguns dos principais comentários relativos à questão acima, expostos por meio do Gráfico 9:

Há incentivo da coordenação da escola, no sentido de buscar algum momento para a religiosidade.

Para o apóstolo Paulo, do exercício físico pouco se aproveita. Porém, é necessário religiosamente cuidar do corpo – que é templo do Espírito Santo. Nesse sentido de cuidar, os/as meus/minhas alunos/as caminham bem.

Existem casos em que os/as alunos/as são privados/as de conteúdos como dança e capoeira, porque os pais não autorizam devido à religião.

¹⁹² Gráfico elaborado pelo autor.

Alguns/algumas alunos/as não querem vestir determinadas roupas, porque dizem que marcam as formas e a religião não permite. Peço que usem roupas mais largas ou saias por cima de shorts (no caso das meninas).

Em alguns casos específicos a religião interfere no envolvimento corporal.

Na escola onde atuo não tenho problemas com a orientação religiosa dos/as meus/minhas alunos/as.

Não consegui identificar a diferença entre as religiões praticadas pelos/as alunos/as. Todos/as possuem o mesmo padrão de roupa e postura.

Nosso corpo é templo do Espírito Santo. Não devemos nos expor com roupas inapropriadas.

O comportamento na escola, perante os colegas, é diferente em relação ao comportamento dito por eles na igreja.

Tenho diversos segmentos religiosos na comunidade escolar. Muitas das religiões praticadas pelos familiares não valorizam a atividade física.

Precisamos trabalhar muito porque, infelizmente, o corpo é um vilão para a maioria das religiões (principalmente as pentecostais).

Quando o conteúdo é dança, a religião se torna desculpa para fugir da prática.

As imposições vêm de casa – o que pode ou o que não pode (questão das festas juninas, por exemplo).

Algumas atividades são tidas como proibidas pela orientação religiosa, limitando a participação dos/as alunos/as nas aulas.

Sempre há conflitos entre Educação Física e religião. O corpo, muitas vezes, pode ser compreendido como tabu para as instituições religiosas.

Como se vê, no município de Vila Velha (ES) são muito comuns os casos em que a prática da Educação Física entra em conflito com a orientação religiosa. Em alguns desses casos, conforme se vê pelas respostas acima, é o próprio educador quem apresenta um ponto de vista que colide com os objetivos motores e sociais da prática da Educação Física.

E aqui, então, fica a pergunta: como pode a disciplina Educação Física alcançar os fins e os objetivos a ela destinados pela legislação pátria, quando o próprio professor que ministra tal matéria mostra-se amplamente induzido por suas escolhas religiosas? Tentando responder a esse questionamento achou-se conveniente mencionar as palavras de Ana Maria Cavaliere, que bem explica esse conflito:

O Ensino Religioso apresenta-se hoje como questão para a educação brasileira, senão propriamente nova, renovada em suas determinações. Num momento em que as religiões crescentemente ocupam maiores e mais importantes espaços sociais e políticos, a ratificação legal, ocorrida recentemente em diversos níveis da legislação do país e, dentro dela, a regulamentação do financiamento público do Ensino Religioso representa mudança significativa nas relações entre as esferas pública e privada e, também, na concepção de Estado laico. A situação que hoje vive o Brasil é reveladora das múltiplas contradições que a questão introduz no sistema

educacional público, seja no âmbito das relações institucionais, seja na prática cotidiana escolar.¹⁹³

Para Cavaliere, o fato da disciplina Ensino Religioso se dirigir, no Brasil – especialmente aos jovens – parece estar relacionado ao significado que a religião, atualmente, tem assumido na vida cotidiana.¹⁹⁴ Contudo, quando se pensa em Educação Física, cabe citar a visão de Silva, segundo a qual:

Considerando-se a Educação Física, a partir dos pressupostos da metodologia crítico superadora, como disciplina escolar que trata pedagogicamente do que denominamos de manifestações da cultura corporal, isso leva a pensar que o processo de ensino-aprendizagem vai além de apenas executar e repetir movimentos e gestos sem nenhum fundamento. Nesse caso busca-se estudar as manifestações da cultura corporal procurando compreender seus aspectos históricos, técnicos, sociológicos, antropológicos, biológicos, enfim, situando-os no contexto social no qual se encontram inseridos, instigando os alunos a realizarem uma leitura de sua realidade.¹⁹⁵

Daí a necessidade de se buscar o diálogo entre a escola e os pais de alunos, no sentido de esclarecer os objetivos mais auspiciosos da Educação Física, inerentes tanto à melhoria da qualidade de vida dos/as alunos/as, bem como tangentes ao desenvolvimento social dos mesmos, o que não deveria sofrer a interferência direta de questões religiosas.

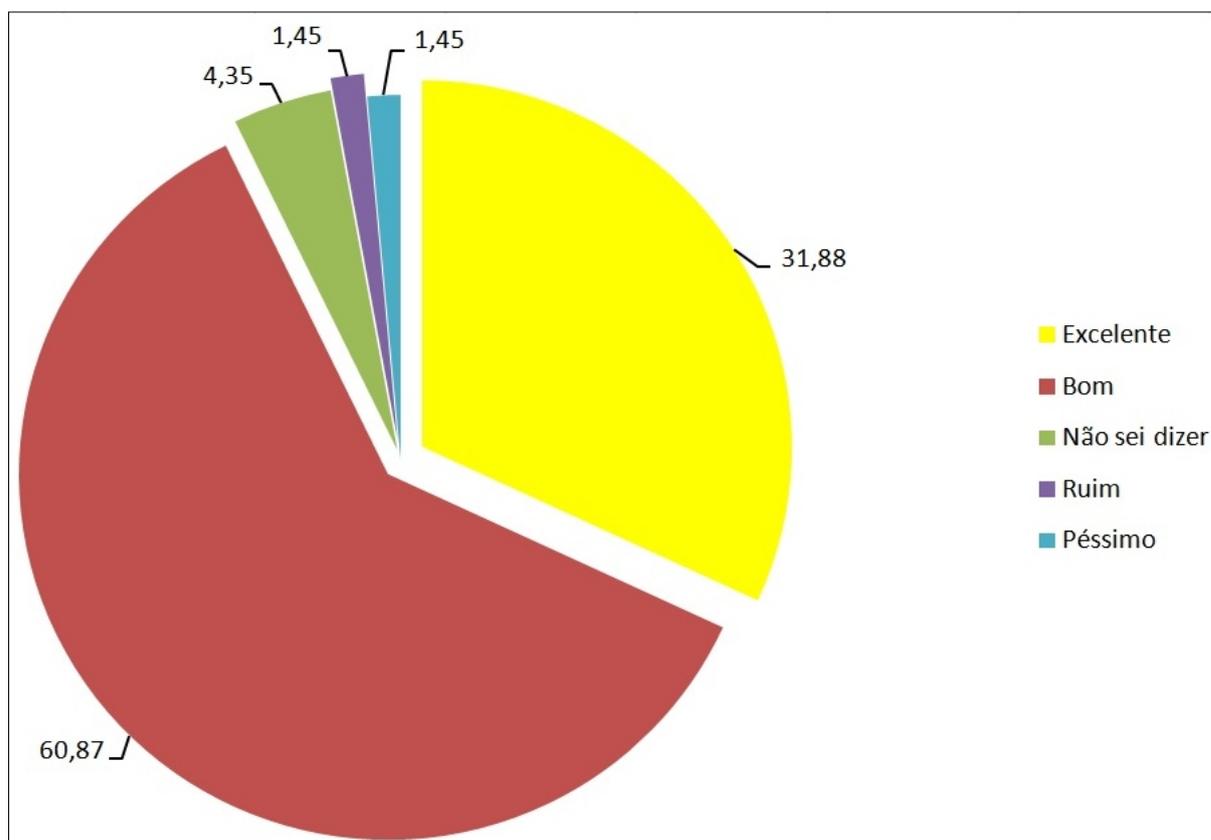
O Gráfico 10, abaixo apresentado, teve por meta expor a opinião dos/as professores/as sobre a relação à contribuição da Educação Física para a maior compreensão do próprio corpo, por parte dos/as alunos/as. Quanto a isso, vê-se que a maioria, 60,87% consideram boa tal relação. Ainda no mesmo sentido positivo, 31,88% dos/as respondentes essa mesma relação é excelente. Vale dizer que 3,45% dos/as respondentes não possuem opinião formada sobre essa questão. Em sentido inverso, 1,45% afirma que tal relação é ruim; enquanto outros 1,45% entende que essa relação é péssima.

¹⁹³ CAVALIERE, Ana Maria. O mal-estar do Ensino Religioso nas escolas públicas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 131, p. 303-332, mai./ago., 2007, p. 304.

¹⁹⁴ CAVALIERE, 2007, p. 312.

¹⁹⁵ SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira nas aulas de Educação Física: Alguns apontamentos do processo ensino-aprendizado de professores. *Revista Brasileira Ciência Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 889-903, out./dez., 2011, p. 891.

Gráfico 10 - Avaliação dos/as professores/as sobre a relação à contribuição da Educação Física para a maior compreensão do próprio corpo, por parte dos/as alunos/as¹⁹⁶



Ainda em relação aos resultados apresentados por meio do Gráfico 10, exposto acima, torna-se importante também expor aqui os comentários abertos, desenvolvidos pelos/as professores/as respondentes acerca da contribuição da Educação Física para a maior compreensão do próprio corpo, por parte dos/as alunos/as. Então, veja-se:

Acredito que podemos contribuir muito nos assuntos relacionados à saúde e bem-estar, fazendo principalmente os/as alunos/as refletirem sobre a ditadura do corpo perfeito.

Dentro das aulas existem atividades que orientam o desenvolvimento das habilidades, as mudanças ocasionadas no corpo durante um exercício, como as sensações de cansaço e alegria.

Tem que haver muito diálogo com os/as alunos/as. Através do diálogo conseguimos a atenção dos/as mesmos/as.

A Educação Física, enquanto componente curricular responsável pela transmissão e promoção da cultura corporal, explora, no cotidiano, as diversas possibilidades de práticas corporais que envolvem emoções e atitudes.

¹⁹⁶ Gráfico elaborado pelo autor.

As linguagens corporais são uma possibilidade do indivíduo transmitir outros conhecimentos que podem ser inseridos nos aspectos de gênero, social, entre outros. Assim, a Educação Física se torna a disciplina mais voltada para esse objetivo.

Sempre buscando aumentar a participação nas atividades propostas pela disciplina, melhorando a parte cognitiva e motora.

Alguns/algumas alunos/as mantêm certo receio em executar algumas atividades propostas, por não terem o consentimento da família e da religião para fazer tais atividades.

A aula de Educação Física em muito contribui para a compreensão do corpo e suas funções.

A Educação Física é importante para se conhecer e superar limites, desenvolvendo capacidades corporais.

Quando se consegue fazer um trabalho de longo prazo, com questionamentos e ações de descobertas, a Educação Física é a aliada perfeita.

A Educação Física é de grande importância para a formação geral.

A Educação Física ajuda a proporcionar atividades e exercícios que melhoram nosso desempenho, qualidade de vida, melhorando a saúde física e mental.

Dependendo de como o/a professor/a conduz as questões trabalhadas em sala de aula, a Educação Física contribui de maneira significativa para a compreensão do próprio corpo por parte dos/as alunos/as, pois é um de seus principais objetivos.

Frente ao exposto, cabe ressaltar a opinião de alguns pensadores modernos acerca dessa contribuição da Educação Física para a maior compreensão do próprio corpo, por parte dos/as alunos/as. Para Mattos, por exemplo:

Uma das marcas da individualidade moderna e pós-moderna, evidentemente, correlaciona-se com as mudanças corporais que sinalizam a construção pessoal. O corpo é o primeiro ponto de ancoragem ao qual o indivíduo se constrói. A modernidade sacraliza o corpo em uma realidade autônoma sobre o olhar atento de seu proprietário. O corpo deve se tornar um templo que ofereça vantagem àquele que o habita. Nesse sentido, a o cuidado corporal é uma consequência da estruturação da sociedade moderna, agora bem mais interessada em promover e preservar a saúde.¹⁹⁷

Note-se que a Educação Física é de grande importância para todas as pessoas, não somente em face da questão estética; mas, principalmente, pela construção pessoal ressaltada no texto acima destacado. A primeira vantagem deve ser sempre a preservação ou a promoção da saúde. Nesse sentido é que se deve reagir às tentativas de manipular as aulas de Educação Física em prol das orientações religiosas, visto que isso coloca em risco a saúde dos/as alunos/as. Então, é preciso

¹⁹⁷ MATTOS, Rafael da Silva. Sociologia do corpo é sociologia da Educação Física. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 4, out./dez., 2010, p. 298.

permitir que a Educação Física desperte entre os/as estudantes essa vontade de tratar melhor o próprio corpo. Esse “tratar”, porém, não deve chegar ao ponto de se tornar o único objetivo – ou o mais importante. O que se pretende é a construção ou disseminação de uma visão na qual a saúde do corpo é tão necessária quanto a saúde da mente.¹⁹⁸

Quanto a isso, Rafael da Silva Nóbrega, Maria Isabel Brandão de Sousa Mendes e Jacques Gleyse consideram que as críticas positivas que devam ser direcionadas à Educação Física dão-se no sentido de ultrapassar o reducionismo de se considerar somente os aspectos anatômicos e fisiológicos do corpo humano, de modo a superar o dualismo corpo e mente, são demasiadamente relevantes e bem-vindas. Em tal perspectiva, a Educação Física mostra-se associada à educação pelo movimento. A ação se constituindo instrumento para a cognição. Não se considera, assim, que na própria ação já há cognição. Porém, isso não significa dizer que a psicomotricidade tenha, obrigatoriamente, que ser descartada do contexto da Educação Física escolar.¹⁹⁹

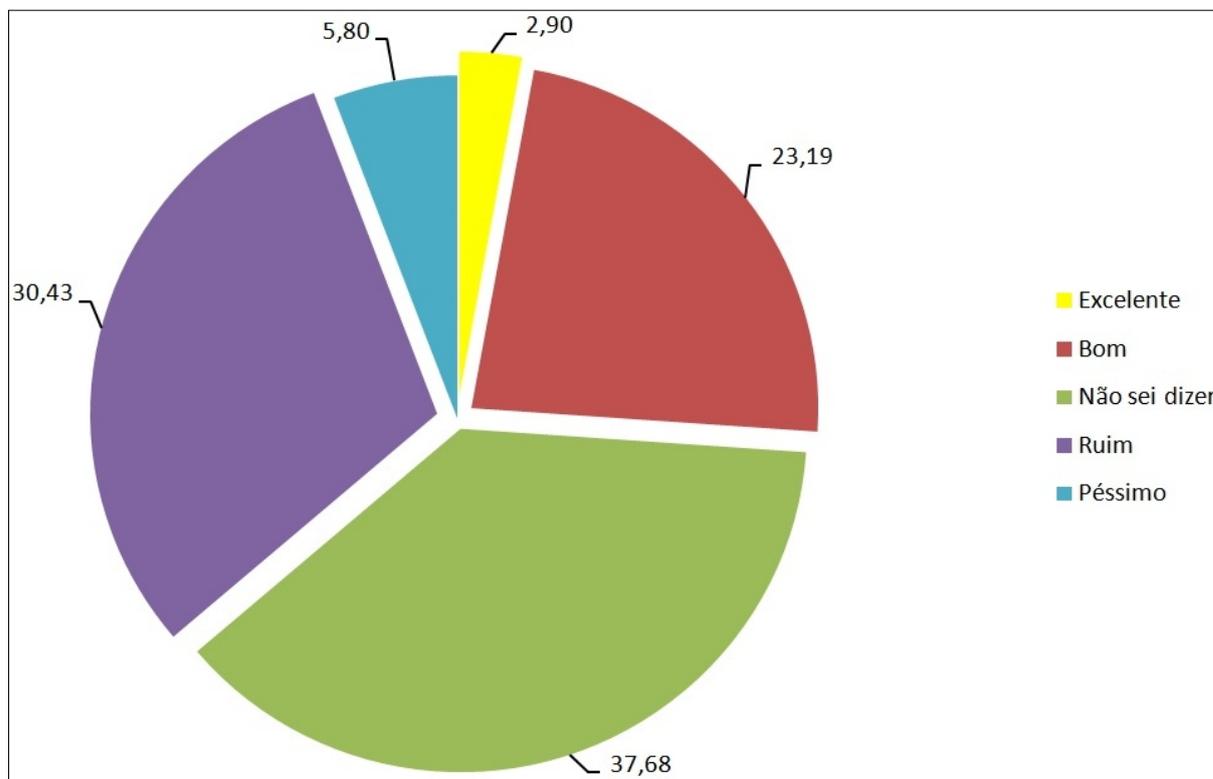
Frente ao exposto, vale reforçar uma das respostas abertas, oferecidas pelos/as professores/as respondentes: “A Educação Física ajuda a proporcionar atividades e exercícios que melhoram nosso desempenho, qualidade de vida, melhorando a saúde física e mental”.

Por sua vez, o Gráfico 11, exposto a seguir, trata da opinião dos/as professores/as sobre seus/suas alunos/as em relação ao consumismo (valorização da moda, superestima por marcas e afins). Sobre isso, 30,43 consideram ruim essa relação de consumismo dos/as alunos/as. Havendo, ainda, 5,80% dos/as respondentes que afirmam ser péssima essa relação. Vale ressaltar que 37,68% não possuem opinião formada a respeito dessa questão. Pelo prisma positivo, 23,19% consideram boa essa relação, ao passo que, 2,90% a entendem como sendo excelente.

¹⁹⁸ MATTOS, p. 300.

¹⁹⁹ NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; MENDES, Maria Isabel Brandão de Sousa; GLEYSE, Jacques. Compreensões do corpo na Educação Física: análise de conteúdo das revistas EPS (França) e RBCE (Brasil). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 3, n. 38, p. 227-234, fev., 2016, p. 232.

Gráfico 11 - Avaliação dos/as professores/as sobre seus/suas alunos/as em relação ao consumismo (valorização da moda, superestima por marcas e afins)²⁰⁰



Embora a questão do consumismo não esteja relacionada diretamente à Educação Física, entende-se que, na medida em que a prática de exercícios visa tão somente à evolução estética, colabora para que os/as estudantes acentuem o materialismo e o individualismo, o que os/as torna mais vulneráveis à sedução do marketing. Sendo assim, cabe aqui também, mais uma vez, conhecer o que pensam os/as professores/as respondentes acerca do comportamento dos/as alunos/as sobre o consumismo (valorização da moda, superestima por marcas e afins):

São bastante consumistas e seguem a moda.

Com uso constante da TV e até por assistirem jogos, os/as alunos/as acabam seguindo a moda e consumindo marcas.

A mídia, ao promover os produtos, leva os/as jovens ao consumismo.

Hoje em dia não existe alguém não consumista.

Meus/minhas alunos/as não têm muito esse olhar para as marcas.

O ter tem falado muito forte no meio de nossos/as adolescentes.

Para os/as jovens, o mais interessante é a marca.

²⁰⁰ Gráfico elaborado pelo autor.

Vejo que gostam de moda e de estarem na moda, mas também vejo a dificuldade financeira das famílias.

A maioria se deixa levar pela prática e influência consumista.

Normalmente vão de uniforme e, quando vêem um ou outro com um tênis de marca, comentam.

Alunos/as de comportamento consumista moderado, devido ao bom envolvimento da família com a escola.

Meus/minhas alunos/as não usam roupa de marca.

Muitos/as alunos/as supervalorizam utensílios e marcas como forma de se integrarem a determinado padrão de grupo; muitas vezes estimulados pelas famílias.

Meus/minhas alunos/as têm poder aquisitivo baixo.

O que mais noto é a vontade de usarem o celular durante as aulas.

É péssimo, porque existe (principalmente nas classes mais desfavorecidas) uma necessidade enorme de inserção social e isso vem muito através do que você tem, e não através do que você é.

Seguem o que a sociedade consumista impõe. O mercado seduz, estimulando cada vez mais o consumismo. Eles apenas seguem a tendência, sem ter um pensamento crítico acerca desse cenário.

Vejo como forma negativa. Valoriza o que não tem necessidade, deixando de lado outras questões mais importantes.

Alguns relatos de alunos/as mostram que, às vezes, querem coisas da moda, mas, pela condição social, acabam não possuindo. Eles/as aceitam o que os pais conversam com eles.

Depende. Do meu ponto de vista, o envolvimento com a mercadorização do corpo é ruim. Mas não se pode generalizar, pois nem todos consomem a informação da mesma forma.

Para que se compreenda a tendência consumista que caracteriza os/as jovens nos dias atuais, cabe recorrer ao pensamento de Fromm, que tece críticas ao estado atual de consciência humana, alienada em face da grande escravização oriunda da era do consumo. O consumo desumaniza o ser humano e faz com que não se perceba os valores realmente importantes.²⁰¹

Fromm afirma que o ser humano, apesar de fascinado diante da possibilidade do consumo, já compreendeu a ilusão de que o consumismo poderia levá-lo a um estado de felicidade total, baseado na abundância material. Então, é preciso preparar o espírito humano para a revolução que se dará na consciência do homem.²⁰² Em complemento à linha de pensamento de Fromm cabe mencionar as palavras de Fernando Renato Cavichioli, Fernando Marinho Mezzadri e Fernando Augusto Starepravo, para os quais:

²⁰¹ FROMM, 1987, p. 45.

²⁰² FROMM, 1987, p. 45.

O consumo apresenta duas hipóteses: a) atendimento das necessidades físicas do consumidor (conforto material) e das suas necessidades espirituais, estéticas e intelectuais; b) ocorre devido à emulação. A posse da riqueza (propriedade) confere honra. Atualmente, os hábitos dos seres humanos convergem para a acumulação de bens, sinônimo de sucesso. Isso modifica o hábito de pensar: no lugar das façanhas predatórias entra o ato de acumular. O que é consumido pode ser considerado supérfluo, mas depois é incorporado para dar prestígio: mudança psicológica que passa a proporcionar bem-estar espiritual. Isso significa que consumir determinados objetos ou ter certos hábitos passa a obedecer a certa ordem moral, pois há uma finalidade em consumir mais e mais.²⁰³

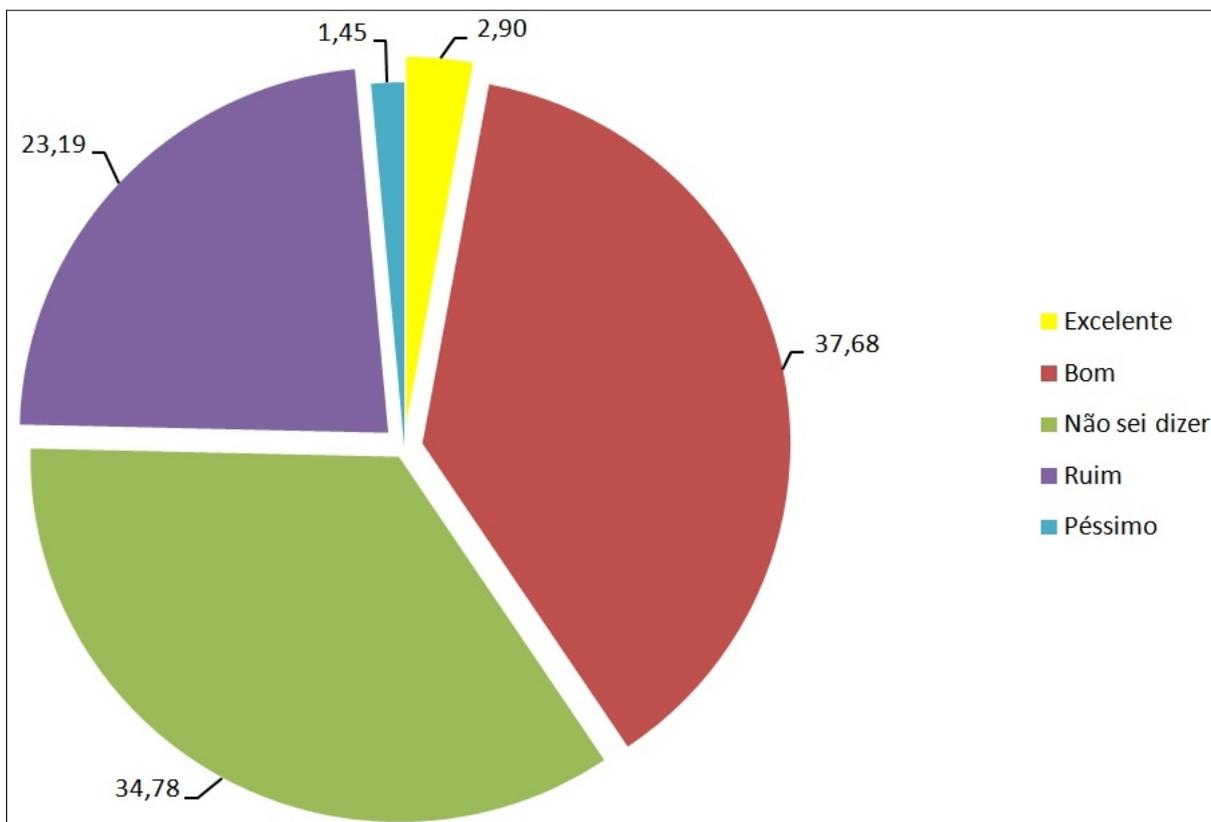
Claro está que a Educação Física tem a responsabilidade de não incentivar o consumismo, pois, em muitos casos, o que os/as alunos/as consomem, além de “pesar” financeiramente sobre a renda das famílias, afeta sua saúde, pois, em muitos casos, alunos/as consomem comida supérflua. Para Schmitz *et al*, em função de ter se elevado o nível de atividades das pessoas e, por força da maior oferta de alimentos processados, percebeu-se nos últimos anos mudanças significativas nos hábitos alimentares da maioria da população, registrando-se considerável crescimento da obesidade infantil, o que redundou no aumento de doenças crônicas, como é o caso da diabetes e da hipertensão arterial.²⁰⁴

Em seguida apresenta-se o Gráfico 12, que tem por finalidade expor a opinião dos/as professores/as sobre seus/suas alunos/as no que diz respeito aos/às mesmos/as estarem satisfeitos/as com o próprio corpo. Pelo prisma positivo tem-se que 37,68% dos/as respondentes consideram o nível satisfação dos/as alunos/as é bom; havendo ainda 2,9% que afirmam que o mesmo nível de satisfação é excelente. No entanto, 34,78% dos/as pesquisados/as não possuem opinião formada a esse respeito. Já pelo lado negativo, 23,19% dos/as respondentes consideram ruim esse nível de satisfação; enquanto que 1,45% considera como péssimo esse nível de satisfação.

²⁰³ CAVICHIOILLI, Fernando Renato; MEZZADRI, Fernando Marinho; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Consumo e formação de hábitos de esporte e lazer. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 241-271, mai./ago., 2006, p. 245.

²⁰⁴ SCHMITZ *et al*. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 312-322, 2008, p. 313.

Gráfico 12 - Avaliação dos/as professores/as sobre seus/suas alunos/as no que diz respeito aos/às mesmos/as estarem satisfeitos/as com o próprio corpo²⁰⁵



Dando prosseguimento à interpretação da pesquisa de campo, passa-se agora a analisar algumas das principais respostas abertas, da questão exposta por meio do Gráfico 12, a qual buscou saber se os/as alunos/as estão, ou não, satisfeitos/as com o próprio corpo, conforme o entendimento dos/as professores/as pesquisados/as. A saber:

A maioria não aparenta ter repúdio à própria imagem.

Existem situações em que os/as alunos/as com alguma diferença corporal (obesidade ou alguma diferença de padrão estético) sentem-se insatisfeitos e até se isolam dos demais por este motivo.

Em determinada faixa etária a aceitação do corpo é boa para determinado grupo de alunos/as.

A maioria se mostra satisfeita.

Estão satisfeitos com o corpo.

A maioria se gosta como é, ou se aceita.

Estão sempre procurando modelos que não são o seu próprio eu.

²⁰⁵ Gráfico elaborado pelo autor.

Mas vejo também um grande processo de negação e dificuldade para lidar com os padrões.

A grande maioria gosta do seu jeito de ser. Apenas os gordinhos se aborrecem quando são chamados de gordos.

Não foi percebido, nas aulas, alunos/as com problemas quanto ao corpo, forma física, postura etc..

A maioria deles é bem com seu próprio corpo.

Levando-se em consideração o público adolescente para o qual leciono, é notória a insatisfação com o corpo, pelo fato de não se enquadrarem nos padrões impostos pela mídia, sociedade e redes sociais.

Adolescente nunca está satisfeito com nada.

Poucas vezes toquei nesse assunto com os/as alunos/as. Mas acredito que aqueles/as que se encontrem fora dos padrões impostos pela sociedade enfrentam dificuldades em lidar com o próprio corpo.

Alguns apenas não se valorizam.

Existem casos em que alguns/algumas alunos/as não estão satisfeitos/as por estarem um pouco cima do peso e até mesmo muito magros.

Eles/as tentam ser inseridos/as nesse contexto midiático, por isso estão sempre em conflito com eles/as mesmos/as.

As respostas acima demonstram que, embora haja aqueles/as que conseguem conviver bem consigo mesmo/a, ainda que estando fora dos padrões estéticos, muitos/as outros/as estudantes sofrem por não se adequarem aos padrões estéticos vigentes. Ao que parece, não se trata apenas da insatisfação comum ao período da adolescência. Algumas respostas revelam que ainda considerável afastamento, bem como a ocorrência de “*bullying*” escolar, voltado para os/as alunos/as que se mostram muito diferentes dos/as demais. Sobre isso, torna-se importante destacar a visão de Silva, Hochamnn e Piccinini:

A Educação Física na escola pode favorecer a auto-estima do/da aluno/a, fazendo com que tenha mais prazer em desenvolver as aulas. No entanto, a Educação Física pode ser entendida como disciplina que inclui e incorpora os alunos nas práticas, através dos jogos, dança, das lutas, fazendo com que os alunos façam reflexões sobre as atividades propostas, tendo a corporeidade presente nas atividades propostas. No entanto, o que se presencia no cotidiano da escola são aulas de Educação Física voltadas para um ‘corpo máquina’, pois compreendem atividades reprodutivas e mecanizadas. A Educação Física é tratada como uma atividade, sem conhecimento próprio a ser transmitido em tempo pedagogicamente necessário e organizado, repete-se atividades ano a ano, série a série, sem nenhuma ampliação ou aprofundamento do conhecimento.²⁰⁶

²⁰⁶ SILVA; HOCHAMNN; PICCININI, 2015, p. 100.

O que Silva, Hochamnn e Piccinini querem dizer é que a Educação Física precisa buscar maior orientação aos/às alunos/as, de modo a ajudá-los/as a fazerem suas escolhas, bem como a serem mais resistentes aos apelos dos padrões estéticos vigentes. Não que isso signifique descuidar com o corpo, ao ponto de expor-se aos problemas de saúde. O que se sugere é que sejam trabalhados conteúdos que concorram para que os/as alunos/as não sofram – nem façam sofrer – toda vez que se virem diante de um corpo fora dos padrões estéticos.²⁰⁷

Nesse sentido, as aulas da Educação Física fundamentadas a partir da corporeidade, devem buscar ensinar e ajudar a viver. Devem fazer sentir-se uma corporeidade que ajude os/as alunos/as a se expressarem por meio de uma dimensão do corpo e da mente; fazendo com que as aulas sejam mais significativas e mais produtivas; ofertando aulas mais dinâmicas, nas quais os/as alunos/as deverão mostrar toda sua corporeidade e criatividade de modo participativo.²⁰⁸

No entendimento de Silva, Hochamnn e Piccinini, a dificuldade em se pensar a corporeidade em âmbito escolar reside na falta de oportunidade e na resistência em expressar e falar sobre o próprio corpo, posto que ainda existe muito preconceito acerca da expressividade de um corpo. A ausência desse discurso na escola é, basicamente, o que deixa os/as alunos/as “à mercê” dos padrões estéticos impostos pela mídia.²⁰⁹

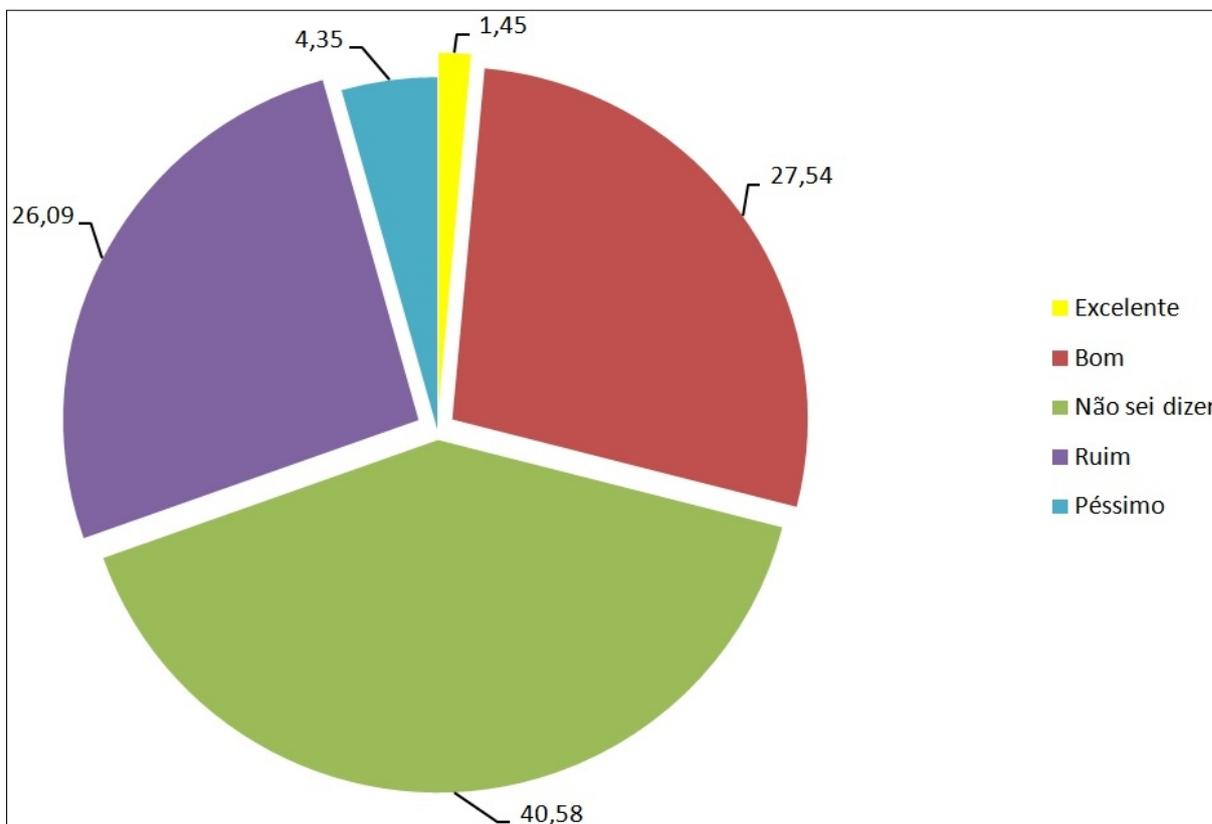
Não obstante, o Gráfico 13, exposto na página seguinte, aborda a se refere à avaliação dos/as professores/as em relação à influência religiosa sobre o entendimento que seus/suas alunos/as têm acerca do próprio corpo. Sobre isso, tem-se que 27,54% dos/as respondentes consideram boa essa influência da religião; ao passo que 1,45% considera excelente essa mesma influência. Contudo, 40,58% dos/as respondentes não possuem opinião a respeito dessa questão. Por fim, 26,09% dos/as professores/as respondentes consideram tal influência ruim; enquanto que 4,35% consideram essa mesma influência péssima.

²⁰⁷ SILVA; HOCHAMNN; PICCININI, 2015, p. 100.

²⁰⁸ SILVA; HOCHAMNN; PICCININI, 2015, p. 101.

²⁰⁹ SILVA; HOCHAMNN; PICCININI, 2015, p. 102.

Gráfico 13 - Avaliação dos/as professores/as em relação à influência religiosa sobre o entendimento que seus/suas alunos/as têm acerca do próprio corpo²¹⁰



Novamente, após a exposição e análise gráfica, o complemento do estudo da questão se dá por meio da análise das respostas abertas. Nesse caso, com base no Gráfico 13, busca-se compreender a visão dos/as professores/as respondentes acerca da influência religiosa sobre o entendimento que seus/suas alunos/as têm acerca do próprio corpo. Portanto, veja-se:

Os/as alunos/as se aceitam bem na forma que são.

Muitos/as entram em conflito sobre o que aprenderam na igreja e o que gostam.

A maioria não conhece sobre os ensinamentos da bíblia. Mas só converso sobre religião se algum/alguma aluno/a perguntar.

Eles/as obedecem o que é permitido, ou não, pela religião.

Não acontece com constância na prática escolar e, quando acontece, resolvemos com a família.

Entre alunos/as de 6.º e 7.º anos, a maioria é católica e não faz alusão às roupas. Os que não são católicos é que ficam reclamando.

Nenhuma restrição quanto às atividades na escola, sendo que as orientações de respeito não atrapalham o aprendizado.

²¹⁰ Gráfico elaborado pelo autor.

Os padrões religiosos e suas influências muitas vezes impedem que os/as alunos/as compreendam as diversas possibilidades que o corpo pode atingir por causa do medo e das limitações impostas pela religião.

Muitas vezes, por não conhecer a própria bíblia, alguns ficam presos a dogmas e são excluídos de certas atividades escolares.

Os mais tradicionais seguem firmemente uma religião mais conservadora, não se relacionando de maneira harmônica com o corpo; valorizando mais os aspectos da alma em relação às coisas materiais e corporais.

As respostas acima levam a crer que, de certo modo, a interferência das religiões na escola brasileira ainda se faz de modo preocupante, visto que, não raramente, apresenta-se como empecilho à melhor aplicação do conteúdo e, em sentido mais amplo, dificultando que os/as alunos/as adquiram o conhecimento que lhes permita viver com liberdade. Conforme o entendimento de Rigoni e Daolio:

Os estudos sobre religião apontam, de maneira geral, que aquilo que os fiéis devem ou não devem fazer com seus corpos é algo ensinado todos os dias pela instituição religiosa, mas também por outras instituições, inclusive pela escola. Os cuidados com o corpo estão presentes no leque de ensinamentos de ambas as instituições, mas os conteúdos e as finalidades são muito diferentes. A Igreja busca propositadamente restringir os comportamentos de seus fiéis e neste processo de restrição a Educação Física e suas práticas têm sido alvos constantes de atenção por parte de seus membros.²¹¹

Rigoni e Daolio também afirmam que, quase como regra, algumas igrejas mantêm rígidos os seus costumes, o que permite que se perceba uma adeptas de certas religiões apenas observando sua aparência (vestimenta, cabelos, a ausência de enfeites etc.). Até aí, nada demais. O problema é que, ao longo das aulas de Educação Física, o uso da saia por parte de algumas meninas dificulta ou impossibilita sua participação nas atividades propostas. Em diversas situações, geradas por motivos religiosos, estudantes que saíam das aulas de Educação Física quando as atividades envolvem danças ou festas relacionadas à culturas de origem africana. Tais exemplos ilustram a atual tensão provocada pelos conhecimentos religiosos quando os mesmos vão de encontro aos conhecimentos produzidos pela disciplina Educação Física.²¹²

Esse modo de agir em relação à parte do conteúdo de Educação Física limita os horizontes dessa disciplina, impedindo que o/a aluno/a se integre totalmente às atividades escolares, além de criar um conflito que também serve para fazer com que

²¹¹ RIGONI; DAOLIO, 2016, p. 368.

²¹² RIGONI; DAOLIO, 2016, p. 368.

os/as alunos/as acabem se dividindo em quem pode e em que não pode desenvolver determinadas atividades. Com isso, surge uma espécie de separatismo na escola, que nada de positivo acrescenta ao processo ensino e aprendizagem. Tudo é feito de modo a ignorar os benefícios das atividades físicas, bem como os benefícios da integração social dos/as alunos/as.²¹³

Dessa forma, o acesso às atividades de Educação Física na escola não é limitado somente em face do poder econômico de cada família, mas também em decorrência da existência de mecanismos de controle com tanto ou mais poder e eficiência que o dinheiro. Tais mecanismos não controlam os/as alunos/as apenas em função das questões materiais, mas o impedem de participar de determinadas práticas por meio da internalização inconsciente de uma série de valores que limitam e organizam a decisão desses/as alunos/as.²¹⁴

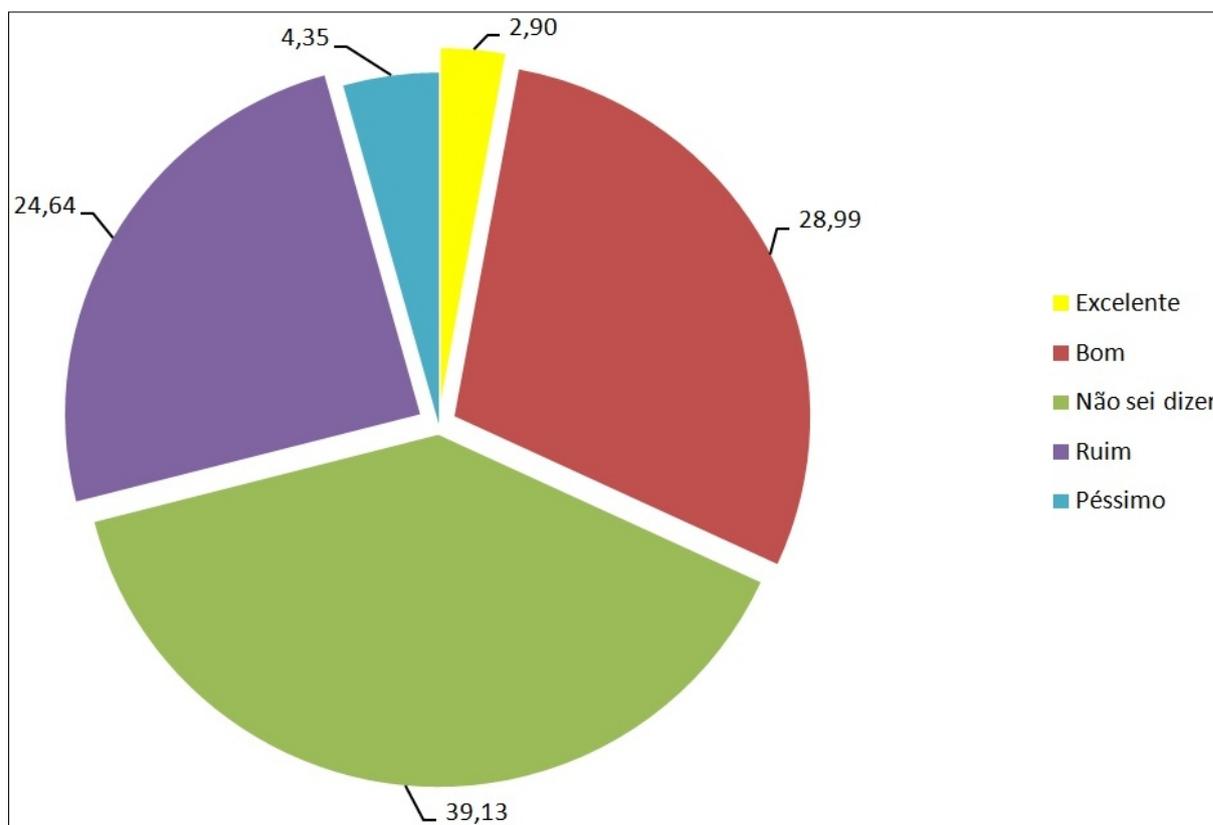
Encerrando a análise, apresentam-se os resultados decorrentes do Gráfico 14, exposto na página seguinte, o qual trata da opinião dos/as professores/as sobre as possíveis tensões entre a influência religiosa e a vontade dos/as alunos/as em relação à visão que eles/as têm do próprio corpo. Quanto a isso, 28,99% dos/as respondentes consideram boas as possíveis tensões acima mencionadas; ao passo que 2,9% entendem que tais tensões são excelentes. Destaca-se aqui o fato de que 39,13% não possuem opinião formada acerca desta questão. Contudo, 24,64% dos/as respondentes entendem que essas possíveis tensões são ruins; ao passo que os demais 4,35% entendem que tais tensões são péssimas.

Finalizando a análise da exposição gráfica dos resultados da pesquisa de campo apresentam-se, agora, as respostas abertas inerentes à questão relacionada ao Gráfico 14, o qual trata das as possíveis tensões entre a influência religiosa e a vontade dos/as alunos/as em relação à visão que eles/as têm do próprio corpo, conforme a avaliação dos/as professores/as pesquisados/as, os quais assim se pronunciaram:

²¹³ RIGONI; DAOLIO, 2016, p. 375.

²¹⁴ RIGONI; DAOLIO, 2016, p. 380.

Gráfico 14 - Avaliação dos/as professores/as sobre as possíveis tensões entre a influência religiosa e a vontade dos/as alunos/as em relação à visão que eles/as têm do próprio corpo²¹⁵



Sobre isso, os respondentes assim se pronunciaram:

Muitos/as não se importam com religião.

Alguns quase se relacionam com as coisas materiais e corporais (supervalorizando); mas muitos seguem os costumes religiosos sem qualquer entendimento, muitas vezes influenciados pela família.

Vão muito de encontro às informações da família e alicerçados pela comunidade escolar.

Acho que é um combate difícil para nós que ficamos tão pouco tempo com eles.

Penso que a escola poderia abrir um debate sobre religião, corpo, alma e mente com espírito.

A vontade de estar questionando as autoridades é diária, mas esbarra nas influências que a religião impõe.

Devido ao nível de conhecimento do/a aluno/a e sua família, com relação à escola e seu papel.

Alguns/algumas alunos/as, devido à orientação religiosa, dizem que não podem mostrar o corpo, nem dançar e participar de aulas de dança.

²¹⁵ Gráfico elaborado pelo autor.

Diante das questões religiosas, utilizo o diálogo em construção com o/a aluno/a.

A mídia determina a conduta dos/as alunos/as.

Os/as alunos/as se influenciam pelos/as colegas.

De acordo com as respostas abertas apresentadas acima, há considerável tensão entre a influência religiosa e a vontade dos/as alunos/as em relação à visão que eles/as têm do próprio corpo. Isso, no entanto, pode ser explicado conforme o entendimento de Rigoni e Prodócimo:

A educação corporal repassada às pessoas que seguem as religiões evangélicas – especialmente às meninas – tem como objetivo diferenciá-las das pessoas ‘do mundo’, o que, de certa forma, acontece. No entanto, o fato de receberem a mesma educação na igreja não as tornam iguais. Isto acontece devido às diferentes formas de educação que recebem em outros contextos que não o religioso.²¹⁶

Ainda de acordo com as explicações de Rigoni e Prodócimo, o que se pode perceber é que há certa acomodação dos costumes a outras formas de educação que recebem fora da igreja. Estas pessoas parecem estabelecer uma espécie de negociação entre os usos e costumes postulados pela Igreja e as necessidades geradas nos demais contextos de seu dia a dia, nos quais parte considerável de tudo o que aprenderam com a religião não tem tanta serventia.²¹⁷

Tendo sido aqui apresentadas as análises das questões da pesquisa de campo, passa-se agora, com base no que foi exposto até então, a propor sugestões e recomendações que possam, de alguma forma, minimizar as disfunções identificadas por meio do presente estudo.

3.3.3 **Sugestões e recomendações**

De modo positivo, a análise da pesquisa de campo apresentou dois problemas básicos inerentes à influência da religiosidade sobre a Educação Física escolar, quais sejam: a) ajuda a incorporar as questões éticas (compaixão, solidariedade, gentileza, respeito e afins), pois fica evidente que, por serem menos materialistas, os/as alunos/as que possuem orientação religiosa rígida, não raramente, tendem a ser mais

²¹⁶ RIGONI; PRODÓCIMO, 2013, p. 239.

²¹⁷ RIGONI; PRODÓCIMO, 2013, p. 239.

prestativos que os demais; b) ajuda a incorporar as ideias contrárias ao consumismo exacerbado, posto que, até certo ponto, o cotidiano dos/as alunos/as com maior orientação religiosa assume direções um tanto distantes das práticas consumistas comuns aos demais.

No entanto, de modo negativo, a análise da pesquisa de campo apresentou três problemas básicos inerentes à influência da religiosidade sobre a Educação Física escolar, quais sejam: a) pouco ou nada faz para alterar a visão dos/as alunos/as acerca do próprio corpo, especialmente no sentido de ajudá-los/as a se aceitarem melhor; b) dificulta a aplicação do conteúdo da disciplina Ensino Religioso, o que concorre para que os/as alunos/as tenham menos conhecimento acerca da importância das atividades físicas, para o corpo e também para a mente, já que as mesmas são importantes auxiliares da socialização; e, c) faz crescer as tensões entre a influência religiosa e a vontade dos/as alunos/as em relação à visão que eles/as têm do próprio corpo, pois torna explícito o conflito entre o que “eles” (os religiosos) podem ou não fazer.

Diante disso, é preciso que se tomem algumas medidas, com o intuito maior de tentar minimizar esses problemas acima mencionados. A primeira medida a ser tomada deve ser estreitar a comunicação entre a escola e os/as pais/mães de alunos/as, no sentido de alertar a todos/as acerca das vantagens da prática de atividades físicas. Isso pode ser feito por meio de reuniões periódicas ou mesmo, em determinadas datas, através de palestras nas igrejas próximas às escolas, ocasiões em que se pode até mesmo, com a ajuda do/a professor/a de Educação Física, aferir o IMC dos/as fieis, buscando alertá-los/as sobre o excesso de peso comum a quem pouco se exercita.

No tangente à questão das roupas utilizadas pelas alunas, pode-se chegar a um consenso, permitindo que as mesmas usem vestimentas que permitam a prática de exercícios e, ao mesmo tempo, sejam aprovadas pelos/as pais/mães das alunas.

Quanto às práticas que envolvam danças, as escolas também podem, em parceria com os/as pais/mães das alunas, buscar um consenso, evitando-se assim que essa modalidade de atividade física deixe de ser oferecida nas aulas de Educação Física.

Para elevar o nível de socialização, de forma a fazer com que os/as pais/mães dos/as alunos/as percebam a importância das interações sociais decorrentes das aulas de Educação Física, sugere-se que a SEMED de Vila Velha desenvolva

esforços no sentido de promover torneios esportivos escolares de menor porte, seguindo o estilo dos Jogos Estudantis de Vila Velha (JEMVV), pois acredita-se que, dessa forma, os/as pais/mães dos/as estudantes acabem comparecendo aos eventos e, com isso, perceba o valor dos esportes, bem como também, no curto prazo, os benefícios físicos e éticos comuns a quem se torna atleta – mesmo que em nível não profissional.

Obviamente que tais sugestões e recomendações devam ser estudadas, para que não contrariem quaisquer dispositivos legais. Contudo, acredita-se que a SEMED deva buscar sanar as disfunções apontadas pelo presente estudo, visto que está em jogo não somente a finalidade maior da disciplina Educação Física, mas também os esforços educacionais em prol da saúde e do bem-estar dos/as educandos/as.

Tendo sido apresentadas aqui as sugestões e as recomendações – com o objetivo de minimizar os problemas identificados por meio da pesquisa de campo –, passa-se agora a expor a conclusão.



CONCLUSÃO

No presente estudo, mostrou-se primeiro que a história do corpo humano é também parte significativa da história da civilização e se confunde com a história social da humanidade. Com o passar do tempo, das eras, modificou-se o ambiente, o corpo e o uso do corpo, modificou-se o próprio homem. Assim, as representações do corpo adquiriram outras dimensões, subjugando-o a temas que potencializavam as questões místicas e religiosas.

Em seguida, este estudo deixou claro que, com o advento do cristianismo assiste-se a uma nova percepção do corpo. O corpo passa da expressão da beleza para fonte de pecado, passa a ser proibido. Não por acaso que, na Idade Média, o corpo serviu, mais uma vez, como instrumento de consolidação das relações sociais, cabendo destacar que a moral cristã tolhia qualquer tipo de prática corporal que visasse o culto do corpo. Assim, a Igreja Católica determinou os papéis sociais dos gêneros a partir do controle sobre o corpo feminino. No entanto, a redescoberta do corpo só viria a acontecer após a Renascença. Como se viu, ao longo da história o corpo tem se apresentado como um dos mais complexos e instigantes fenômenos e possibilita a compreensão da realidade na qual se está inserido.

Contudo, conforme se constatou ao longo desse trabalho, a Educação Física cumpre inúmeros papéis no âmbito maior que é a educação brasileira. Não se trata somente de motivar a prática de esportes. Muito mais além, a Educação Física promove saúde pública e desenvolve aspectos físicos e mentais que refletem diretamente na confiança e na socialização de cada criança – aspectos esses que ela carregará pelo resto da vida.

No entanto, ao estilo das demais disciplinas, a prática letiva da Educação Física também apresenta problemas. Por meio da pesquisa de campo, este trabalho também mostrou que, quando não ministrada de forma ideal, essa disciplina pode acentuar as tendências materialistas que fazem com que os/as alunos/as supervalorizem o culto ao corpo e à beleza, em detrimento dos valores éticos, tais como a solidariedade, a gentileza, o respeito, entre outros. Contudo, esse é o tipo de disfunção que a escola consegue, na maioria das vezes, tentar resolver no próprio espaço escolar, apenas com a reorientação pedagógica.

No entanto, atualmente um dos principais problemas enfrentados por aqueles/as que lecionam Educação Física diz respeito ao conflito decorrente da

orientação religiosa de parte considerável dos alunos, os quais se negam a participar de algumas atividades, alegando que as mesmas contrariam os ditames da igreja que frequentam. Tal interferência religiosa se dá de forma indireta, porém, impede que se cumpram alguns dos objetivos mais nobres da Educação Física, quais sejam a promoção da saúde, da cultura e do lazer.

Ademais, vive-se um tempo em que se constata a elevação média do peso de grande parte dos brasileiros, o que ressalta a maior importância das atividades físicas, como forma de prevenção contra doenças tais como a diabetes, a elevação da pressão arterial e os problemas cardiovasculares. Diante disso, o presente estudo pretendeu responder à questão problema inicialmente levantada, a qual buscava saber: em que medida a Educação Física escolar pode mediar professores do Ensino Fundamental, de orientação religiosa evangélica, a atribuírem valor e sentido críticos e conscientes ao uso de seus próprios corpos nas aulas de Educação Física e estabelecerem relações saudáveis entre corpo e religião por um lado e entre os usos do corpo e o compromisso religioso por outro? Para tanto, acredita-se ser imperativo que a escola brasileira estabeleça amplo e diálogo com as igrejas, visando solucionar a interferência que os ensinamentos religiosos causem à boa prática pedagógica da Educação Física.

Mesmo porque, conforme constatou a pesquisa de campo, há muitos/as alunos/as frustrados/as, infelizes com a própria condição física, sofrendo “bullying” no interior das escolas, privados/as de parte importante de seu lazer e, pior, da carga de conhecimento corpóreo a que tem direito. Isso não pode continuar ocorrendo em decorrência de uma orientação religiosa que, por estar presa a uma visão de mundo que desconsidera alguns problemas da modernidade, impede que os/as estudantes tirem máximo proveito da Educação Física.

Contudo, é importante deixar claro que o que se pretendeu, por meio do presente estudo, não é afrontar, nem desvalorizar os ensinamentos religiosos. Ao contrário, foi somente por acreditar que toda e qualquer religião deseja o melhor para todos os seus seguidores, que se acredita também que os líderes religiosos – mesmos aqueles das igrejas mais tradicionais – não se recusarão a contribuir com a educação brasileira. Tudo depende de se manter aberto o debate, para que se façam os devidos esclarecimentos. Daí porque as sugestões aqui oferecidas se resumem ao estreitamento das relações entre a comunidade escolar e as comunidades religiosas,

para que a discussão acerca dos benefícios da Educação Física não deixe dúvidas quanto à urgência de se levar essa prática ao máximo possível de alunos/as.

Dito isso – e tendo sido alcançados todos os objetivos propostos para o presente estudo –, deixa-se o tema em aberto, para que seja retomado em novas oportunidades, quando outras variáveis sejam testadas, elevando-se as possibilidades de solução dos problemas decorrentes desse conflito entre a prática da Educação Física escolar e a religiosidade adotada por parte cada vez maior de estudantes brasileiros.



REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 2000.
- AMARAL, Marcela. *O fenômeno do culto ao corpo moderno e a magreza como símbolo de beleza: estudo sobre o movimento "pró-Ana" no Brasil*. Lisboa: UNL, 2008.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2006.
- BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BETTI, Mauro; LIZ, Marlene Terezinha Facco. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 135-142, set./dez., 2003.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revisada e atualizada. São Paulo: Amazon, 2014.
- BISSOLI, Michelle de Freitas. Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 4, p. 587-597, 2014.
- BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. *O direito na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Caderno do Cedes*, ano XIX, n. 48, ago., p. 65-70, 1999.
- BRAGA, Patrícia Déa; MOLINA, Maria Del Carmen Bisi; FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de. Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, UFES, v. 15, n. 1, 2010.
- BRAUNSTEIN, Florence; PÉPIN, Jean François. *O lugar do corpo na cultura ocidental*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. *Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares*. Curitiba: PUC-PR, 2011.
- BROWN, Peter. *Corpo e sociedade, o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.

CARMO JÚNIOR, Wilson do. Educação Física e a cultura da prática. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 361-371, abr./jun., 2011.

CAVALIERE, Ana Maria. O mal-estar do Ensino Religioso nas escolas públicas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 131, p. 303-332, mai./ago., 2007.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato; MEZZADRI, Fernando Marinho; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Consumo e formação de hábitos de esporte e lazer. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 241-271, mai./ago., 2006.

COSTA, Célia Martins da. *A estética do corpo: um problema pós-moderno*. São Paulo: Mackenzie, 2010.

CRUZ, Daniel Nery da. *Lipovetsky e a hipermodernidade: dilemas e perspectivas para a moderna noção de sujeito e a ética*. São Leopoldo: UVRS, 2013.

DRESCH, Daniele Zeppe. *Educação Física e religião em diálogos: razões para a (não) prática de Educação Física nas escolas*. Santa Rosa: UNIJUÍ, 2013.

DUMONT, Adilson; PRETO, Édison Luis de Oliveira. A visão filosófica do corpo. *Escritos Educacionais*, Ibirité, v. 4, n. 2, dez., 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-9843200500020002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2018.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

FEATHERSTON, Mike. *Cultura e consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1990.

FEATHERSTON, Mike; HEPWORTH, Mike; TURNER, Bryan Stanley. *The body: social process and cultural theory*. London: Sage, 1996.

FENSTERSELFER, Paulo Evaldo. *A Educação Física na crise da modernidade*. Ijuí: Unijuí, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FERREIRA, Francisco Romão. *Os sentidos do corpo: cirurgias estéticas, discurso médico e saúde pública*. Rio de Janeiro: ENSP, 2006.

FERREIRA, Lucas Vinícius de Oliveira. *Educação Física, esporte e religião: interferências e relações*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

FERREIRA, Maria Elisa Mattos Pires. O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. *Revista Ciência e Cognição*, v. 15, n. 3, p. 47-61, 2010.

FERREIRA, Stephânia Beatriz; FERREIRA, Dayana Vieira; BATISTA, Gustavo Araújo. Sócrates: a defesa da filosofia aplicada à educação para a vida reflexiva – algumas considerações para a autoformação ético-política do educador. *Cadernos da FUCAMP*, v. 12, n. 10, p. 49-64, 2010.

FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT *Apud* GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir, corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FROMM, Erich. *Ter ou ser*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

GARCIA, Daniele Goldner. *Configuração urbana do município de Vila Velha/ES: reflexões sobre os espaços livres e áreas ambientalmente fragilizadas*. Vitória: UFES, 2014.

GAYA, Adroaldo. Será o corpo humano obsoleto? *Revista Sociologias*, Porto Alegre, v. 7, n. 13, jan./jun., 2005.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFF, Jaques Le; TROUNG, Nicolas. *A civilização do ocidente medieval*. Petrópolis: Vozes, 2006.

GOFF, Jaques Le; TROUNG, Nicolas. *Uma história do corpo na idade média*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir, corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.

GONÇALVES-SILVA *et al.* Reflexões sobre corporeidade no contexto da educação integral. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p.185-209, jan./mar., 2016.

GUZZO, Marina. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. *Revista Brasileira de Ciências e Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, set., 2005.

HERNÁNDEZ, Maria Cristina Pratis. *A corporeidade da educação religiosa*. Curitiba: PUC-PR, 2011.

HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções [1789-1848]*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KELEMAN, Stanley. *Mito e corpo: uma conversa com Joseph Campbell*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2001.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2001.

LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científico*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAZZAROTTI FILHO, Ari; BANDEIRA, Lílian Brandão; JORGE, Antônio Chadud. A educação do corpo em ambientes educacionais. *Revista Pensar a Prática*, v. 8, n. 2, p. 141-161, jul./dez., 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/111/1571>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LOBATO, Robson de Souza. “No que você está pensando?” Representações sociais de corpo de professores de Educação Física usuários do Facebook. Brasília: UnB, 2015, p. 35.

LOURENÇO, Ana Carolina Silva; ARTEMENKO, Natália Pereira; BRAGAGLIA, Ana Paula. *A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos*. Vila Velha (ES), 2014.

MARCELINO, Pedro Renato Lúcio. A pós-modernidade e o consumismo. Contribuição discente parte 1. *Revista Acadêmica de Direitos Fundamentais*, Osasco, v. 3, n. 3, p. 23-32, out., 2009.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 73, p. 45-66, dez., 2005.

MATTOS, Rafael da Silva. Sociologia do corpo é sociologia da Educação Física. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 4, out./dez., 2010.

MAUSS, Mareei. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO, André da Silva; FERREIRA NETO, Amarílio; VOTRE, Sebastião Josué. Intervenção da Educação Física em projetos sociais: uma experiência de cidadania e esporte em Vila Velha (ES). *Revista Brasileira de Ciências e Esporte*, Campinas, v. 31, n. 1, p. 75-91, set., 2009.

MÉLO *et al.* Associação entre religiosidade, atividade física e comportamento sedentário em adolescentes. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, Pelotas, vol 17, n. 5, p. 359-369, out., 2012.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física*. Natal: UFRN, 2000.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 599-615, mai./ago., 2005.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; MENDES, Maria Isabel Brandão de Sousa; GLEYSE, Jacques. Compreensões do corpo na Educação Física: análise de conteúdo das revistas EPS (França) e RBCE (Brasil). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 3, n. 38, p. 227-234, fev., 2016.

OCTAVIAN, Rosiu Ovidiu Petra; PAULESCU, Doina; MUNIZ, Adir Jaime de Oliveira. *Monografia – cursos de administração, ciências contábeis, ciências econômicas e turismo*. Brasília: UniCEUB, 2003.

OLIVEIRA, Paula Souza de; SANTOS, Adelice Oliveira dos. *Consumo hedonista: impasses e contradições do consumidor pós-moderno para um planeta sustentável*. Salvador: IFBA, 2012.

ONFRAY, Michel. *A arte de ter prazer. Por um materialismo hedonista*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PAIXÃO, Jairo Antônio da; LOPES, Maria de Fátima. Alterações corporais como fenômeno estético e identitário entre universitárias. *Revista Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 101, p. 267-276, abr./jun., 2014.

PARRA FILHO, Domingos; SANTOS, João Almeida. *Apresentação de trabalhos científicos: monografia, TCC, teses e dissertações*. São Paulo: Futura, 2000.

PELEGRINI, Thiago. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. *Revista Urutagua*, n. 8, 2006. Disponível em: <www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.htm>. Acesso em: 17 mar. 2018.

PRADO, Antonio Carlos Moraes. O corpo lúdico. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 197-199, set., 2006.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil (1822-1888)*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Felipe Augusto; RANGEL, João Guilherme Lisbôa. Da heresia à caça às bruxas no final da idade média ocidental. *Revista História*, São Paulo, n. 176, p. 1-10, fev., 2017.

RIGONI, Ana Carolina Capelinni. O corpo e a educação religiosa. *Revista Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 227-243, jan./jun., 2016.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; DAOLIO, Jocimar. Educação Física e religião: tensões entre a a educação para o lazer e a busca do prazer. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, jun., 2016.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. *Revista Brasileira de Ciência e Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1, jan./mar., 2013.

RODRIGUES, Renato Gonçalves. *O corpo na história e o corpo na igreja hoje*. Brasília: UnB, 2014. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/4sncc/2013/paper/viewfile/4971/2970>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. *Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose*. Rio de Janeiro: UFF, 2006.

RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. São Paulo: Atlas, 1996.

RYAN, T. Para uma espiritualidade dos esportes. *Revista Concilium*, Petrópolis, Vozes, n. 225, 1989.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SAUERBRONN, João Felipe Rammelt; TONINI, Karla Andrea Dulce; LODI, Marluce Dantas de Freitas. Consumo do corpo e corpo para o consumo – um estudo sobre os significados de consumo associados ao corpo feminino em peças publicitárias de suplementos alimentares. *REAd – Revista de Administração da EA/UFRGS*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 1-25, jan./abr., 2011.

SCHMITZ *et al.* A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 312-322, 2008.

SILVA, Adriani Cristina de Maria da; HOCHAMNN, Alex Sandro; PICCININI, Larise. Corporeidade: um corpo próprio nas aulas de Educação Física. *Revista Científica Emersão*, v. 1, n. 1, p. 95-106, mai., 2015.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira nas aulas de Educação Física: Alguns apontamentos do processo ensino-apredizado de professores. *Revista Brasileira Ciência Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 889-903, out./dez., 2011.

SOUZA, Maria Oliveira de; SILVA, Franciele Marcelino da; OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. O corpo na idade média: entre representações e sexualidade. Aracaju: IHGS, 2014.

TEDESCHI, LosandroAntonio; SILVA, André Candido Da. *A sexualidade reprimida: uma análise do feminino na perspectiva de Jacques Le Goff (XII)*. Marília: UNESP, 2011.

VALADARES *et al.* O “cidadão hedonista”: diálogos sobre consumo e cidadania na sociedade contemporânea. *Caderno EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 970-983, out./dez., 2016.

VALVERDE, Antônio José Romera. O homem do renascimento. *Relatório de Pesquisa*, n. 4, EAESP/FGV/NPP, Núcleo de Pesquisa e Publicações, 2000.

VAZ, Alexandre Fernandez. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ *et al.* (Org.). *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física*. Florianópolis: UFSC, 2006.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. In: SOARES, C. L. (Org.). *Cadernos Cedes*, Campinas, ano 19, v. 19, n. 48, p. 89-108, ago., 1999.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

WEIZENMANN, Mariano. Nossa espiritualidade: a espiritualidade do esporte. *Informativo Nossa Voz*, São Paulo, ano 9, n. 70, jun., 2014.



APÊNDICE

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

PREZADO/A PROFESSOR/A:

Agradeço por ter aceitado participar da pesquisa, respondendo o questionário, cujos dados subsidiarão minha dissertação de mestrado, cujo título provisório é: "**O MOVER DO CORPO SAGRADO: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM FACE DA RELIGIOSIDADE DE ESTUDANTES EVANGÉLICOS**". A primeira parte do questionário, refere-se aos dados pessoais. Não é necessário se identificar. A segunda parte, contendo dez perguntas fechadas, oferece cinco opções de resposta em cada questão. Marque apenas uma. Existe um campo ao final de cada pergunta para que você emita um comentário, caso assim desejar.

Agradeço sua colaboração.
ANDRÉ LUIZ LOPES CAMARGO.

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES QUE MINISTRAM A DISCIPLINA 'EDUCAÇÃO FÍSICA' EM ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE VILA VELHA (ES).

DADOS PRELIMINARES.

Nome da Unidade de Ensino (UMEF): _____

Sexo: a) Masculino b) Feminino

Idade: _____

Religião: _____

Formação: _____

Cargo/Função: _____

Tempo de experiência como docente na disciplina Educação Física: _____

Tempo de experiência como docente na disciplina Educação Física no município de Vila Velha: _____

QUESTIONÁRIO – PROFESSORES/AS

01. Como você avalia a postura de seus/suas alunos/as em relação ao próprio corpo?

- a) Excelente.
- b) Bom.
- c) Não sei dizer.
- d) Ruim
- e) Péssimo.

Comente: _____

02. Como você avalia a postura de seus/suas alunos/as em relação às questões éticas (sobre compaixão, solidariedade, gentileza, respeito e afins)?

- a) Excelente.
- b) Bom.
- c) Não sei dizer.
- d) Ruim
- e) Péssimo.

Comente: _____

03. Como você avalia a relação entre a Educação Física e a orientação religiosa, no que diz respeito ao corpo dos/as alunos/as?

- a) Excelente.
- b) Bom.
- c) Não sei dizer.
- d) Ruim
- e) Péssimo.

Comente: _____

04. Como você avalia a contribuição da Educação Física para a maior compreensão do próprio corpo, por parte dos/as alunos/as?
- a) Excelente.
 - b) Bom.
 - c) Não sei dizer.
 - d) Ruim
 - e) Péssimo.

Comente: _____

05. Como você avalia seus/suas alunos/as em relação ao consumismo (valorização da moda, superestima por marcas e afins)?
- a) Excelente.
 - b) Bom.
 - c) Não sei dizer.
 - d) Ruim
 - e) Péssimo.

Comente: _____

06. Como você avalia seus/suas alunos/as no que diz respeito aos/às mesmos/as estarem satisfeitos com o próprio corpo?
- a) Excelente.
 - b) Bom.
 - c) Não sei dizer.
 - d) Ruim
 - e) Péssimo.

Comente: _____

07. Como você avalia a influência religiosa sobre o entendimento que seus/suas alunos/as têm acerca do próprio corpo?

- a) Excelente.
- b) Bom.
- c) Não sei dizer.
- d) Ruim
- e) Péssimo.

Comente: _____

08. Como você avalia as possíveis tensões entre a influência religiosa e a vontade dos/as alunos/as em relação à visão que eles/as têm do próprio corpo?

- a) Excelente.
- b) Bom.
- c) Não sei dizer.
- d) Ruim
- e) Péssimo.

Comente: _____

ANEXO

QUESTIONÁRIO – RESPOSTAS ABERTAS

QUESTÃO 01.

“Alunos com rico repertório motor, devido à quantidade de atividades desenvolvidas na escola, além das possibilidades vividas fora da escola”.

“Em sua maioria, os alunos/as participam das atividades. Quando chegam à adolescência os padrões religiosos e da sociedade, junto com as mudanças hormonais, fazem com que limitem a executar determinadas atividades”.

“O corpo, em suas diversas manifestações – ética, estética, religiosa, entre outras – parece estar bem evidenciado para boa parte dos/as estudantes”.

“Geralmente, na adolescência há um cuidado material com o corpo, principalmente no que se refere às atividades corporais sistemáticas”.

“Alunos/as do 6.º ano se relacionam bem com as aulas e com o corpo. A maioria não se incomoda e nem se sente incomodada com o corpo”.

“Gostam do próprio corpo. Porém, com críticas simples”.

QUESTÃO 02.

“São impulsivos. Não toleram o erro do outro”.

“Boa parcela dos/as alunos/as demonstra atitudes de respeito, solidariedade, gentileza, entre outras”.

“A maioria dos meus/minhas alunos/as demonstra respeito e solidariedade. Claro, tem uma minoria que não demonstra o mesmo”.

“De modo geral é bom. Porém, existem algumas exceções, onde a intervenção deve ser feita e reforçada várias vezes”.

“Devido aos padrões socioeconômicos dos/as alunos/as, há uma certa instabilidade familiar que afeta o comportamento dos/as mesmos/as”.

“Infelizmente, necessitam de intervenções freqüentes quando se tratam de questões éticas”.

“Muita falta de educação”.

“Os/as alunos/as, em geral, são impacientes com seus/suas colegas – criticam. Não são gentis”.

“Dependendo da faixa etária, ainda existe os sentimentos de compaixão, solidariedade, gentileza e respeito. Já na adolescência, as atitudes modificam e o sentimento predominante é o individualismo”.

“Alunos de 6.º e 7.º anos querem aparecer e fazem qualquer coisa para serem elogiados. Não respeitam muito os colegas”.

“No geral, infelizmente, o quadro é negativo. O desrespeito sobressai. Falta educação familiar”.

QUESTÃO 03.

“Há incentivo da coordenação da escola, no sentido de buscar algum momento para a religiosidade”.

“No pensar do apóstolo Paulo, o exercício físico pouco se aproveita. Porém, é necessário religiosamente cuidar do corpo – que é templo do Espírito Santo. Nesse sentido de cuidar, os/as meus/minhas alunos/as caminham bem”.

“Existem casos em que os/as alunos/as são privados/as de alguns conteúdos como dança e capoeira, porque os pais não autorizam devido à religião”.

“Pouquíssimos/as alunos/as se recusam à prática de exercícios por motivos religiosos”.

“Alguns/algumas alunos/as não querem vestir determinadas roupas, porque dizem que marcam as formas e a religião não permite. Peço que usem roupas mais largas ou saias por cima de ‘shorts’ (no caso das meninas)”.

“Em alguns casos específicos a religião interfere no envolvimento corporal”.

“Na escola onde atuo não tenho problemas com a orientação religiosa dos/as meus/minhas alunos/as”.

“Não consegui identificar a diferença entre as religiões praticas pelos/as alunos/as. Todos/as possuem o mesmo padrão de roupa e postura”.

“Nosso corpo é templo do Espírito Santo. Não devemos nos expor com roupas inapropriadas”.

“O comportamento na escola, perante os colegas, é diferente em relação ao comportamento dito por eles na igreja”.

“Tenho diversos segmentos religiosos dentro da comunidade escolar. Muitas das religiões praticadas pelos familiares não valorizam a orientação da atividade física”.

“Precisamos trabalhar muito porque, infelizmente, o corpo é um vilão para a maioria das religiões (principalmente as pentecostais)”.

“Quando o conteúdo é dança, a religião se torna uma desculpa para fugir da prática”.

“As imposições vêm de casa – o que pode ou o que não pode (questão das festas juninas, por exemplo)”.

“Algumas atividades são tidas como proibidas pela orientação religiosa, limitando a participação dos/as alunos/as nas aulas”.

“Sempre há conflitos entre Educação Física e religião. O corpo, muitas vezes, pode ser compreendido como um tabu para as instituições religiosas”.

QUESTÃO 04.

“Acredito que podemos contribuir muito nos assuntos relacionados à saúde e bem-estar, fazendo principalmente os/as alunos/as refletirem sobre a ditadura do corpo perfeito”.

“Dentro das aulas existem atividades que orientam o desenvolvimento das habilidades, as mudanças ocasionadas no corpo durante um exercício, como as sensações de cansaço e alegria”.

“Tem que haver muito diálogo com os/as alunos/as. Através do diálogo conseguimos a atenção dos/as mesmos/as”.

“A Educação Física, enquanto componente curricular responsável pela transmissão e promoção da cultura corporal, explora, no cotidiano, as diversas possibilidades de práticas corporais que envolvem emoções e atitudes”.

“As linguagens corporais são uma possibilidade do indivíduo transmitir outros conhecimentos que podem ser inseridos nos aspectos de gênero, social, entre outros. Assim, a Educação Física se torna a disciplina mais voltada para esse objetivo”.

“Sempre buscando aumentar a participação nas atividades propostas pela disciplina, melhorando a parte cognitiva e motora”.

“Alguns/algumas alunos/as mantêm certo receio em executar algumas atividades propostas, por não terem o consentimento da família e da religião para fazer tais atividades”.

“A aula de Educação Física em muito contribui para a compreensão do corpo e suas funções”.

“A Educação Física é importante para se conhecer e superar limites, desenvolvendo capacidades corporais”.

“Quando se consegue fazer um trabalho de longo prazo, com questionamentos e ações de descobertas, a Educação Física é a aliada perfeita”.

“A Educação Física é de grande importância para a formação geral”.

“A Educação Física ajuda a proporcionar atividades e exercícios que melhoram nosso desempenho, qualidade de vida, melhorando a saúde física e mental”.

“Dependendo de como o/a professor/a conduz as questões trabalhadas em sala de aula, a Educação Física contribui de maneira significativa para a compreensão do próprio corpo por parte dos/as alunos/as, pois é um de seus principais objetivos”.

QUESTÃO 05.

“São bastante consumistas e seguem a moda”.

“Com uso constante da TV e até por assistirem jogos, os/as alunos/as acabam seguindo a moda e consumindo marcas”.

“A mídia, ao promover os produtos, leva os/as jovens ao consumismo”.

“Hoje em dia não existe alguém não consumista”.

“Os/as alunos/as das escolas em que atuo não têm muito esse olhar para as marcas”.

“O ter tem falado muito forte no meio de nossos/as adolescentes”.

“Para os/as jovens, o mais interessante é a marca”.

“Vejo que gostam de moda e de estarem na moda, mas também vejo a dificuldade financeira das famílias”.

“A maioria se deixa levar pela prática e influência consumista”.

“Normalmente vão de uniforme e, quando vêem um ou outro com um tênis de marca, comentam”.

“Alunos/as de comportamento consumista moderado, devido ao bom envolvimento da família com a escola”.

“Meus/minhas alunos/as não usam roupa de marca”.

“Muitos/as alunos/as supervalorizam utensílios e marcas como forma de se integrarem a um determinado padrão de grupo; muitas vezes estimulados pelas famílias”.

“Meus/minhas alunos/as têm poder aquisitivo baixo”.

“O que mais noto é a vontade de usarem o celular durante as aulas”.

“É péssimo, porque existe (principalmente nas classes mais desfavorecidas) uma necessidade enorme de inserção social e isso vem muito através do que você tem, e não através do que você é”.

“Seguem o que a sociedade consumista impõe. O mercado seduz, estimulando cada vez mais o consumismo. Eles apenas seguem a tendência, sem ter um pensamento crítico acerca desse cenário”.

“Vejo como forma negativa. Valoriza o que não há necessidade e deixa de lado outras questões mais importantes”.

“Alguns relatos de alunos/as mostram que, às vezes, querem coisas ‘da moda’, mas, pela condição social, acabam não possuindo. Eles/as aceitam o que os pais conversam com eles”.

“Depende. Do meu ponto de vista, o envolvimento com a ‘mercadorização’ do corpo é ruim. Mas não se pode generalizar, pois nem todos consomem a informação da mesma forma”.

QUESTÃO 06.

“A maioria não aparenta ter repúdio à própria imagem”.

“Existem situações em que os/as alunos/as com alguma diferença corporal (obesidade ou alguma diferença de padrão estético) sentem-se insatisfeitos e até se isolam dos demais por este motivo”.

“Em determinada faixa etária a aceitação do corpo é boa para determinado grupo de alunos/as”.

“A maioria se mostra satisfeita”.

“Estão satisfeitos com o corpo”.

“A maioria se gosta como é, ou se aceita”.

“Estão sempre procurando modelos que não são o seu próprio ‘eu’”.

“Mas vejo também um grande processo de negação e dificuldade para lidar com os padrões”.

“A grande maioria gosta do seu jeito de ser. Apenas os gordinhos se aborrecem quando são chamados de ‘gordos’”.

“Não foi percebido, nas aulas, alunos/as com problemas quanto ao corpo, forma física, postura etc.”.

“A maioria deles é bem com seu próprio corpo”.

“Levando-se em consideração o público adolescente para o qual leciono, é notória a insatisfação com o corpo, pelo fato de não se enquadrarem nos padrões impostos pela mídia, sociedade e redes sociais”.

“Adolescente nunca está satisfeito com nada”.

“Poucas vezes toquei nesse assunto com os/as alunos/as. Mas acredito que aqueles/as que se encontrem fora dos padrões impostos pela sociedade enfrentam dificuldades em lidar com o próprio corpo”.

“Alguns apenas não se valorizam”.

“Existem casos em que alguns/algumas alunos/as não estão satisfeitos/as por estarem um pouco cima do peso e até mesmo muito magros”.

“Eles/as tentam ser inseridos/as nesse contexto midiático, por isso estão sempre em conflito com eles/as mesmos/as”.

“Não observo muitas manifestações de insatisfação quanto às questões estéticas ou manifestações de caráter religioso durante a prática e ou reflexões dos conteúdos ministrados”.

QUESTÃO 07.

“Os/as alunos/as se aceitam bem na forma que são”.

“Muitos/as entram em conflito sobre o que aprenderam na igreja e o que gostam”.

“A maioria não conhece sobre os ensinamentos da bíblia. Mas só converso sobre religião se algum/alguma aluno/a perguntar”.

“Eles/as ‘obedecem’ o que é permitido, ou não, pela religião”.

“Não acontece com constância na prática escolar e, quando acontece, resolvemos com a família”.

“Entre alunos/as de 6.º e 7.º anos, a maioria é católica e não faz alusão às roupas. Os que não são católicos é que ficam reclamando”.

“Nenhuma restrição quanto às atividades na escola, sendo que as orientações de respeito não atrapalham o aprendizado”.

“Os padrões religiosos e suas influências muitas vezes impedem que os/as alunos/as compreendem as diversas possibilidades que o corpo pode atingir por causa do medo e das limitações impostas pela religião”.

“Muitas vezes, por não conhecer a própria bíblia, alguns ficam presos a dogmas e são excluídos de certas atividades escolares”.

“Os mais tradicionais seguem firmemente uma religião mais conservadora, não se relacionando de maneira harmônica com o corpo; valorizando mais os aspectos da alma em relação às coisas materiais e corporais”.

QUESTÃO 08.

“Muitos/as não se importam com religião”.

“Alguns quase se relacionam com as coisas materiais e corporais (supervalorizando); mas muitos seguem os costumes religiosos sem qualquer entendimento, muitas vezes influenciados pela família”.

“Vão muito de encontro às informações da família e alicerçados pela comunidade escolar”.

“Acho que é um combate difícil para nós que ficamos tão pouco tempo com eles”.

“Penso que a escola poderia abrir um debate sobre religião, corpo, alma e mente com espírito”.

“A vontade de estar questionando as autoridades é diária, mas esbarra nas influências que a religião impõe”.

“Devido ao nível de conhecimento do/a aluno/a e sua família, com relação à escola e seu papel”.

“Alguns/algumas alunos/as, devido à orientação religiosa, dizem que não podem mostrar o corpo, nem dançar e participar de aulas de dança”.

“Diante das questões religiosas, utilizo o diálogo em construção com o/a aluno/a”.

“A mídia determina a conduta dos/as alunos/as”.

“Os/as alunos/as se influenciam pelos/as colegas”.